Abril

Editora ABRIL
edição 2829 - ano 56 - nº 7
22 de fevereiro de 2023

veja

www.veja.com

O CARNAVAL PÓS-PANDEMIA

A festa de 2023 pode entrar para a história como uma resposta de alívio aos três anos de isolamento e tristeza no combate ao coronavírus. A expectativa é de mais pessoas na rua, em comparação com 2019, e mais dinheiro no setor turístico

Imagem de sala cirúrgica do Vila Nova Star, em São Paulo

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz

Editores Executivos: Daniel Hessel Teich, Monica Weinberg **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Diogo Vassao Magri, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Gustavo Magalhães da Silva Junior, João Pedroso de Campos, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Leandro Bustamante de Miranda, Leonardo Caldas Vargas, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Purchio Haddad, Marcela Moura Mattos, Maria Aguida Menezes Aguiar, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Paula Vieira Felix Rodrigues, Ramiro Brites Pereira da Silva, Reynaldo Turollo Jr., Sérgio Quintella da Rocha, Simone Sabino Blanes, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara, Victor Irajá **Sucursais: *Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórter:** Caio Franco Merhige Saad **Estagiários:** Camille da Costa Mello, Diego Alejandro Meira Valencia, Eric Cavasani Vechi, Felipe Soderini Erlich, Gabriela Caputo da Fonseca, Giovanna Bastos Fraguito, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Maria Fernanda Sousa Lemos, Marilia Monitchele Macedo Fernandes, Matheus Deccache de Abreu, Paula de Barros Lima Freitas, Pedro Henrique Braga Cardoni **Checadora:** Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus e Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Colaboradores:** Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Mailson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira
DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES Guilherme Valente
DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 829 (ISSN 0100-7122), ano 56/nº 7. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

www.grupoabril.com.br

ALÍVIO NECESSÁRIO A folia em 1919, depois da gripe espanhola, e as ruas de São Paulo lotadas no fim de semana de aquecimento para o Carnaval de 2023: autêntica forma de felicidade

SINAL VERDE PARA A FESTA

EM MARÇO DE 1919, os hospitais de campanha ainda tingiam a capital federal, o Rio de Janeiro, de toldos brancos improvisados. Pouco antes da virada do ano anterior, faltavam coveiros para enterrar os mortos em cemitérios super-

FOTOS ACERVO BOLA PRETA; FABIO ROSSI/AG. O GLOBO

lotados de corpos. Os médicos da Santa Casa de Misericórdia adoeciam, e coube aos religiosos ocupar o lugar dos profissionais de saúde. Mais de 600 000 pessoas tinham contraído o vírus e pelo menos 15 000 perderam a vida. E, então, em movimento que a história da ciência ainda não soube explicar, deu-se o fenômeno da imunidade coletiva, com a acelerada queda do número de casos e mortes em decorrência de uma versão do *Influenza*. Era o fim da gripe espanhola, que desembarcara no Brasil a bordo do navio Demerara, vindo de Lisboa, com escalas em Dakar, Recife e Salvador, até atracar no Rio.

Calhou de o fim daquela pandemia coincidir com a véspera do Carnaval, em março — e a resposta da população ao tempo de horror e drama, a resposta ao luto, foi sair às ruas como nunca antes. "Seja bem-vindo, Deus Momo", estampou o *Correio da Manhã*. "O Carnaval é a grande força que liberta o carioca da tristeza que passa o resto do ano." Fenômeno semelhante de desafogo é o que se verá nas ruas em muitos pontos do Brasil no Carnaval de 2023, como mostra a reportagem que começa na página 54, que parte do país de 1919 para chegar aos dias de hoje, numa trilha que revela a função catártica da folia como manifesto de um povo cansado de tanto esperar. No ano passado, com a crise sanitária de Covid-19 razoavelmente controlada, houve a ômicron, a variante que se disseminava com rapidez. Agora parece haver controle, com a pandemia próximo do fim, apesar de a Organização Mundial da Saúde manter e recomendar cau-

tela. No domingo 12, pela primeira vez desde a eclosão do surto, em 2020, não houve registro de mortes em um único dia no Brasil — ainda que a média móvel de óbitos dos sete dias anteriores tenha sido de 45. Mas, sim, o desfecho está próximo — o que não exclui vacinação anual e, eventualmente, cuidados como o uso de máscara em transporte público. O alívio pode ser traduzido por estatística, visível no asfalto e nos clubes. No Brasil inteiro, estimam-se 5 000 blocos pelas ruas — em patamar semelhante ao de 2020, o último Carnaval antes da quarentena. Calcula-se que 46 milhões de pessoas saiam às ruas, contra 36 milhões há três anos. A movimentação financeira chegará a 8,2 bilhões de reais — no ano passado foi de 6,4 bilhões de reais.

Vale atrelar os próximos quatro dias, para tudo terminar na Quarta-Feira de Cinzas, como sempre, a uma frase do poeta Carlos Drummond de Andrade: “Ser feliz sem motivo é a mais autêntica forma de felicidade”. Trata-se de viver o Carnaval como interregno necessário da dura vida de um país em construção, desigual, e que ainda chora as 700 000 mortes pela pandemia. A festa não é esquecimento — ao contrário, é combustível para seguir em frente. ■

GABRIELA BILÓ/FOLHAPRESS

É PRECISO PUNIR

Ministro diz que as plataformas devem ser responsabilizadas pela difusão de conteúdos criminosos e afirma não ter dúvida sobre o envolvimento de Jair Bolsonaro em tentativa de golpe

DANIEL PEREIRA

O PETISTA Paulo Pimenta costuma participar da primeira audiência diária do presidente Lula, quando analisam o noticiário, mapeiam os assuntos que dominam as redes sociais e traçam estratégias para a disputa política. Até agora, de acordo com ele, o governo tem sido bem-sucedido e só teve ganho de imagem, dentro e fora do Brasil, em cada um dos 45 dias iniciais de trabalho. Licenciado do mandato de deputado federal, o ministro tem formação em jornalismo, mas foi escolhido para o cargo em razão de outras credenciais. Filiado ao PT desde meados da década de 80, ele é reconhecidamente combativo e leal ao presidente. No auge da Lava-Jato, por exemplo, tomou a dianteira da pressão feita por parlamentares sobre o Supremo Tribunal Federal a fim de impedir que Lula, na época preso na carceragem da Polícia Federal em Curitiba, fosse transferido para o presídio de Tremembé (SP). A seguir, os principais trechos da entrevista, em que o chefe da Secretaria de Comunicação do governo defende regulamentação para as plataformas digitais, diz que o Estado não deve se intrometer em questões que envolvam conteúdo e acusa Bolsonaro de estar envolvido até o pescoço com a tentativa de golpe em 8 de janeiro.

Em sua avaliação, qual o papel ideal da imprensa na democracia? A liberdade de imprensa é um pouco o termômetro do momento histórico, da maturidade da democracia num determinado país. Ter a garantia de uma imprensa livre, que possa exercer de forma plena a capacidade de in-

vestigar, de cobrar e de denunciar, é algo que ajuda sempre. Ajuda o governo e ajuda a democracia.

Em momentos recentes, houve embates muito duros entre o governo e a imprensa. Isso é natural? Da mesma forma que devem ser investigados e cobrados, os governos devem ser reconhecidos como parte do processo político, no qual ele é vidraça, mas também tem opinião sobre as coisas. O governo não está imune de ter opinião no limite daquilo que é o processo democrático, que não envolve perseguição, não envolve censura. Vou dar um exemplo. Saiu na capa de um jornal uma fotomontagem simulando um tiro *(no presidente Lula),* e a Secretaria de Comunicação se manifestou considerando aquilo um desserviço do ponto de vista jornalístico por ser uma fotomontagem na semana em que o Palácio do Planalto tinha sido quebrado. Isso é censura? Não é. É opinião do governo.

"O modelo de negócio das big techs não pode se sobrepor ao interesse público. Se o Estado não afirmar que essas plataformas não podem ganhar dinheiro assim, elas seguirão em frente"

O senhor é favorável à proposta de regulamentação dos meios de comunicação? Esse debate está na Constituição e jamais envolveu conteúdo, censura ou controle da informação. É um debate muito mais de natureza empresarial, mas neste momento existem outras pautas da comunicação tão mais presentes. Recentemente, vi uma conferência do ex-presidente Barack Obama em que ele dizia se arrepender de não ter tratado de forma mais aprofundada, durante o seu governo, do tema das plataformas, das chamadas big techs. Segundo Obama, o fato de a sociedade não ter tratado desse assunto de forma adequada permitiu um processo de corrosão da democracia. Esse tema é muito mais atual.

Qual a proposta do governo no caso das plataformas? O governo ainda não tem uma opinião conclusiva. Particularmente, eu acho que a ideia de que as plataformas não têm responsabilidade sobre o conteúdo que veiculam não se sustenta. Esse é um conceito derrotado pela vida real. Basta ver o que aconteceu aqui no processo eleitoral, quando vimos o Judiciário de certa forma legislando, normatizando mecanismos para proteger a democracia. É uma violação da liberdade de expressão o Poder Judiciário determinar a remoção de conteúdos antidemocráticos que questionaram a segurança das urnas eletrônicas? Eu acredito que não, porque o conceito de liberdade de expressão é importante, mas relativizado por outro, que é o direito coletivo, o direito da sociedade, da democracia.

Qual o problema central na atuação das plataformas? O modelo de negócio das big techs não pode se sobrepor ao interesse público e ao conjunto de outros valores que estão em debate nessa questão. Se o Estado não afirmar que essas plataformas não podem ganhar dinheiro divulgando conteúdo criminoso, elas vão seguir em frente. Transmitiram ao vivo o quebra-quebra na Praça dos Três Poderes. Ganharam dinheiro, e quem estava transmitindo também ganhou dinheiro. Se a plataforma recebe publicidade, se há postagem impulsionada nela, a plataforma é mídia e, portanto, deve receber o mesmo tratamento que o restante da mídia recebe. Deve responder judicialmente por aquilo que divulga.

Esse quadro que o senhor descreve contribuiu para eventos como o 8 de janeiro? Acredito que sim. A falta de regulação acabou sendo uma ferramenta importante para a disseminação de ideias autoritárias e teorias conspiratórias. Precisamos formar um consenso progressivo na sociedade de que o impulsionamento e a monetização de conteúdo antidemocrático é um ato criminoso, que não pode ser veiculado livremente sem que a plataforma seja corresponsável. Muitas vezes, a gente reduz esse tema só para a dimensão da política, mas ele é bem mais amplo e envolve, por exemplo, a saúde pública. Hoje, o cidadão está em casa e recebe um link que vende um remédio que não existe, produzido em fundo de quintal, sem autorização da Anvisa. A plataforma não tem nenhuma responsabilidade sobre isso?

Qual o plano do governo para combater as *fake news?* Desinformação é outra coisa, é disputa de narrativa, e aí o tratamento deve ser outro. Sou absolutamente contrário a qualquer ideia de que o Estado deva regular a disputa de conteúdo, de versão, de narrativa. Agora, acho que a sociedade deve fazer um esforço para construir um espaço saudável por onde a informação transite e para que as pessoas que compartilhem *fake news* tenham vergonha da prática e tenham clareza de que se trata de uma conduta reprovável do ponto de vista social. Quando eu era criança, as pessoas faziam piadas homofóbicas e racistas. Hoje, quem faz é tratado como uma pessoa vil.

A ideia, equivocada, de que a vacina pode fazer mal à saúde é *fake news* ou disputa de narrativa? Eu fiz a mesma pergunta à ministra da Saúde *(Nísia Trindade).* Ela me disse que a comunidade científica internacional tem uma posição consolidada que sustenta que a vacina funciona e que não existem estudos respeitados em nenhum lugar do mundo que digam o contrário. O cidadão que divulga a cloroquina, impulsiona esse negócio, comete crime. Cabe ao Ministério Público e aos órgãos de fiscalização e controle tomar as providências, e às plataformas não permitirem que essa informação circule.

Que tipo de *fake news* ou de narrativa mais atrapalhou até agora o novo governo? Estes 45 dias iniciais foram

muito favoráveis ao governo, dentro e fora do Brasil, do ponto de vista de imagem. Eu tenho um método de trabalho: chego ao final do expediente e faço um balanço sobre se o dia foi bom ou não. Dos 45 dias, ganhamos em todos. Não perdemos em nenhum deles a narrativa de fatos positivos e importantes para o país.

Qual foi o melhor dia? Foi o da posse. E o pior foi o do quebra-quebra.

Alguns analistas avaliam que, apesar da tragédia, o 8 de janeiro acabou produzindo um cenário político favorável para o governo. O dia em si foi muito ruim para todos. Já o dia seguinte foi muito importante, porque às 9 da manhã, com o palácio quebrado, estavam reunidos aqui os chefes dos três poderes mostrando para a sociedade e o mundo que o que ti-

> **“A ideia de golpe estava presente em algumas figuras, como no próprio Bolsonaro e em alguns militares. Minha opinião é que o ex-presidente está até o pescoço envolvido nesses atos criminosos”**

nha sido atingido era o espaço físico das instituições, mas que elas funcionavam normalmente. O presidente saiu daquela reunião e se encontrou com os comandantes militares. Depois, começou a receber ligações de chefes de Estado, reuniu-se com todos os governadores e junto com os chefes dos poderes atravessou a praça para ir ao Supremo. Aquele dia foi um dos mais importantes para a democracia. A resposta foi dada.

Houve efetivamente uma tentativa de golpe? Houve. Ocorreu uma ação ao mesmo tempo na sede dos três poderes, e qualquer um dos poderes poderia ter convocado uma GLO *(a Garantia da Lei e da Ordem levaria o Exército às ruas),* o que poderia ter consequências imprevisíveis. A reação das instituições foi muito importante naquele momento. A partir dali, reduziu-se e muito a expectativa daqueles que imaginavam que ainda era possível algum tipo de ruptura. Até ali, essa ideia estava presente em algumas figuras, como no próprio Bolsonaro e em alguns militares. Eles não foram derrotados no dia da eleição. Foram derrotados no 8 de janeiro, que obrigou as pessoas a escolherem de que lado querem ficar.

O ex-presidente Bolsonaro tem de ser responsabilizado pelo ocorrido? Se as investigações conduzidas pelo Supremo Tribunal Federal levarem à sua participação, de seus familiares e de pessoas próximas a eles, todos devem responder como qualquer outra pessoa pelos crimes que comete-

ram. Agora, minha opinião é que o ex-presidente está até o pescoço envolvido nessa tentativa de golpe.

Como chefe da Comunicação do governo, o que o senhor gostaria de construir em relação à imagem do presidente Lula? Um presidente que não é o presidente só de quem votou nele, de quem só concorda com as ideias dele. Um presidente que é capaz de promover um grande processo de reencontro nacional, de criar um ambiente de superação da intolerância, do ódio, desse sentimento que divide a sociedade e até as famílias.

Quando se refere a Bolsonaro como genocida, Lula não corre o risco de desagradar aos 58 milhões de eleitores do ex-presidente e de aprofundar a divisão? O ponto de partida deve ser o 8 de janeiro, e não o dia da eleição. Uma parcela da sociedade que votou no Bolsonaro abriu uma porta para que a gente possa buscar a recomposição do diálogo. E uma repactuação não pode ser sinônimo de impunidade. Todas as sociedades modernas que tiveram democracias consolidadas fizeram um processo agudo de responsabilização da conduta de líderes políticos que incentivaram essas sociedades a mergulharem em crises civilizatórias e humanitárias. Quando o presidente se refere ao ex-presidente dessa forma é porque ele tem uma compreensão de que, se o ex-presidente tivesse agido de outra maneira, centenas de milhares de mortes que ocorreram no Brasil poderiam ter sido evitadas. ■

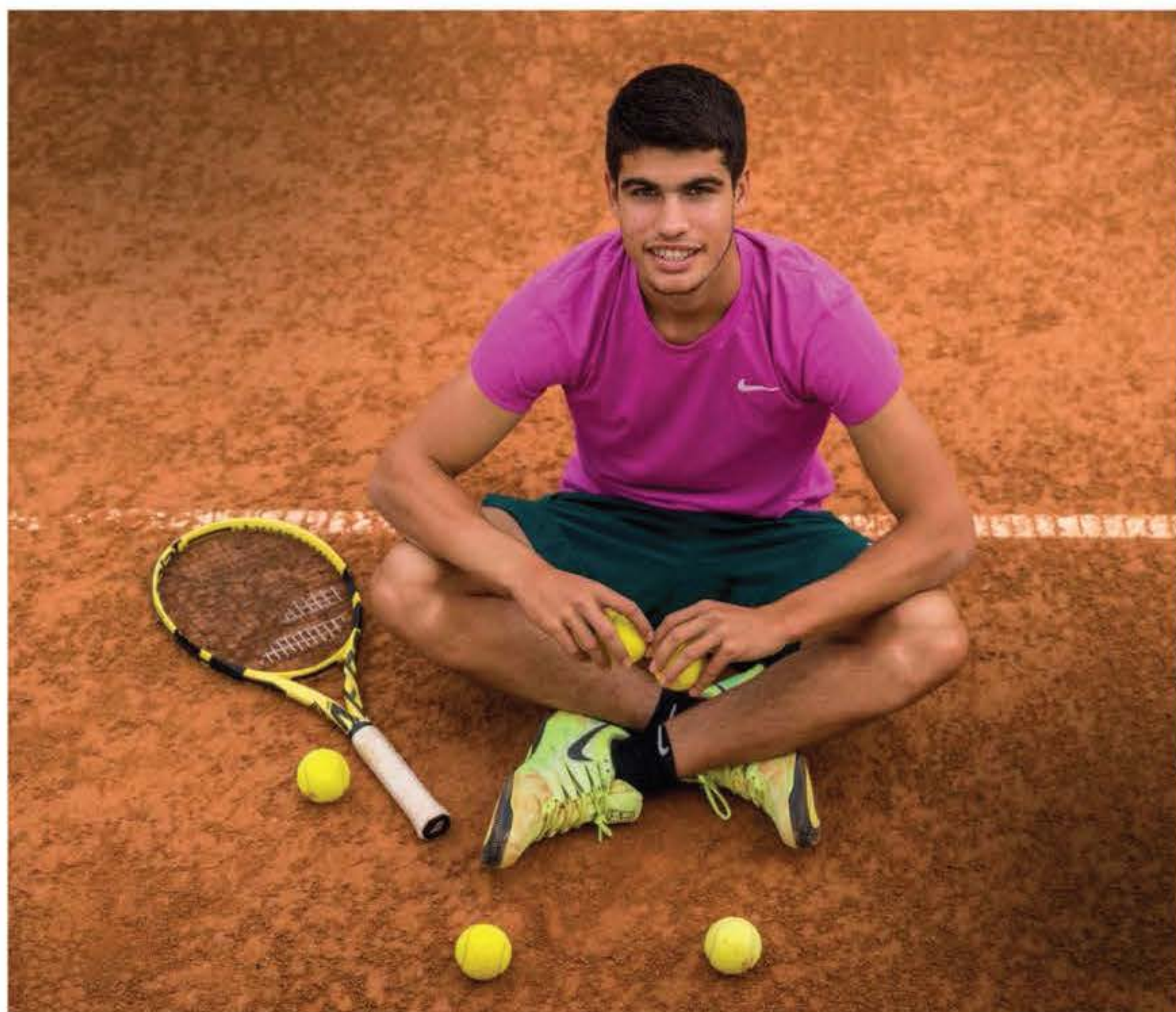
PARIS EM CHAMAS

O CARRO sendo consumido pelo fogo em Paris serve de termômetro para a escalada da temperatura nas incandescentes ruas da cidade, desde seus primórdios tão habituada aos protestos. Desta vez, **o que agita as labaredas é a proposta de reforma da Previdência empunhada pelo presidente Emmanuel Macron,** a mesma que já foi tentada por ele próprio, em 2019, e por

BERTRAND GUAY/AFP

antecessores, mas sempre engolida pela falta de apoio político e popular. A medida posta à mesa propõe um aumento da idade mínima para a aposentadoria de 62 para 64 anos, vital para estancar um rombo que, com o país envelhecendo e os contribuintes minguando, chega a 10 bilhões de euros — e segue em rota ascendente, com aumento previsto de 40% até o fim da década.
A matemática financeira, porém, não freia a ira dos franceses (74% são contra) nem o poder mobilizador dos sindicatos, à frente de greves que têm paralisado serviços fundamentais — transporte, saúde, educação — e já encheram os encantadores bulevares com mais de 1 milhão de manifestantes em um único dia. Não será fácil aprovar o plano de Macron, que não tem maioria na Assembleia. Por isso, ele tenta selar laços à direita.
O impasse poderia ser resolvido na base de um decreto, mas a popularidade do presidente viraria pó. Enquanto isso, as ruas continuam efervescentes. ■

Ricardo Ferraz

MARCIAL GUILLÉN/EFE

INSPIRAÇÃO Alcaraz: "Igualar ou melhorar o que fez Nadal é impossível"

"SOU APENAS UM GAROTO"

Aos 19 anos, o número 1 mais jovem da história do tênis, principal estrela do Rio Open, diz que pretende seguir os passos do compatriota Nadal – mas se parece mesmo é com Gustavo Kuerten

Em setembro do ano passado, você se tornou o mais jovem número 1 do mundo. O que isso representa? Tenho noção do que conquistei, mas não mudei em nada. Ter chegado ao topo foi incrível, algo que sonhei desde pequeno, mas o recorde em si não tem tanta importância. Sigo sendo o mesmo garoto de sempre, com as mesmas ambições.

Esta será sua terceira participação no Rio Open. Qual a melhor lembrança que guarda do torneio no Brasil? O mais bonito foi poder celebrar o título do ano passado, o segundo da minha carreira, com minha família. Não pude visitar muitos lugares como turista, tomara que desta vez tenha mais tempo. Mas pude ir ao Cristo Redentor e foi incrível.

Seu carisma e estilo de jogo lembram muito o brasileiro Gustavo Kuerten. Já viu vídeos dele? Sim. Vi lances no YouTube, quando fui procurar por melhores momentos do meu técnico, Juan Carlos Ferrero, que foi um de seus grandes rivais. Ele me contou que Guga era um jogador excepcional, um dos melhores da época, mas infelizmente não pude vê-lo jogar.

Como lida com as constantes comparações com o compatriota Rafael Nadal? Sei que as comparações são inevitáveis, todos falam sobre isso. Mas falar é fácil, e eu não presto muita atenção. Igualar ou melhorar o que Rafa fez é praticamente impossível. O que sei é que vou lutar pela minha carreira e tentar me aproximar o máximo possível.

Que característica destacaria em seu jogo? Gosto de simplificar as coisas, jogo de maneira muito fluida e natural, e fisicamente sou muito ágil.

A saúde mental é cada vez mais discutida no esporte de elite. Embora jovem, você sente o cansaço do circuito? Sim, é muito esgotante, exigente, temos pouco descanso e muitas viagens. Cada um tem a sua maneira de desconectar, extravasar. O que eu faço é tentar me juntar com os amigos nas minhas pausas ou então arrumar um tempo para jogar golfe.

É verdade que seus pais ainda controlam as suas despesas? Eles finalmente deixaram você comprar um carrão? Sim, é verdade. Sou muito jovem, tem muitas coisas que não consigo controlar financeiramente e eles assumem esse papel. Quando tenho alguns caprichos mais luxuosos, ainda preciso pedir a eles. Mas a questão do carro eu já resolvi: ganhei um BMW elétrico do meu patrocinador e estou plenamente satisfeito.

Qual é seu sonho de consumo atual? Geralmente são coisas simples. Eu gosto mesmo é de tênis. Costumo gastar dinheiro com calçados. ■

Luiz Felipe Castro

A VIDA A SER VIVIDA

GABRIEL REIS

DISCRIÇÃO A editora de saúde de VEJA, Cilene Pereira: carinho e inteligência

A editora de Saúde de VEJA, **Cilene Pereira,** uma das mais respeitadas jornalistas de sua área de atuação, foi sempre muito discreta. Por meio de seu trabalho, e das relações sociais que costurou, contudo, era permanente inspiração para os colegas de trabalho — e para quem a lia. O rigor de Cilene ajudou a fundar um modo de acompanhar as notícias que brotavam dos institutos de pesquisa, dos hospitais e dos consultórios médicos. Em 2018, ela fez uma reportagem para a revista *IstoÉ* em torno do tabu da doação de órgãos no Brasil, país em que 40% das famílias recusam o oferecimento. Encerrou o texto — sempre fluente e cientificamente preciso, palatável para os leigos e surpreendente para os doutores — com uma revelação pública. Ela mesma era uma transplantada. Cilene era portadora de polineuropatia amiloidótica familiar (PAF), doença neurodegenerativa rara de origem genética que pode provocar danos como problemas cardíacos e perda progressiva de movimentos.

Um ano e oito meses depois dos primeiros sintomas, houve o diagnóstico e a recomendação do transplante. Após três meses de espera, foi levada à mesa de cirurgia. Por uma peculiaridade da doença, seu fígado não servia para ela, mas serviria para outro paciente. Passou, então, pelo que os especialistas chamam de "transplante dominó". Na noite em que recebeu um fígado novo, Cilene doou o seu a uma outra pessoa. As últimas linhas daquele relato íntimo são um resumo do modo como ela tocava o cotidiano e olhava para os outros. "Como é de praxe, não sei quem foi meu doador.

E também não sei quem recebeu meu fígado. Na verdade, isso não importa. O que importa é que, por causa de uma doação de órgão, eu sigo com minha vida, com as alegrias, os fracassos, os encantamentos, as angústias e as esperanças que fazem dela algo tão fascinante e desafiador. E torço para que a pessoa que recebeu meu fígado esteja, como eu, feliz e pronta para a vida que há para ser vivida."

Na vida que há para ser vivida, Cilene sempre soube equilibrar carinho com inteligência. Em 2016, ela e o marido, o advogado Itamar Ciochetti, receberam uma carta escrita a mão por uma das três filhas, Maria Clara, que já dava sinais de se identificar com outro gênero. "Depois de 15 anos e 9 meses, vocês estão ganhando um menino", escreveu. A própria Cilene daria um depoimento para o jornal *O Globo* a respeito daquela passagem. "O Nicolas se colocou como trans de forma muito bonita. A gente lembra até hoje. Eu estava chegando do trabalho à noite e ele disse que tinha uma correspondência para mim. Ainda brinquei: 'Não é boleto não, não é?'. Depois que li a carta, fui imediatamente ao quarto dele. Fiquei muito feliz, porque eu via que ele sofria. O período até se encontrar é doloroso, não só para ele, mas para nós, que estamos do lado. Para mim, foi um alívio. Disse que estava muito feliz e orgulhosa da coragem que ele teve ao dizer que queria viver como um menino." Nicolas é irmão de Cecília e Catarina.

Movida a curiosidade, alimentada por desafios, incansável e detalhista, no breve período em que esteve do "outro

lado do balcão", como diz o jargão da imprensa, ela trabalhou na assessoria Jeffrey Group, lotada dentro do Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, centro de excelência e conhecimento. Silenciosamente, teve papel fundamental na lida contra o negacionismo do governo de Jair Bolsonaro depois da eclosão da pandemia de Covid-19, em março de 2020. Passava as informações corretas, facilitava as entrevistas, iluminava as dúvidas. "A bandeira da equidade em saúde teve nela, exímia profissional, uma de suas maiores defensoras", diz Sidney Klajner, presidente da sociedade beneficente que controla o Einstein. Cilene teve um AVC hemorrágico na semana passada. Morreu em 13 de fevereiro, aos 57 anos, em São Paulo. ■

“O Brasil gasta muito e gasta mal.”

SIMONE TEBET, ministra do Planejamento e Orçamento

EVARISTO SA/AFP

"Hoje as únicas leis que se aplicam no Brasil são as leis de Newton. Nunca se sabe qual lei vale para o passado, imagine para o futuro."

WALTER SCHALKA, presidente da Suzano Papel e Celulose

"Para mim, jovem de direita é uma porrada no coração. A juventude é o balcão da revolução."

ELISA LUCINDA, poeta e atriz, a Marlene da novela *Vai na Fé,* da Globo

"Se vão para uma agressão ao estado democrático de direito tendo como vítima o Jair Bolsonaro, vão criar um grande mártir, vitimizar uma pessoa boa, que passou quatro anos sem denúncias de corrupção."

FLÁVIO BOLSONARO, senador, em nome do pai

"Não dá para salvar todos."

AMMAR AL-SALMO, coordenador de um grupo de socorristas que atua nos escombros do terremoto na Síria

"De fora, você vê minha vida, uma vida perfeita. Mas eu sou humano, sabe? Eu tinha uma linda esposa, mas no fim não funcionou."

GABRIEL MEDINA, a respeito de seu casamento com Yasmin Brunet

"É de todos também sabida a impressão que a Livraria Cultura deixou para o Prêmio Nobel de Literatura José Saramago, que a descreveu como uma linda livraria, uma catedral de livros."

RALPHO WALDO DE BARROS MONTEIRO FILHO, juiz de direito, ao lamentar a necessária decisão judicial que decretou a falência da rede de livrarias criada em São Paulo

"Até agora, a inteligência artificial podia ler e escrever, mas não conseguia entender o conteúdo. Novos programas como o ChatGPT tornarão muitos trabalhos de escritório mais eficientes, ajudando a produzir faturas ou cartas. Isso vai mudar o nosso mundo."

BILL GATES, o fundador da Microsoft, empresa que mudou o mundo

"Não somos uma ONG."

NATHALIA ARCURI, dona do blog de finanças *Me Poupe!*, que demitiu 50% de seus funcionários

"Não é só amor."

NEYMAR, ao admitir que ele e o zagueiro Marquinhos discutiram com um dos diretores do PSG no intervalo da partida contra o Monaco. zO PSG foi derrotado por 3 a 1

INSTAGRAM @PAOLLAOLIVEIRAREAL

“Meu lado Zeca Pagodinho está em não abrir mão da minha cervejinha. No mais, prefiro levar a vida, do que deixar ela me levar.”

PAOLLA OLIVEIRA, rainha da bateria da escola de samba Grande Rio, campeã do Carnaval carioca de 2022

FERNANDO SCHÜLER

SUPERAR O APARTHEID

EM REGRA, menos de 10% dos alunos de nossas "escolas de elite", campeãs do Enem, são negros. Foi o que mostrou a pesquisa conduzida pelo sociólogo Luiz Augusto Campos. O sistema é "segregado", ele diz, com razão. Acrescentaria apenas um ponto: isso é apenas a ponta do iceberg. Nosso apartheid educacional é muito mais amplo. Alunos de menor renda, em sua maioria negros, se concentram nas redes estatais, situação que se inverte na educação privada. As raízes do problema são históricas, mas o sistema que o sustenta é fruto de um sistema que cultivamos todos os dias. Ele diz o seguinte: famílias com maior renda podem escolher. Escapam das redes estatais, vão para o setor privado, e os alunos alcançam 41% de proficiência em matemática (Ideb, 2019). Famílias de menor renda, a grande maioria, não têm alternativa. Estão atadas ao monopólio estatal, onde apenas 5% alcançam proficiência em matemática. Uma tragédia que gostamos de empurrar para baixo do tapete. Dizemos que a culpa é da pobreza, das famílias que não ajudam, dos próprios alunos, como se a condição econômica fosse um tipo de condenação. Discurso sem nenhuma base nos

fatos. A experiência do ProUni vem mostrando que os alunos bolsistas integrais apresentam, em média, resultados sistematicamente melhores do que seus pares de maior renda, no Enade. É apenas um sinal. Todos podem aprender, garantindo-se condições adequadas. Exatamente o que nosso velho e burocrático modelo estatal de ensino não faz.

Além dos resultados pífios, há o abismo social e racial. No Brasil, nos habituamos a aceitar passivamente a existência desses dois mundos. Nos recusamos a colocar em prática qualquer política pública que abra oportunidades para que alunos de menor renda estudem em boas escolas privadas. Nos aferramos à ideia do monopólio estatal da educação pública, como uma espécie de religião, sempre imaginando que "em dez anos" tudo será diferente. Esquecemos, como observou o economista Paulo Tafner, que estamos estagnados no Pisa, em matemática, desde 2009. E mesmo se conseguíssemos melhorar, aqui e ali, isso não resolveria o problema da segregação social e racial.

Me intriga, nisso tudo, nosso gosto pela autocontradição. Por um lado, queremos superar o "racismo estrutural"; por outro, não nos importamos nem um pouco em alimentar continuamente o sistema dos "dois mundos", na fase decisiva de formação das pessoas, na infância e na adolescência. Talvez aprendêssemos alguma coisa estudando as lições de um psicólogo social inovador, Gordon Allport, que em 1954 lançou um livro seminal, *A Natureza do Preconceito*. Sua tese era simples: o caminho mais curto para vencer a discriminação é o contato humano. No Exército americano, perguntaram aos soldados o

SEM PRECONCEITO Um bom caminho: crianças negras e brancas na escola

que eles achariam se sua unidade "incluísse, lado a lado, soldados negros e brancos". "De jeito nenhum" foi a resposta de 63% dos soldados de unidades segregadas; nas unidades em que já havia a diversidade, a recusa foi de apenas 7%. O mesmo princípio se aplicava a policiais, donas de casa, vizinhos e estudantes. Se crianças negras e brancas estudassem nas mesmas escolas, tenderiam a perder o preconceito. O trabalho de Allport foi seguido por um de seus discípulos, Thomas Pettigrew, que dedicou sua carreira a estudar a "teoria do contato". Em 2006,

WILL & DENI MCINTYRE/CORBIS/GETTY IMAGES

“O país é segregado por culpa exclusiva de nossas escolhas”

ele lançou um trabalho de grande impacto, revisando 516 estudos empíricos sobre o tema, em 38 países, e suas conclusões foram inequívocas: em 94% dos casos, o contato entre as pessoas reduziu o preconceito. E não apenas no aspecto racial, mas “também para preconceitos quanto à orientação sexual, idade, doença mental e deficiência física”.

O que mais me impressiona é o fato de o país não fazer nenhum esforço, no ensino básico, nessa direção. Para nossa elite e seus incontáveis ideólogos, pode-se discutir infinitamente a “escola pública”, desde que não se toque no tabu: como cruzar a fronteira dos dois mundos, como fazer para que estudantes de menor renda possam compartilhar o mesmo universo educacional de seus pares de maior renda. Gostamos de falar em diversidade, mas entramos em pânico com a mera menção de alguma iniciativa pública que permita que isso aconteça.

É ao que estamos assistindo exatamente agora, com a parceria firmada entre a prefeitura e o Liceu Coração de Jesus, no centro de São Paulo. O Liceu é uma instituição de ensino centenária, que formou gerações de paulistanos, e hoje pode atender a crianças da rede municipal que jamais conseguiriam pa-

gar a mensalidade de uma escola particular. Pois bem, bastou que a prefeitura gerasse essa possibilidade, a um custo similar ao investido na rede estatal, para que a gritaria começasse. A Constituição é clara, em seu Artigo 213, autorizando parcerias com escolas filantrópicas. Há demanda, a prefeitura tem o recurso, a infraestrutura e a expertise da instituição estão lá, mas não tem jeito. A lógica parece ser: esse modelo pode servir de exemplo para governos em todo o país, e é bom parar por aqui. E se os resultados aparecerem não em dez anos, mas já no ano que vem? E se aquela fronteira entre os dois mundos for cruzada, como é que fica? Estivéssemos de fato preocupados com inclusão, lembraríamos das lições de Allport e Pettigrew: faríamos não só com que pudessem estudar em uma boa escola, mas estudar lado a lado, alunos de menor e maior renda.

Quando me dizem que isso é impossível, lembro de algumas histórias. Uma é a do ProUni. O programa tem quase vinte anos, mais de 3 milhões de alunos puderam escolher onde estudar, e antes da sua criação também diziam que era impossível. Lembro dos hospitais, orquestras e centros tecnológicos geridos via organizações sociais ou PPPs, com casos de imenso sucesso; lembro das boas escolas do Senac e do Senai, de gestão privada com financiamento público. Lembro das incontáveis experiências no âmbito da OCDE, em que 58% do financiamento de escolas privadas tem fontes públicas, refletindo um sistema “misturado”, não segregado. Alternativas não faltam. A pergunta é: queremos de fato mudar, ou é apenas retórica? Com a mesma fórmula de sempre, chegaremos a resultados muito diferentes?

Por fim, me lembro de uma empreendedora do Espírito Santo, Bartira Almeida, que em 2008 criou o Instituto Ponte. Estruturou uma rede de parcerias com empresas e boas escolas, e oferece bolsas para que alunos de menor renda possam estudar lá. Os alunos são acompanhados, as famílias envolvidas, o desempenho excelente. Assistindo aos depoimentos daqueles jovens, que estudam economia ou medicina, sobre "voar longe", "realizar os sonhos", "mudar a minha vida e a do país", confesso que alguma coisa mexeu aqui por dentro, e é por isso que ainda escrevo sobre esses temas. A verdade é que o Brasil tem jeito. Que o nosso setor público deveria aprender e dar escala a iniciativas como essa. E que o país é segregado, no fundo, por exclusiva culpa de nossas escolhas. Escolhas de quem detém o poder, na política, no mundo da opinião, e no fim do dia paga muito pouco da conta de nosso atraso, se é que o faz. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

BANCO DO BRASIL

A instituição financeira obteve lucro líquido de 9,03 bilhões de reais no quarto trimestre de 2022, cifra 52% superior à marca em igual período de 2021.

REAL MADRID

Ao vencer no Marrocos a última edição do Mundial da Fifa, o clube espanhol somou 100 títulos oficiais na sua história, uma marca recorde.

TITANIC

Relançado no Brasil em versão 3D, o filme de James Cameron levou quase 300 000 pessoas aos cinemas no país 25 anos depois da estreia do longa por aqui.

DESCE

REGINA DUARTE

A atriz engordou a sua já longa lista de declarações estapafúrdias ao postar mensagem nas redes caçoando da sigla LGBTQIAP+ e das identidades sexuais.

PAN

Fundada em 1935, a tradicional fabricante de cigarrinhos, chocolápis e moedas de chocolate pediu autofalência à Justiça.

ALIENS

Não foi desta vez: as autoridades americanas descartaram que os objetos abatidos nos céus dos Estados Unidos sejam óvnis vindos de outros planetas.

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia,
Lucas Vettorazzo e Ramiro Brites

Crime e castigo

Espécie de referência moral do PT para tomar o lugar de Roberto Campos Neto no Banco Central e "enquadrar" o mercado, **André Lara Resende** fechou um acordo com o MPF em que confessou crimes milionários de sonegação e contrabando na negociação de cavalos de raça. Para escapar da Justiça, pagou 6,2 milhões de reais.

Confesso que soneguei

O acordo, firmado pelo MPF em SP, foi homologa-

YURI MURAKAMI/FOTOARENA

PEQUEI Lara Resende: flagrado sonegando, ele confessou o crime e pagou multa

do no fim de 2020. "O referido investigado manifestou seu interesse no acordo, apresentou relato dos fatos em forma de confissão formal da prática da infração penal", diz o texto.

Nome limpo

A confissão de Lara Resende preservou seus antecedentes criminais: "Visando assegurar a liberdade individual do beneficiário do acordo, não se fará constar da folha corrida referência a estes autos", decidiu a Justiça.

A briga pela briga

Apesar do tom conciliador do chefe do BC, Lula ignorou Campos Neto nesta semana. Não fez contato nem manifestou desejo de conversar. Quer tumulto.

Só falta o grupo de zap

Por outro lado, Campos Neto tem falado diariamente com Fernando Haddad e o número 2 da Fazenda, Gabriel Galípolo. Estão superalinhados.

No mesmo time

Campos Neto, aliás, acaba de liberar dois auxiliares dele no BC para assumirem cargos importantes na equipe de Haddad nas áreas de Reformas Microeconômicas e Economia e Justiça.

Torpedo a caminho

Haddad que se prepare. O TCU deve julgar em breve um caso sobre a gestão dele na prefeitura de São Paulo. O parecer técnico é pela condenação.

Bola fora

Emissários da cúpula da

Eletrobras tentam abrir diálogo com Lula. O ataque do petista à empresa derrete as ações e penaliza, sobretudo, trabalhadores que usaram o FGTS para investir.

Recomeça o jogo

O BNDES invalidou recentemente um processo interno que mirava a agência Propeg. O caso voltou à estaca zero.

Laços antigos

Por ordem de Janja, o petista Péricles de Mello deve ganhar um empregão em Itaipu. Ex-prefeito de Ponta Grossa, ele já foi chefe da primeira-dama.

Pente-fino no quartel

A decisão de Haddad de revisar contratos do governo acima de 1 milhão de reais virou foco de tensão com militares do Exército.

Nada é de graça

A operação de combate ao garimpo nas terras ianomâmis custará, na conta do Ministério da Defesa, 302 milhões de reais só neste semestre.

Prêmio de consolação

Não foi tão dura assim a conversa de Lula com o ex-comandante do Exército Júlio Arruda. Antes de demitir, o petista ofereceu ao general um cargo nos EUA, que preferiu curtir a família.

Rede secreta

A Claro foi escolhida pela Abin para cuidar das comunicações sigilosas do serviço secreto. Custo: 607 000 reais.

Alívio total

Questionado outro dia se não lamentava ir para casa no momento em que o STF

ANDRESSA ANHOLETE/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

AGENDA VERDE Pacheco: ele virou interlocutor dos EUA para a Amazônia

se aproxima da cúpula dos atos golpistas e de Jair Bolsonaro, Lewandowski foi direto: "Graças a Deus!".

Te vira, amor

Bolsonaro aprontou outra com Michelle. Ficou curtindo as férias nos EUA e deixou para ela o trabalho de desfazer todas as caixas da mudança na nova casa em Brasília.

Ascensão e queda

Ex-líder do governo Bolsonaro na Câmara, o major Vitor Hugo reassumiu recentemente seu cargo de consultor legislativo na Casa. Que tombo.

O avalista

Chefe do Legislativo, **Rodrigo Pacheco** terá encontro com o representante do governo de Joe Biden para o Clima, John Kerry, em Brasília, depois do Carnaval. Os americanos querem garantir o bom uso do dinheiro que será doado pelo país ao Fundo Amazônia.

Bombeiro petista

Líder do PT no Senado, **Fabiano Contarato** quer fazer um mandato moderado na condução dos temas partidários na Casa. Nessa crise com o BC, por exemplo, ele advoga que o partido pare de atacar Campos Neto. "Não é hora de jogar gasolina. A instituição é autônoma e é preciso respeitá-la", diz.

ROQUE DE SÁ/AG. SENADO

SABEDORIA Contarato: o líder do PT não quer radicalismo contra o BC

Não foi desse jeito

Decidido a matar a retórica petista de golpe, o MDB vai produzir um documentário sobre Michel Temer e seu governo. O ex-presidente atua pessoalmente no projeto e terá apoio de ex-ministros de sua gestão.

Disputa ainda indefinida

Quem conversa com Lula fica com a impressão de que a escolha do novo ministro do STF está indefinida. "Lula segue a máxima do Eduardo Campos: não quer intimidade com o problema. Se está longe ainda para resolver, não é hora de dar garantias", diz um aliado.

Quero fazer o L

O senador Carlos Viana, ex--PL e agora no Podemos, está louco para aderir ao governo Lula. Quer cargos.

Aposta bilionária

Prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes vai investir 9 bilhões de reais no programa habitacional da cidade. É muito mais do que Lula colocará nessa largada do Minha Casa, Minha Vida.

A vez de Tarcísio

O próximo Lide Brazil Conference de João Doria, em Londres, nos dias 20 e 21 de abril, terá Tarcísio de Freitas e Cláudio Castro como palestrantes. Simone Tebet também estará lá.

A espada de Dâmocles

O CNJ reserva para os próximos dias fortes emoções ao juiz Marcelo Bretas, que comandou a Lava-Jato no Rio.

União contra o mal

O Ibama fechou parceria com a PRF. Vão compartilhar informações de inteligência no combate ao crime.

Socorro financeiro

Nos 45 do segundo tempo, o governo de Cláudio Castro liberou 13 milhões de reais às escolas de samba do Carnaval da Sapucaí. Agora é só sambar. ■

JONATHAN ERNST/POOL/AFP

PRIMEIRO CONTATO Lula com Biden, em Washington: pressão pelo aval à agenda da Casa Branca

ENTRE DOIS MUNDOS

Lula visita Estados Unidos e China, as grandes potências de hoje, com a missão de defender os interesses do Brasil equilibrando-se entre rivalidades e posições opostas na política mundial

AMANDA PÉCHY E **CAIO SAAD**

Em viagens de alto simbolismo, o presidente Lula passou dois dias em Washington, no início de fevereiro, e se prepara para um encontro mais ambicioso em Pequim, em março, marcando presença, com diferença de poucas semanas, nos gabinetes das duas grandes potências mundiais — que, por motivos evidentes, vivem às turras. Ao contrário de como era na divisão do mundo no passado entre países dominantes, Estados Unidos e União Soviética, quando as alianças com um ou outro entrelaçavam política e economia e seguiam um manual conhecido, escolher lados agora é um exercício repleto de nuances, pleno de oportunidades e muito, mas muito mais complicado.

Em seus mandatos nos anos 2000, quando seu reconhecimento internacional estava no auge, Lula começou navegando bem a diplomacia entre os blocos, mas acabou por privilegiar o elo com a China, pela afinidade ideológica, e perdeu espaço nas relações com a Casa Branca. Agora, momento em que o nível de hostilidade entre americanos e chineses dispara, equilibrar-se entre os poderosos e encontrar o caminho que mais beneficie o Brasil exigirá do presidente um jogo de cintura especialmente engenhoso.

Lula desembarcou em Washington quando todos os olhos se voltavam para o céu — especialmente para os balões espiões que a China, aparentemente, vem espalhando pelo mundo. Quatro objetos foram abatidos em pleno voo sobre a América do Norte pela Força Aérea

SELIM CHTAYTI/POOL/AFP

INFLUÊNCIA Xi Jinping: ambição de superar as alianças dos Estados Unidos

americana, mas apenas os restos do primeiro, que cruzou o espaço aéreo dos Estados Unidos até ser derrubado na Carolina do Norte, parecem comprovar a tese da espionagem, equipados com antenas e sensores de vigilância. Seria um incidente de menor proporção se não envolvesse a tensão à flor da pele nas relações entre Washington e Pequim. Lula, prudentemente, distanciou-se do imbróglio na sua conversa com Joe Biden — mas nem por isso deixou de ser pressionado para avalizar posições americanas em conflitos geopolíticos,

Biden é o terceiro presidente dos Estados Unidos com quem Lula se encontra. Em 2009, visitou Barack Obama, que famosamente o chamou de "o cara" e com quem se ali-

CHAD FISH/AP/AMAGFPLUS

ALTA TENSÃO O balão chinês, pouco antes de ser abatido por um caça americano: acusação de espionagem nos céus

nhava ideologicamente no campo dos programas sociais. Mas seu interlocutor mais chegado foi o conservador George W. Bush, com quem esteve em 2007 e compartilhou objetivos econômicos na área de combustíveis, sobretudo etanol. Mais à vontade ainda, esteve em 2009 com o presidente chinês Hu Jintao em Pequim e chegaram a firmar um pacto de ação conjunta em órgãos internacionais. No ano seguinte, Hu devolveu a gentileza, viajando ao Brasil para uma reunião dos Brics.

Biden é um político mais duro de roer: vem de uma ala neoliberal do Partido Democrata, distante das trincheiras petistas e oposta aos progressistas, liderados pelo senador

Bernie Sanders, com quem Lula se encontrou logo ao chegar em Washington. Na conversa com Biden, o presidente brasileiro, de seu lado, trilhou uma agenda sem grandes polêmicas, focada em ambiente e democracia. O anúncio de que os Estados Unidos passarão a contribuir com o Fundo Amazônia foi um gol diplomático e a menção a duas datas de insurreição por turbas da extrema direita — 6 de janeiro de 2021, quando o Congresso americano foi invadido, e 8 de janeiro de 2023, quando bolsonaristas depredaram Câmara, Senado e STF — favoreceu um "clima forte de identificação" entre os dois mandatários, segundo fontes familiarizadas com o assunto. Já Biden eximiu-se de apresentar qualquer proposta de cooperação econômica e fez questão de tocar em assuntos espinhosos — obtendo, sim, concessões do lado brasileiro.

O presidente americano, empenhado em conter a ameaça da China no pódio geopolítico e anular a chance de uma vitória da Rússia na guerra contra a Ucrânia, apresenta-se como porta-estandarte da democracia e quer angariar aliados para a causa. Neste contexto, convidou Lula a participar, em março, da Cúpula pela Democracia, grupo que ele criou no início do governo para combater o autoritarismo ao redor do mundo. O convite contém uma pegadinha: na primeira edição, da qual Jair Bolsonaro participou de cara fechada, o tom anti-China era evidente, o que deve se repetir neste ano com um acréscimo de um novo integrante do lado de lá, o presidente russo Vladimir Putin.

A proposta lançada por Lula de formar um grupo de trabalho para buscar uma solução para a guerra na Ucrânia entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Biden deixou claro que, para ter voz ativa na negociação do fim do conflito, o brasileiro teria, primeiro de tudo, de

NEGÓCIO LUCRATIVO

A China é o maior parceiro comercial do Brasil, seguida dos Estados Unidos **(em bilhões de dólares)**

EUA

EXPORTAÇÃO

37,4

SAEM...

FERRO FUNDIDO, FERRO E AÇO

PETRÓLEO BRUTO

AERONAVES E SUAS PARTES

reconhecer que a Rússia é o agressor que viola continuamente o direito internacional e que a Ucrânia é sua vítima — deixando de lado declarações dúbias, como "quando um não quer, dois não brigam". Lula balançou, mas cedeu: no fim, em uma declaração conjunta, os dois presidentes condenaram sem meias-palavras Moscou pela invasão do território ucraniano, pelo desrespeito ao direito internacional, pelas mortes e pelos ataques a alvos civis.

ENTRAM...

EQUIPAMENTOS DE TELECOMUNICAÇÕES

MÁQUINAS E APARELHOS ELÉTRICOS

ADUBOS E FERTILIZANTES

ENTRAM...

COMBUSTÍVEIS REFINADOS

MÁQUINAS, MOTORES E APARELHOS ELÉTRICOS

PLÁSTICOS

Fonte: *Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. Dados de 2022*

Da mesma maneira, os Estados Unidos buscam definir quem está do lado de quem no que vem sendo chamado de "nova Guerra Fria" — embora esta seja impulsionada por um conflito quentíssimo. "O mundo já está dividido em dois blocos embrionários, um liderado pelo Ocidente, e o outro pelo presidente chinês Xi Jinping", diz Francisco Urdinez, diretor do Núcleo Millenium de Impactos da China na América Latina da PUC Chile. Nas últimas duas décadas, a China investiu pesado nos países latino-ameri-

EDILSON DANTAS/AG. O GLOBO

NA MIRA Huawei: a empresa é alvo de ameaças por coletar informação sigilosa

canos, tornando a região o segundo maior receptor de aportes diretos de Pequim depois da Ásia, e fazendo dos chineses o maior parceiro comercial da América do Sul. Mais de vinte países da região se juntaram à sua Nova Rota da Seda, megaprojeto de 5 trilhões de dólares para conectar os continentes por rotas marítimas e terrestres, favorecer exportações chinesas e moldar uma esfera de influência chinesa. Trata-se de um vínculo difícil de quebrar, pelos benefícios comerciais que acarreta.

No Brasil, a China substituiu os Estados Unidos como maior parceiro comercial em 2009, após quase um século de hegemonia americana. Em vinte anos, o valor dos bens comercializados entre Brasil e China *(veja o quadro na pág. 25)* passou de 3 bilhões de dólares para 152,7 bilhões de dólares, ou cerca de 40% de todas as trocas brasileiras, enquanto as transações com os americanos representam 15%. Os Estados Unidos, claro, se esforçam por reverter essa situação e suas empresas lutam para não perder mais espaço para os chineses, mas nesta nova ordem mundial prevalece o mote de "amigos, amigos, negócios à parte". Ou seja: aliar-se ao discurso americano da democracia *versus* autocracia não impede que o mundo continue a se beneficiar do baixo custo das mercadorias da China.

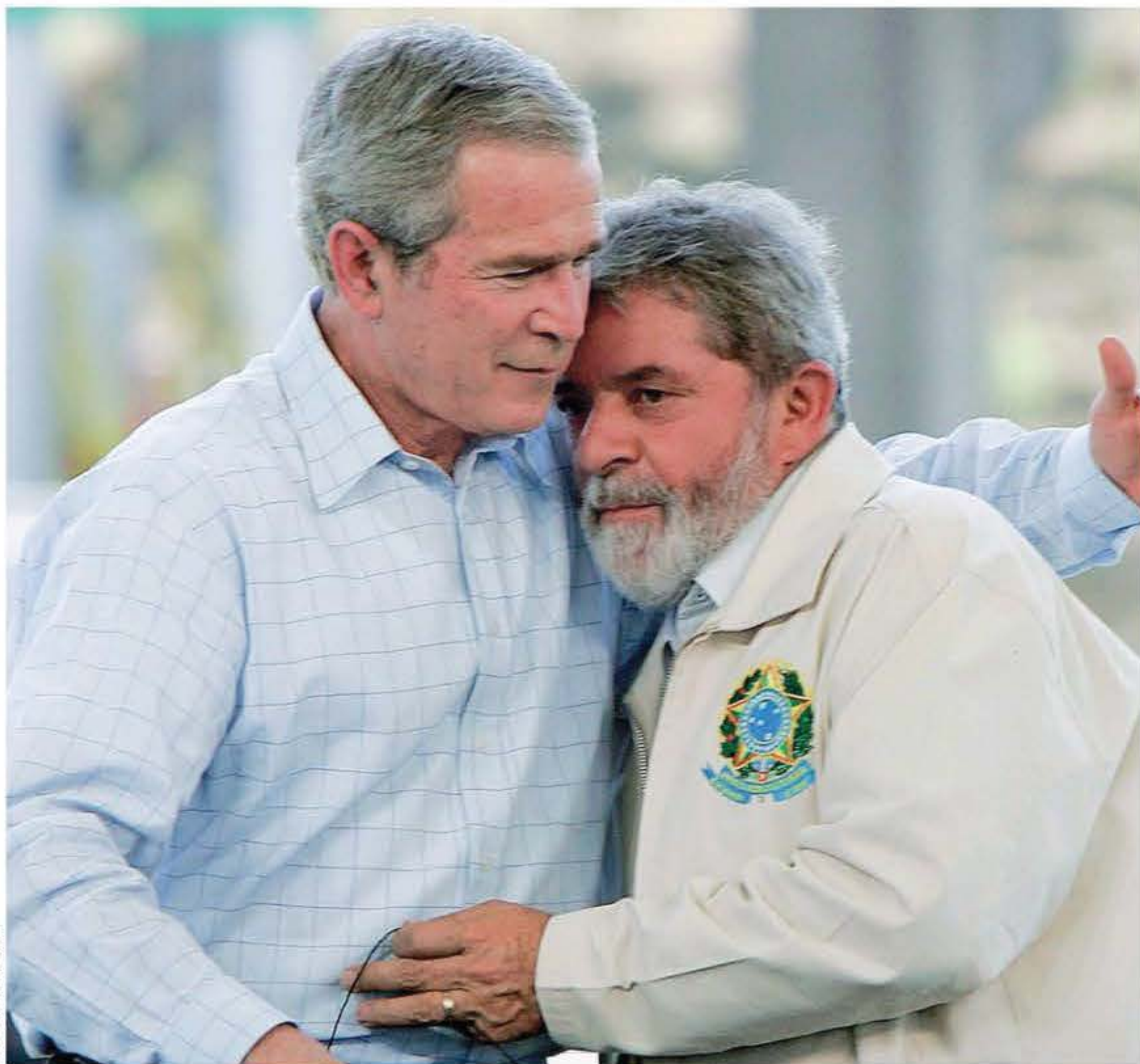
A opção preferencial pelas considerações políticas ficou nítida na enxurrada de incentivos recebidos pela taiwanesa TSMC para instalar uma megafábrica no estado do Arizona, não pelo que ela possa acrescentar à balança comercial

YASUYOSHI CHIBA/AFP

GUERRA Tropas ucranianas: Biden e agora Lula apontam a Rússia como agressora e a Ucrânia como vítima

americana (a conta, pelo menos no início, deve ser negativa), mas para remover da disputada Taiwan o fornecimento dos chips – a TSMC produz 70% dos mais tecnologicamente avançados — que movem a engrenagem do planeta. Entra também nessa conta a campanha mundial americana contra a gigante eletrônica chinesa Huawei e até o popular TikTok, demonizados pelo potencial de obter e repassar informações sigilosas do Ocidente para Pequim.

A Casa Branca explora ainda a possibilidade de estimular a fabricação em países das Américas — mais perto, portanto, de sua zona de influência, atrelada a produtos de tecnologia sensível, como carros elétricos e seus implementos,

ANTONIO SCORZA/AFP

PROXIMIDADE
Lula com George W. Bush em 2007 e com Hu Jintao *(à dir.)* em 2009: elo com a China foi privilegiado nos dois primeiros governos

JASON LEE/POOL/AFP

uma estratégia que ganhou o nome de *nearshoring* e tem o propósito de reduzir a dependência da China no Ocidente — um projeto embrionário e sem perspectivas de curto prazo para o Brasil. Na briga política para enfraquecer o poderio chinês, outras nações, como México e Canadá, saem na frente. "A América Latina e o Brasil, por extensão, têm relevância marginal na diplomacia americana", diz Paulo Velasco, professor de política internacional da Uerj. Para mudar esse estado de coisas, o Brasil, maior economia da região, precisa assumir posições que podem ser difíceis de engolir pelo atual governo. Exemplo desse tipo de saia justa é visto agora no México: os Estados Unidos já manifestaram seu interesse em financiar a instalação de fábricas no país, mas o presidente esquerdista Andrés López Obrador, o AMLO, tem resistido ao canto de sereia do gigante do Norte.

Lula declarou que pretende se guiar pelos interesses nacionais, estabelecendo parcerias com ambas as potências onde for mais conveniente, e que não tem intenção de tomar partido, sobretudo em momentos de agravamento de tensões. Não é opção para o Brasil (nem para grande parte do mundo) se afastar economicamente de Pequim. Tampouco é sustentável distanciar-se de Washington e de sua agenda contrária às investidas chinesas. "Teremos de fazer concessões desconfortáveis a ambos os lados", prevê Cynthia Arnson, ex-diretora do programa de América Latina do Instituto Wilson Center, de Washington. O pragmatismo, nesse mundo novo, é a palavra de ordem. ■

PROJETO DE EXPANSÃO

Depois de um período de ostracismo, Mercadante ressurge na cena com papel ativo no BNDES, promove embate velado com Haddad e demonstra enorme ambição de poder **LAÍSA DALL'AGNOL**

PROTAGONISMO Mercadante: criação de um "Ministério da Fazenda paralelo"

TOMAZ SILVA/AGÊNCIA BRASIL

EM SEU RETORNO ao Palácio do Planalto, Luiz Inácio Lula da Silva aproveitou para trazer de volta aos círculos do poder vários petistas graúdos que, após os anos dourados dos governos do PT, andavam em considerável ostracismo. Exemplo disso foi a indicação da ex-presidente Dilma Rousseff para comandar, na China, o Novo Banco de Desenvolvimento, também conhecido como banco dos Brics. Em meio a essa farta lista de políticos ressurgidos das cinzas, no entanto, o que chama mais atenção é o caso de Aloizio Mercadante, o integrante da turma de "reabilitados" que acumula hoje mais poder no novo governo e, não satisfeito, tem claramente um projeto de expansão territorial.

A carreira dele parecia enterrada de vez depois de sua participação na desastrada tentativa de barrar o processo de impeachment de Dilma e de sua atuação como conselheiro na catastrófica gestão econômica da ex-presidente. Eis que Mercadante está de volta, com um status que surpreende até os petistas mais graúdos: figura no hoje reduzido grupo de pessoas mais próximas ao presidente e, à frente do BNDES, escalou uma equipe com status de ministério paralelo ao da Fazenda, o que esquentou nos bastidores boatos de que seu próximo passo é tentar ocupar o espaço de Fernando Haddad como o grande czar da área. "Mercadante tem ambição de ganhar mais poder", afirma um dos colaboradores mais próximos a Lula.

Dentro desse novo capítulo da antiga tradição autofágica do PT, os movimentos políticos de Mercadante sobre Had-

TON MOLINA/FOTOARENA

MAL-ESTAR Fernando Haddad: desconforto evidente com discussão promovida pelo rival a respeito da nova âncora fiscal

dad são cada vez mais nítidos. No gesto mais recente e simbólico, o presidente do BNDES anunciou que promoverá um seminário para discutir, em março, sugestões de formatação da nova âncora fiscal, entre outros temas. A proposta vitoriosa do evento seria, então, apresentada ao chefe Lula. Como se sabe, a missão de elaborar a tal âncora em substituição ao finado teto de gastos é atribuição de Haddad, que previa, inicialmente, entregar um estudo da Fazenda ao governo e ao mercado em abril. Coincidentemente ou não, Haddad anunciou na última quarta, 15, que decidiu acelerar o envio do projeto da nova âncora — estudado há dois meses

pela equipe econômica — para março.

Sem muita convicção, os petistas tentam agora colocar panos quentes na situação. Não foi suficiente para acabar com o mal-estar. "O BNDES está entrando no assunto da Fazenda. A ideia do grupo de economistas em dar sugestões não tem nada demais, desde que fique claro que a responsabilidade é do ministério", diz Henrique Meirelles, ex-ministro da Fazenda de Michel Temer e presidente do BC nos anos Lula. Formulador do teto de gastos no governo Temer, Meirelles lembra que o mecanismo, em sua elaboração, já previa a necessidade de revisões com o passar dos anos, e defende a urgência. "A âncora fiscal é necessária para colocar limites no crescimento de despesas, porque quanto mais o governo gasta, mais alta fica a questão de juros e gera também mais inflação. E não adianta fazer âncora baseada em coisas que o governo não controla, como meta de superávit", completa.

CRISTIANO MARIZ

ALVO Roberto Campos Neto: ala do governo continua batendo forte no BC

Inegavelmente, a confusão provocada pelo seminário de Mercadante põe ainda mais pressão no já bastante pressio-

nado Haddad. O ministro da Fazenda vem se equilibrando na corda bamba entre as intenções mais radicais de Lula e o bom senso exigido na condução da economia, agindo como bombeiro em episódios como o recente ataque do presidente à gestão do BC e sendo, por tabela, alvo de fritura por parte dos colegas no núcleo duro do presidente da República. Nesse contexto, o fogo amigo de Mercadante não poderia vir em pior momento. O simpósio do chefe do BNDES, inclusive, tem respaldo de André Lara Resende, cofundador do Plano Real. Convidado para chefiar o Ministério do Planejamento do atual governo — oferta por ele declinada —, o economista tem endossado a cruzada de Lula contra Roberto Campos Neto, com críticas ferozes à política de juros fixada pelo Banco Central. O discurso não poderia estar mais alinhado às promessas desenvolvimentistas de Mercadante. "O novo BNDES vai ser industrializante e vai buscar projetos estruturantes e industrializantes (...) vai ser transparente, mas vai ser defendido pelo papel histórico e decisivo no futuro do Brasil. O BNDES voltou e vai voltar com muita força para a agenda do desenvolvimento", disse ele após a cerimônia de posse no banco.

Com apoio nos bastidores e no partido, Mercadante tem agido em sintonia absoluta com a presidente do PT, Gleisi Hoffmann. Desde a época da Lava-Jato, ela passou a ganhar crescente poder ao ter acesso ao seleto grupo de Lula. A uma pessoa próxima, Haddad já confidenciou que Gleisi não gosta dele. A impressão parece correta. A dupla Gleisi-Mer-

cadante criou a primeira saia justa para Haddad contrariando-o na questão da prorrogação da desoneração dos impostos federais sobre produtos como o combustível. Haddad havia defendido a volta da cobrança. No entanto, ao ser interpelado pela dupla, afirmam interlocutores, Lula decidiu assinar a medida provisória que manteve a desoneração dos combustíveis, sob um alegado risco de possível greve de caminhoneiros no seu primeiro mês de governo. Nos últimos dias, mesmo com acenos de bandeira de paz do ministro da Fazenda em direção ao BC e vice-versa, Gleisi continuou batendo forte na autoridade monetária.

ROSANA NAGGAR/ESTADÃO CONTEÚDO

COMEÇO Anos 80: membro do grupo de fundadores do PT

Em certa medida, o protagonismo atual de Mercadante é surpreendente. Tido sempre como um dos grandes quadros do PT, com projeção e votações expressivas nas disputas à Câmara e ao Senado, ele, no entanto, nunca conseguiu alçar voos mais altos ao tentar cargos executivos. Em 2006, quando era candidato ao governo de São Paulo, viu respingar em si o chamado "Escândalo dos Aloprados". À época, integrantes do PT foram presos após acusações de terem enco-

mendado um falso dossiê contra José Serra (PSDB), concorrente de Mercadante ao Palácio dos Bandeirantes. O esquema arquitetado pelos petistas — referido por Serra como "Kit PT de baixaria" — minou não apenas a candidatura de Mercadante, que acabou vencido pelo tucano, mas causou considerável desgaste no então governo Lula, já abalado pelo escândalo do mensalão.

ALAN MARQUES/FOLHAPRESS

CRISE Ao lado de Dilma: fiasco político atribuído a ele

Com a chegada de Dilma ao Palácio do Planalto, Mercadante assumiu o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Em 2012, foi ocupar a vaga deixada por seu agora quase rival, Fernando Haddad, no Ministério da Educação, que ficara aberta com a saída do titular para disputar a prefeitura de São Paulo. Dois anos depois, tornou-se o principal coordenador político de Dilma à frente da Casa Civil. Após o impeachment, acabou sendo deslocado para a Fundação Perseu Abramo, um posto sem brilho algum, até ser recuperado por Lula na última campanha. Terminadas as eleições, novo aceno do chefe ocorreu com a escolha de Mercadante para chefiar a equipe de transição. A

EDUARDO MATYSIAK/FUTURA PRESS

RESILIÊNCIA Com Gleisi Hoffmann, nos tempos da Lava-Jato: a dupla faz parte hoje do núcleo mais restrito de Lula

reabilitação ficou completa com a cadeira de comando do BNDES. Para além da fidelidade que Mercadante devota ao líder petista, ele tem a seu favor fazer parte do restrito núcleo que não foi cancelado pelas denúncias de corrupção dos últimos anos. O único caso em que era citado, relativo a uma suposta tentativa de interferir nas investigações da Lava-Jato, foi arquivado. Nesse processo que culminou na volta por cima, Mercadante sentiu-se suficientemente empoderado para acender a faísca que detonou a política do fogo amigo, inaugurando a primeira grande intriga dentro do recém-iniciado governo de Lula. ■

OS DIVIDENDOS DO PODER

Ex-apoiador de Bolsonaro amplia sua influência no atual governo, é alvo de intrigas difundidas pelos próprios aliados e enfrenta a desconfiança dos petistas **MARCELA MATTOS**

LÁ E CÁ Davi Alcolumbre: o senador continua sendo peça-chave da articulação política — só que agora na gestão Lula

INSTAGRAM @DAVIALCOLUMBRE

O SENADOR Davi Alcolumbre é dono de um perfil típico de político do interior — jeitão simplório, bonachão e sempre pronto a justificar suas posições, inclusive as mais controversas, como ações em favor dos eleitores "do nosso Amapá". No governo passado, ele se aliou a Jair Bolsonaro, disputou na condição de azarão a presidência do Congresso e foi eleito. No cargo, cumpriu tarefas importantes de interesse do Planalto, conquistou a confiança dos colegas ao viabilizar pleitos junto ao governo e angariou a simpatia do Supremo Tribunal Federal ao resistir à pressão para abrir processos de impeachment contra os ministros. A recompensa veio em forma de poder, influência e uma avalanche de verbas dirigidas ao seu estado, o que lhe garantiu uma reeleição relativamente tranquila no ano passado. Imaginava-se, porém, que a escalada do senador — ex-dirigente do DEM, legenda que Lula um dia disse que precisava ser extirpada da política brasileira — no mínimo ficaria naturalmente comprometida com a derrota de Bolsonaro. Deu-se o contrário.

Desde o dia 1º de janeiro, Alcolumbre tornou-se um dos mais fiéis aliados de Lula. Ele não só foi capaz de fazer essa transição com abnegação como ampliou ainda mais seu raio de influência. No novo papel, o senador se empenhou decisivamente na reeleição de Rodrigo Pacheco para presidir o Congresso e articulou o apoio de seu partido, o União Brasil, ao governo. Em contrapartida, indicou três ministros de Estado, recebeu a garantia de que o apoio de agora será retribuído daqui a dois anos, quando ele planeja voltar a coman-

ROQUE DE SÁ/AGÊNCIA SENADO

APOIO Alcolumbre com Rodrigo Pacheco: influente na presidência do Senado

dar o Parlamento, e ainda foi agraciado com a liberação de mais algumas dezenas de milhões de reais em verbas e obras. Tamanha deferência tem explicação. Alcolumbre se gaba de ter uma bancada própria no Senado, formada, segundo ele, por cerca de trinta dos 81 parlamentares, que seguiriam cegamente suas orientações — prestígio adquirido com o chamado orçamento secreto. A VEJA, um ex-ministro de Bolso-

TWITTER @JOSIEL_AT

CONTRAPARTIDA Dinheirama para o Amapá: 1 bilhão por ano do orçamento

naro contou que o senador enviou cerca de 1 bilhão de reais por ano através desse mecanismo "ao nosso Amapá".

O prestígio de Alcolumbre junto ao novo governo, aliás, é mais que notório — é público. Ao anunciar quem comandaria o poderoso e disputado Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional, por exemplo, Lula quebrou o protocolo e revelou o padrinho da indicação. O senador, dis-

se o petista, teve "competência" e a "inteligência" de apresentar para a pasta o ex-governador do Amapá Waldez Góes, a quem foi incumbida a missão de gerir um órgão com orçamento de 54 bilhões de reais. Aliados do parlamentar revelam que essa "competência" e "inteligência" responde pelo nome de Rodrigo Pacheco. O presidente do Congresso tem uma dívida de gratidão com Alcolumbre por ter sido escolhido como seu sucessor e, por isso, deu a ele uma espécie de procuração para falar e agir em seu nome. Vendendo caro esse peixe valioso, o senador foi autorizado a indicar outros dois ministros na cota do seu partido — Daniela do Waguinho (Turismo) e Juscelino Filho (Comunicações). As escolhas, aliás, foram no mínimo controversas. A ministra tem ligações com milicianos do Rio de Janeiro. O ministro é suspeito de usar o orçamento secreto em benefício próprio.

Expansivo, desajeitado e com um tom de voz alguns decibéis acima do normal — não à toa, as portas do gabinete do senador são revestidas de um isolamento acústico —, Davi Alcolumbre costuma ser definido pelos adversários, de forma jocosa, como uma pessoa que tem a "boca grande demais". A referência se deve não apenas ao perfil falastrão do parlamentar, mas também ao apetite por cargos, verbas e nacos de poder — o que já vem gerando intrigas. Deputados do União Brasil reclamam de que foram alijados das negociações e cobram mais espaço para entregar o prometido apoio da bancada nas votações em plenário. Eles ameaçam impor uma sequência de derrotas ao governo ou até dar an-

ISAC NÓBREG/MCOM

SUSPEITA O ministro Juscelino Filho: orçamento secreto em benefício próprio

damento a pautas-bomba caso não sejam atendidos. O Planalto, ao menos por enquanto, não considera a hipótese de ampliar o espaço da legenda na Esplanada. Pelo contrário.

Durante a transição do governo, Alcolumbre buscou uma aproximação dando sinais de parceria, ao prometer — e cumprir — enterrar indicações de Jair Bolsonaro para cargos federais que estariam submetidas à Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), presidida por ele. Agora, o governo vai aguardar o chamado "teste do placar" para saber se Alcolumbre vai conseguir mesmo entregar o que prometeu. As primeiras votações importantes no Congresso devem acon-

ROBERTO CASTRO/MIN DO TURISMO

CONSTRANGIMENTO Daniela: a ministra tem ligações com milicianos do Rio de Janeiro

tecer no início de março, e o União já foi advertido de que, se não houver votos da maioria, haverá troca ministerial e mudança de interlocutor entre o governo e o Senado. No próprio PT há insatisfação com as costuras feitas pelo amapaense. “O Lula está esquentado, é capaz de mandar o Davi para aquele lugar. Lógico que agora ele não vai fazer confusão para perder apoio, mas, se o resultado prometido não vier rapidamente, vai dar um chega para lá nesses caras”, afirma um líder petista.

Enquanto isso, o senador continua colhendo os dividendos de tanto poder. Na última segunda-feira, 13, Waldez Gó-

FACEBOOK @WALDEZOFICIAL

PARCERIA O ministro Waldez Góes: verbas acertadas pelo padrinho político

es foi a Macapá anunciar o investimento de 99 milhões de reais em equipamentos e obras de pavimentação e restauração que estão na alçada da Codevasf, estatal sob influência de... Davi Alcolumbre. Os recursos, fez questão de ressaltar o ministro, foram encaminhados por meio de emendas do senador amapaense, que estava representado no evento pelo irmão, Josiel Alcolumbre, seu suplente no Senado e que atualmente ocupa a presidência do Conselho Deliberativo do Sebrae no estado. Críticas, intrigas e desconfianças à parte, o fato é que Davi, ao menos por enquanto, continua reinando em Brasília. ■

MURILLO DE ARAGÃO

CRISE, IDEOLOGIA E PRAGMATISMO

Boas soluções devem ser implementadas sem preconceitos

PERGUNTA-SE, com frequência, se Joe Biden é de direita ou de esquerda. A indagação está contida em uma matéria publicada pelo UOL na semana passada. A resposta, como esperado, é a de que o presidente dos Estados Unidos é centrista, o que, de forma imprecisa, significa que ele pode adotar no país soluções propostas por ambos os polos ideológicos.

Aliás, as maiores potências adotam uma mescla de atitudes baseadas em seus interesses estratégicos. Por exemplo, a China financia pesadamente a expansão de suas indústrias e pratica uma espécie de capitalismo de Estado. Os Estados Unidos distribuíram dinheiro e estímulos em todas as graves crises deste século.

As melhores soluções para a economia e para o governo não devem ser discutidas ideologicamente, o que, considerando as circunstâncias do mundo, trata-se de um retrocesso. O dogma ideológico é uma forma arcaica de medir a efetividade de políticas públicas. É como querer usar bússola magnética navegando no espaço.

O Brasil de hoje resulta de uma mistura de conceitos de direita e de esquerda postos em sucessivas mesas de negociação. Os avanços dependem de consensos ou de crises. A mistura de conceitos e a necessidade de consenso amenizam radicalismos, mas, ao mesmo tempo, mitigam avanços.

No entanto, as crises levaram o senso de urgência para a mesa. Foi assim, por exemplo, com as reformas implementadas por Fernando Henrique Cardoso em seu primeiro mandato, com a sanção da Lei de Responsabilidade Fiscal, em 2000, e com o advento do teto de gastos, em 2016, entre outras. As crises nos impulsionaram a fazer reformas e buscar aperfeiçoamentos.

Hoje, no Brasil, estamos em uma encruzilhada determinada pela possibilidade de sérios problemas internos e externos. Dependendo das escolhas, podemos tomar o cami-

“Podemos tomar o caminho virtuoso do crescimento sustentável ou cair na armadilha dos atalhos perigosos”

nho virtuoso do crescimento sustentável ou cair na armadilha dos atalhos perigosos.

O que o Brasil deve fazer agora? Em primeiro lugar, promover uma leitura adequada do momento no mundo e no país, considerando os desafios políticos, as sequelas da pandemia e as suas repercussões sociais e fiscais. O segundo passo é entender que o Brasil pode estar contratando uma crise grave se não tomar as devidas providências nos campos fiscal, tributário e econômico.

O terceiro passo é admitir que existem boas e más soluções em praticamente todos os campos ideológicos. Muitas das soluções são as mesmas, ainda que venham embaladas em rótulos diferentes. As boas soluções devem ser implementadas sem preconceitos, por isso a preferência ideológica deve ser relativizada. O quarto passo é o de reduzir a temperatura política. É hora de governar e deixar o palanque para trás.

As devidas providências, acima mencionadas, apontam para: prudência fiscal; simplificação tributária com o reequilíbrio de sua carga; privatizações e concessões tendo em vista mais investimentos; reforma administrativa, para melhorar o perfil do gasto público e promover maior eficiência da máquina pública; desburocratização radical dos investimentos; implantação de programas assistenciais eficientes; e maior segurança jurídica para investimentos. Pragmaticamente, não há muito o que fazer fora desse cardápio. ■

DESPEDIDA EM ALTA

Prestigiado entre juristas e políticos, Ricardo Lewandowski prepara saída do STF com poder de opinar sobre quem será seu sucessor **REYNALDO TUROLLO JR.**

LEALDADE O ministro: nos próximos dias, ele deve comunicar oficialmente a saída em razão da aposentadoria

WALTERSON ROSA/FOLHAPRESS

EM QUASE DEZESSETE ANOS no STF, o ministro Ricardo Lewandowski enfrentou episódios constrangedores em momentos-chave de sua atuação na Corte, como quando foi xingado ao votar em 2012, no auge do julgamento do mensalão, e ofendido por um passageiro em um voo de São Paulo a Brasília em 2018, em meio a reveses que o STF começava a impor à Operação Lava-Jato. Expoente do chamado garantismo jurídico, que prega a proteção dos direitos fundamentais em face dos possíveis excessos de um Estado punitivista, Lewandowski teve sua militância muitas vezes confundida com uma postura contrária à agenda anticorrupção, o que causou a ira dos populares.

Hoje, entretanto, o cenário é outro. A pouco mais de dois meses de deixar o cargo, o magistrado tem sido aplaudido entre seus pares, juristas e políticos. Suas posições garantistas prevaleceram no colegiado e, mesmo entre os críticos, Lewandowski é visto como um dos ministros mais leais aos princípios que nortearam sua atuação desde a chegada ao tribunal. Nos próximos dias, deve comunicar oficialmente à presidência do Supremo sua aposentadoria compulsória em razão da idade — ele completa 75 anos em 11 de maio. O ritual burocrático inaugura a fase de limpar as gavetas no STF. A formalidade é necessária para que seu gabinete deixe de receber novos processos nos sessenta dias que antecedem a saída.

O prestígio em alta, especialmente junto ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que o indicou para a Corte em 2006, faz com que sua palavra tenha peso na escolha de seu

DIVULGAÇÃO/MST

COM O MST Lewandowski em escola dos sem-terra: palestra e satisfação pessoal

sucessor — Lewandowski, claro, já vem fazendo uso dessa prerrogativa. Em conversas com interlocutores do governo sobre sua sucessão, Lewandowski tem preferido defender um certo perfil para a vaga, dotado de características semelhantes às suas — lealdade, garantismo e coragem para enfrentar pressões. Mas é certo também que faz discreta campanha pelo seu nome favorito, o do jurista baiano Manoel Carlos de Almeida Neto, de 43 anos. Trata-se de um ex-assessor que trabalhou em seu gabinete no Supremo e no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) por quase uma década, a quem são atribuídas qualidades como lealdade e garantismo. De imediato, o nome tem potencial para agradar o PT

DISPUTA Manoel Carlos e Zanin, com Marco Aurélio *(ao centro):* em campanha

por dois motivos: é de um jovem para os padrões do STF, que terá pela frente mais de trinta anos de judicatura, e representa uma continuação do trabalho de Lewandowski. Segundo interlocutores, o candidato costuma dizer que, para entender o que ele pensa sobre determinados temas, basta ver o que pensa o seu mentor.

Manoel Carlos conheceu Lewandowski há vinte anos, antes de ele se tornar ministro, em um evento acadêmico em Ilhéus, na Bahia. Aos 26 anos de idade, sob a orientação pessoal de Lewandowski, a quem só chama de professor, o recém-formado bacharel em direito passou em um concurso para dar aula de Teoria do Estado na Universidade Estadual

de Santa Cruz, na cidade baiana. Desde então, os laços entre os dois foram se estreitando. Assim que assumiu como ministro, Lewandowski convidou Manoel Carlos para ser seu assessor. Depois, alçou-o ao alto escalão administrativo como secretário-geral do Supremo e do TSE (função que ocupou aos 29 anos de idade) e orientou suas teses de doutorado e pós-doutorado em direito constitucional pela USP. Em 2016, Manoel Carlos deixou o STF para ser diretor jurídico da Companhia Siderúrgica Nacional, onde está até hoje, e deu aulas na Faculdade de Direito do Largo São Francisco.

Mas, mesmo para um ungido, a disputa por uma vaga na mais alta Corte do Judiciário brasileiro pode se transformar em um calvário. Pessoas ligadas a outros candidatos afirmam, de forma preconceituosa e errônea, que dificilmente um ex-assessor do tribunal, que nunca advogou em grandes bancas, será escolhido para o Supremo. Contra esse argumento, o entorno de Manoel Carlos já preparou uma defesa: dois ex-ministros do STF (Sepúlveda Pertence e Francisco Rezek) foram assessores antes de integrarem o tribunal — e essa prática é uma tradição adotada em nada menos do que na Suprema Corte americana.

Se essas alegações vão convencer Lula, só o tempo dirá. O que se sabe é que a escolha é considerada estratégica pelo PT, que quer repetir o êxito obtido com a indicação de Lewandowski e manter a atual correlação de forças no STF, que tem pendido para a ala garantista. Petistas graúdos avaliam que o partido errou em muitas indicações que fez no passado, com

DO MENSALÃO À PANDEMIA

Cinco momentos de protagonismo do ministro Ricardo Lewandowski na carreira de quase dezessete anos no STF

1.

Revisor do processo do mensalão, em 2012, antagonizou com o relator, Joaquim Barbosa, e votou por absolver do crime de corrupção políticos como José Dirceu e José Genoino – mas foi vencido no plenário

2.

Como presidente do STF, em 2016, presidiu o julgamento do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff no Senado. Ao promover votações separadas para o afastamento e a cassação dos direitos políticos da petista, possibilitou que ela se mantivesse elegível

3.

Foi crítico dos métodos da Lava-Jato, sempre considerou inconstitucional a prisão de condenados em segunda instância e contribuiu para o entendimento de que Curitiba não era o foro responsável por julgar todos os processos – o que depois levou à anulação da condenação de Lula

4.

Relatou processos relevantes julgados pelo plenário, como os que reconheceram a constitucionalidade das cotas raciais em universidades públicas e o habeas-corpus coletivo que libertou da prisão gestantes e mães de crianças de até 12 anos

5.

Na pandemia, relatou a ação que fixou que a vacinação contra a Covid-19 era compulsória, sendo permitidas restrições para quem não se vacinasse (como a proibição de frequentar certos locais públicos)

nomes que se alinharam até a última hora à Lava-Jato, como Luiz Fux, Luís Roberto Barroso e Cármen Lúcia. É nesse contexto que a corrente partidária de Lula no PT, a Construindo um Novo Brasil (CNB), divulgou na semana que passou um texto em que afirma ser preciso juntar forças "que se oponham ao Estado policial e ao complexo de poder que tenta criminalizar a política e destruir a democracia". O texto trata da construção de alianças no Legislativo, mas reflete muito bem a preocupação do partido com a composição do Judiciário.

Ao lado de Manoel Carlos, outros nomes apresentados como garantistas também pleiteiam a vaga que será aberta em maio. Um dos mais bem cotados é o advogado Cristiano Zanin, que defendeu Lula na Lava-Jato e teve sucesso com as teses que sustentou na Justiça. Zanin, que é frequentemente elogiado em público pelo presidente, é apontado como uma possível escolha pessoal de Lula. Outro postulante com muitas chances é o atual presidente do Tribunal de Contas da União (TCU), Bruno Dantas, que tem o apoio do ministro Gilmar Mendes e representaria um agrado ao Parlamento. Muito habilidoso, Dantas transita magistralmente bem no mundo político, é próximo do senador Renan Calheiros (MDB-AL), um aliado importante do petista e, de quebra, deixaria vaga uma cadeira no TCU cuja indicação cabe ao Senado — comandado por Rodrigo Pacheco (PSD-MG), outro apoiador do governo.

Entre os concorrentes à vaga de Lewandowski também estão advogados famosos ligados ao Prerrogativas, um gru-

CLÁUDIO MARQUES/FUTURA PRESS

REENCONTRO Com Lula: indicado à Suprema Corte pelo petista em 2006

po que teve lideranças engajadas na campanha eleitoral do presidente, como o seu coordenador Marco Aurélio de Carvalho. Desse grupo são citados Pedro Serrano, Lenio Streck e o criminalista Pierpaolo Bottini, defensor de réus da Lava-Jato. Aparecem ainda em algumas bolsas de apostas ministros do Superior Tribunal de Justiça (STJ), como Luis Felipe Salomão, próximo de Alexandre de Moraes, Benedito Gonçalves, cujo nome já foi aventado no passado e é relator de ações no TSE que podem deixar o ex-presidente Jair Bolso-

ANDRE COELHO/AG. O GLOBO

TENSÃO Ao lado de Dilma e Renan: ele presidiu o julgamento do impeachment

naro inelegível, e até a presidente do tribunal, Maria Thereza de Assis Moura, que marcou presença em uma série de eventos do novo governo no início do ano.

É certo que Lula fará duas indicações para o Supremo em seu mandato atual. Depois de Lewandowski, a presidente da Corte, ministra Rosa Weber, deve se aposentar no fim de setembro — ela completa 75 anos em 2 de outubro. Há consenso de que Lula deverá indicar uma mulher para sucedê-la, a fim de manter a representatividade feminina no tribu-

NELSON ANTOINE/FOLHAPRESS

APOIOS Gilmar e Moraes: ministros têm suas próprias preferências entre os candidatos à vaga que será aberta em maio

nal. Além dessas duas vagas, têm crescido nos bastidores as especulações de que uma terceira poderá ser aberta ainda durante o governo Lula, com a eventual antecipação da aposentadoria de Barroso ao término de seu período como presidente do Supremo (ele substituirá Weber em setembro próximo e ficará na presidência até setembro de 2025).

Enquanto a disputa pela cadeira de Lewandowski se acirra, o ministro prepara sua saída da Corte em grande estilo, impulsionado pela própria eleição de Lula, que só

se tornou possível com a anulação, pela maioria do plenário, das condenações impostas pela Lava-Jato, cujos excessos eram criticados pelo magistrado havia muito tempo. O gabinete de Lewandowski tem trabalhado para reduzir o acervo de processos até maio. Ele tem dito a pessoas próximas que quer aproveitar a aposentadoria para dedicar mais tempo aos netos. A exemplo de outros colegas aposentados, ele também pretende advogar, elaborando pareceres jurídicos para grandes causas. Na semana passada, fez algo que lhe deu grande satisfação pessoal: palestrou em uma escola do MST, em São Paulo — o que lhe rendeu algumas críticas. Sua passagem pelo STF e as discussões em torno de sua sucessão jogam luz sobre um dos aspectos menos compreendidos das Supremas Cortes nas democracias modernas: seus membros, escolhidos por políticos eleitos pelo povo, também têm o papel de representar, no Judiciário, os ideais do espectro político que os indicou — ainda que a Constituição, sabiamente, assegure a eles a autonomia e a independência. ■

MISSÃO (QUASE) IMPOSSÍVEL

A mando de Lula, a AGU se prepara para uma batalha com remotas chances de sucesso na tentativa de reverter a privatização da Eletrobras. Ainda bem **VICTORIA BECHARA**

TAREFA Jorge Messias: grupo de trabalho encarregado de rever o contrato e apoio político de congressistas petistas

RENATO MENEZES/ASCOM/AGU

CONCEITUADO funcionário público, com mais de vinte anos de bons serviços prestados, Jorge Messias parece fadado a encarar missões espinhosas. Tornou-se conhecido por uma delas em 2016, quando foi citado como "Bessias" em um telefonema grampeado entre a então presidente Dilma Rousseff e Luiz Inácio Lula da Silva. Na época, Messias era subchefe para Assuntos Jurídicos da Presidência e ficou encarregado de levar um termo de posse de ministro da Casa Civil para que o petista assinasse, assumindo o cargo em meio às investigações da Lava-Jato. Como se sabe, o vazamento da conversa melou o negócio. Com a volta de Lula ao poder, Messias ganhou espaço na equipe de transição e foi alçado ao comando da Advocacia-Geral da União (AGU). Mal chegou ao cargo, teve de liderar a ofensiva jurídica contra os terroristas que invadiram e destruíram a sede dos três poderes em Brasília, em 8 de janeiro, mirando organizadores e financiadores dos atos.

Agora, de novo a mando do chefe, começa a se debruçar sobre outra tarefa cabeluda: tentar reverter a privatização da Eletrobras. O tema é uma espécie de obsessão do presidente. Desde a campanha, Lula vem anunciando que vai fazer o possível para reverter processos concluídos de desestatização e barrar outras iniciativas do tipo. No caso da Eletrobras, o petista classificou a privatização como "errática" e de "lesa-pátria". Em clima permanente de palanque, acrescentou ainda que foi feita "quase que uma bandidagem" para que o governo não volte a ter controle sobre a companhia. Dentro do espírito missão dada, missão cumprida, Messias e

ALAN SANTOS/PR

MARCO A festa com integrantes do governo Bolsonaro: martelo batido após quase trinta anos de discussões

técnicos da AGU montaram um grupo de trabalho sobre o tema e estudam o que pode ser feito na Justiça para tentar reverter o processo. Os principais pontos questionados são o poder de voto da União nas assembleias internas e as regras que dificultam a compra de ações, impedindo que o governo volte a ditar os rumos da empresa.

Em outra prova de como o governo gasta energia errada nesse assunto (não bastasse o equívoco de combater a privatização por questões ideológicas, o país enfrenta questões muito mais urgentes e importantes), o Palácio do Planalto deu sinal verde para que parte de sua base de apoio no Con-

gresso se movimente para a criação de uma frente parlamentar mista pela reestatização da Eletrobras. O deputado Alencar Santana (PT-SP) lidera a articulação e está colhendo assinaturas. "Queremos fazer esse diálogo no Parlamento envolvendo diferentes colegas, de partidos diferentes, e convencê-los de que isso é importante para o país", justifica.

Do ponto de vista jurídico, a missão dada a Messias na AGU é quase impossível, visto que, durante o processo de privatização da Eletrobras, aprovado em 2022, foram criadas regras para evitar que um único acionista tenha protagonismo nas decisões internas. Para vender a empresa, a gestão de Jair Bolsonaro optou pela capitalização — ou seja, mais ações da companhia foram ofertadas na bolsa. Com isso, a União deixou de ser a acionista majoritária e ficou com 45% de participação na energética. A privatização, no entanto, limita o poder de voto de cada sócio a 10%, independentemente da quantidade de ações que possui — esse é um dos pontos criticados por Lula. O modelo adotado também incluiu no estatuto da Eletrobras uma trava que exige que, para fazer uma oferta para compra de ações, é necessário pagar o triplo da maior cotação registrada em dois anos. Ou seja, ficou muito mais caro para o governo adquirir maioria na Eletrobras novamente — manobra que o presidente da República chamou de "irracional e maquiavélica".

Além disso, a lei que privatizou a companhia de energia e incluiu essas regras foi aprovada na Câmara e no Senado, por meio de uma medida provisória que teve o apoio até de

parlamentares que hoje integram a base do governo, e passou pelo Tribunal de Contas da União (TCU). "Esse movimento de Lula é um equívoco absoluto. É só um discurso político, não tem viabilidade nenhuma", afirma a economista Elena Landau, ex-chefe de privatizações do governo FHC. A desestatização do gigante de energia consumiu quase trinta anos de discussões dentro do Congresso e, a despeito de algumas críticas, tem potencial claro de trazer benefícios, como o aumento da eficiência da companhia e a retomada de investimentos no setor, gerando um ciclo virtuoso capaz de chegar ao bolso do consumidor, barateando a conta de luz. "A solidez do processo e os novos rumos da companhia foram aprovados em todas as instâncias, o que se percebe pela confiança dos mais de 370 000 trabalhadores que investiram FGTS na empresa", afirma Wilson Ferreira Junior, CEO da Eletrobras. Lutar contra essa realidade será um fardo duro para Messias, o incansável, carregar. ■

OPERAÇÃO REVERSA

Agora são os empreiteiros da Lava-Jato que querem anular os processos, cancelar condenações por corrupção e invalidar delações e multas **LARYSSA BORGES**

O PRÍNCIPE Marcelo Odebrecht: preso por dois anos e multa para a empresa fixada em 8,5 bilhões de reais

PAULO LISBOA/FOLHAPRES

A OPERAÇÃO Lava-Jato descobriu que um grupo formado pelos maiores empreiteiros do país se associou a alguns partidos políticos e juntos montaram um esquema de corrupção que desviou quase 50 bilhões de reais dos cofres da Petrobras durante os governos do PT. Contrariando a tradição de casos que alcançam figurões, muitos deles foram condenados e presos. Mas a tradição aos poucos foi sendo resgatada. Primeiro descobriu-se que o juiz Sergio Moro e os procuradores que conduziam a investigação no Paraná lançaram mão de métodos heterodoxos (e, algumas vezes, ilegais) para chegar aos criminosos, o que provocou a anulação do processo que levou à cadeia o atual presidente da República. Corruptos confessos também escaparam das punições depois que o Supremo Tribunal Federal (STF) considerou que Curitiba não era o foro adequado para a tramitação de algumas ações penais. Agora são os corruptores que se articulam para tentar atravessar a janela da impunidade.

Em dezembro passado, dois empreiteiros procuraram um grande escritório de advocacia em Brasília e fizeram uma consulta sobre a possibilidade de invalidar os acordos de colaboração que realizaram com a Justiça, ocasião em que confessaram a participação nos crimes em troca de redução das penas. No início do ano, outros três executivos ligados às empresas pilhadas no escândalo da Petrobras se reuniram em São Paulo com o representante de uma conhecida banca criminal e se disseram arrependidos. A tese defendida pelos criminalistas, em linhas ge-

PAULO LISBOA/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP

PROPINA Léo Pinheiro, da OAS: acordo de colaboração, multa e prisão domiciliar

rais, é a seguinte: se as condenações, os acordos de colaboração, as confissões e as multas são derivados de um processo contaminado desde a origem, nada valeriam. Tudo deveria ser anulado. Na melhor das hipóteses, os processos que tramitaram no Paraná, assim como o de Lula, teriam de começar do zero em outra jurisdição. “Só isso já geraria naturalmente uma prescrição em cadeia”, disse, sob a condição de anonimato, um dos advogados consultados pelos empresários, revelando o ardil.

MARCOS BEZERRA/FUTURA PRESS

REVÉS Ricardo Pessoa: o proprietário da UTC foi condenado a oito anos de prisão

Há outras teses jurídicas sendo estudadas. Para o advogado Antônio Carlos de Almeida Castro, o Kakay, que defende mais de trinta pessoas envolvidas no escândalo, além das ilegalidades processuais que acompanharam a Lava-Jato em sua gênese, também houve coação aos investigados, especialmente sobre os empreiteiros. “O instituto da delação premiada foi estuprado. Não existe espontaneidade quando, por exemplo, 78 pessoas da mesma empresa fazem delação ao mesmo tempo”, diz. As chances de todos os processos termi-

narem no ralo existe, mas também existe um risco. Nove anos depois do início da Operação, boa parte dos empreiteiros que colaboraram leva uma vida razoavelmente tranquila, distante dos holofotes. Para eles, a questão é se vale a pena encampar um movimento que, no limite, trará de volta histórias de um passado ignóbil — as empreiteiras eram agraciadas pelo governo com vultosos contratos da Petrobras e, em troca, pagavam propina aos políticos. Simples assim.

Enquanto algumas empresas envolvidas avaliam a conveniência de questionar na Justiça a legalidade dos acordos de colaboração e das confissões que se seguiram, outras tentam reduzir as multas que receberam. A J&F, por exemplo, pede na Justiça redução do valor que concordou espontaneamente em pagar — o que, se deferido, representaria hoje algo em torno de 5 bilhões de reais. A Odebrecht, por sua vez, questiona a devolução do dinheiro que foi encontrado em contas que seus diretores mantinham clandestinamente no exterior. Um dos delatores que consultou a banca de advocacia de Brasília sobre a possibilidade de cancelar sua colaboração foi lembrado de que existem três ações penais contra ele paralisadas e que poderiam voltar a tramitar caso ele resolva questionar o ato. "Essa busca pela impunidade por pessoas ou empresas que confessaram os crimes ainda é resultado da reação política contra a Lava-Jato e do tratamento leniente dado à corrupção por nossos tribunais", disse a VEJA o hoje senador Sergio Moro. Ressuscitar personagens e reviver fatos de um passado sombrio (e ainda muito presente) pode, de fato, não ser uma boa ideia. ■

DIRCEU PORTUGAL/FOTOARENA

SALVAÇÃO DA LAVOURA

Supersafra de 300 milhões de toneladas de grãos revela a opulência e relevância de um setor que vive momento particularmente conturbado nas relações

LUISA PURCHIO, LARISSA QUINTINO E FELIPE ERLICH

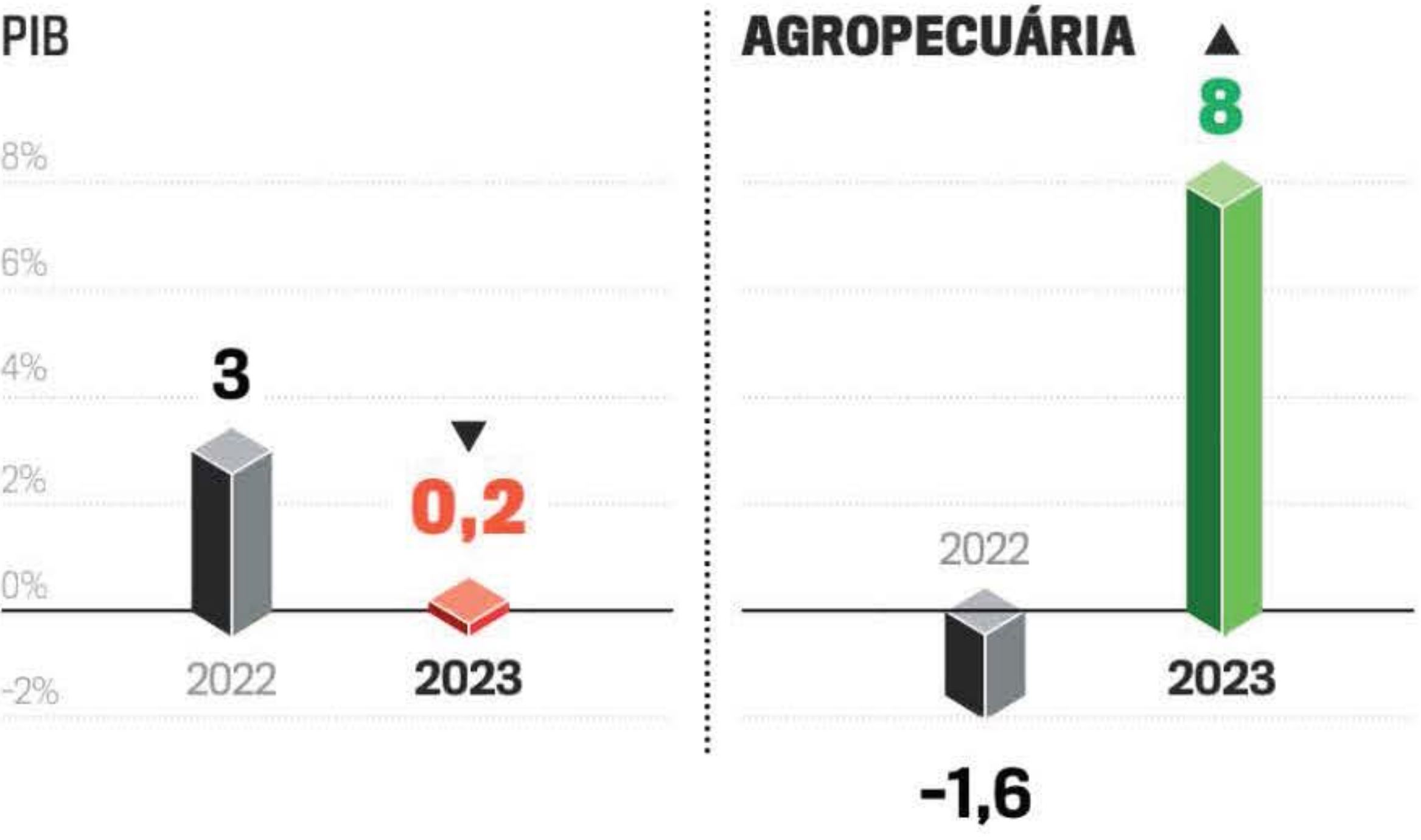
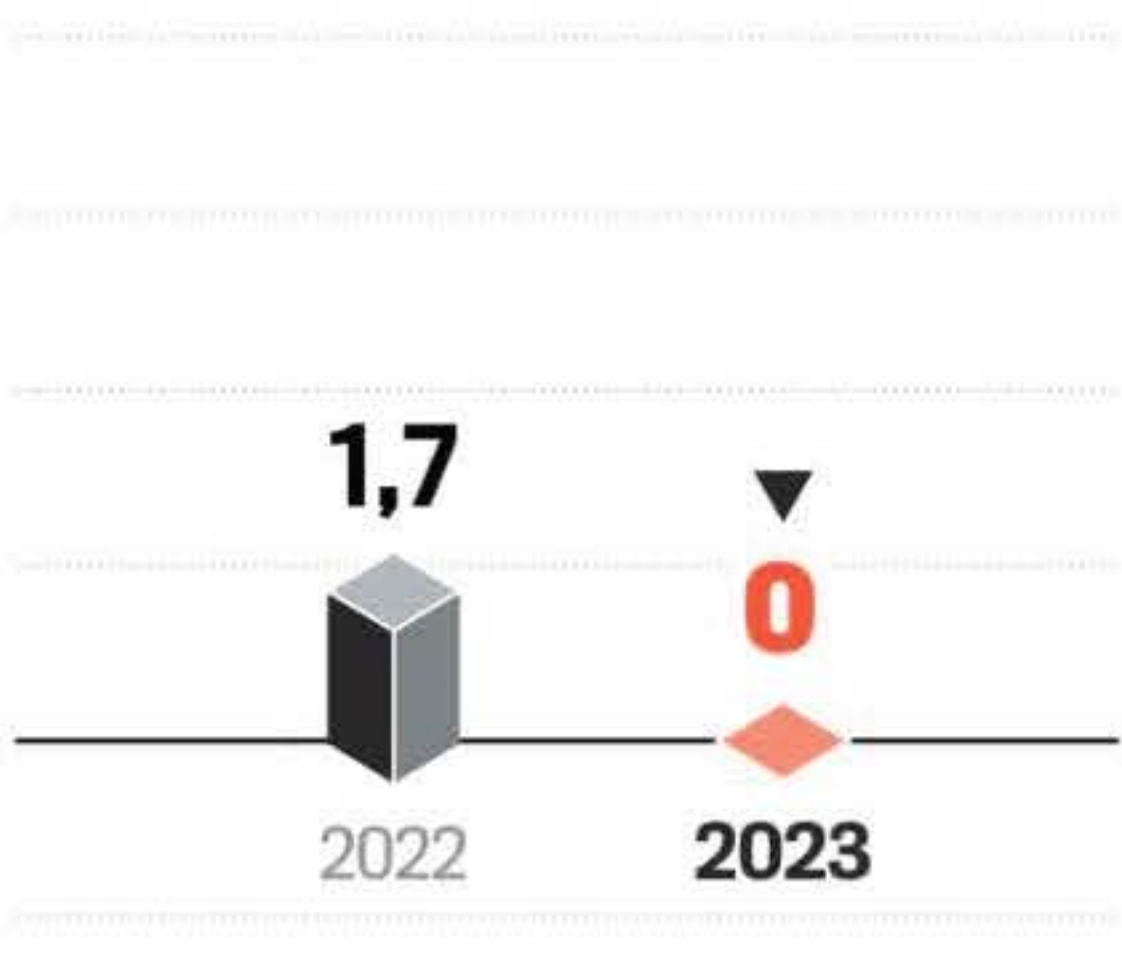
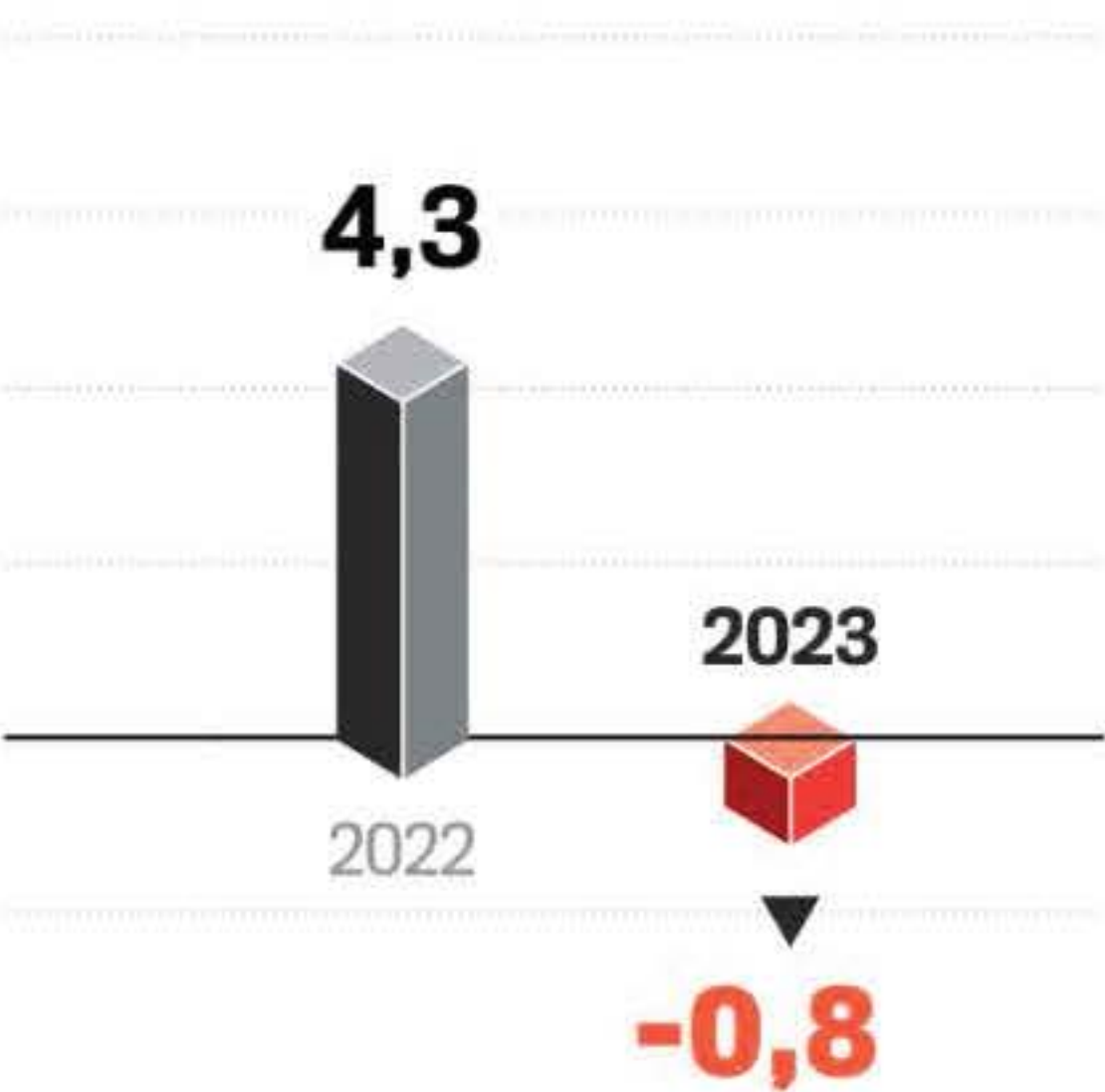
EM PLENA ATIVIDADE Plantação de soja, no Paraná: produto-chave em meio à colheita recorde de grãos

O ano de 2023 mal começou e a agricultura brasileira já se prepara para comemorar um grande marco: a colheita de mais de 300 milhões de toneladas de grãos. Trata-se de um feito notável sob todos os aspectos, considerando-se que o país cravou seus primeiros 100 milhões de toneladas em 2001, dobrou esse volume catorze anos depois, em 2015, e agora em pouco mais da metade do tempo acrescenta o novo recorde à sua história. É uma prova incontestável da pujança do setor agrícola, principalmente quando se leva em conta o complicado contexto econômico da última década e o crescimento pífio do produto interno bruto nacional no período. Tamanha potência será especialmente importante neste ano, em que o novo governo de Luiz Inácio Lula da Silva precisa provar ser capaz de ativar a economia brasileira. A expectativa é que, em 2023, o crescimento do PIB originado no campo seja o maior dos últimos oito anos, com uma expansão de 8%. No ano passado, o setor registrou retração de 1,6%, segundo o Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV-Ibre).

A notícia da supersafra é especialmente alvissareira quando se leva em conta que sem ela o primeiro ano do novo governo poderia ser marcado por uma recessão. Os setores da indústria e dos serviços já sinalizam pouca capacidade de tração, prejudicados pela perda do poder de consumo da população e pelos altos índices de endividamen-

to. São raros os bancos e economistas que apostam em crescimento do PIB acima de 1% para este ano. “Se não fosse a agricultura, teríamos crescimento anual decepcionante. No primeiro trimestre, por exemplo, o protagonista já será o campo”, diz Silvia Matos, pesquisadora-sênior de economia aplicada do FGV-Ibre. A safra recorde é resultado de um aumento das plantações, mas também dos efeitos da meteorologia, com a ocorrência de chuvas benéficas ao cultivo e colheita, especialmente de soja e milho, que prometem ser cruciais nesse resultado positivo.

ALTO DESEMPENHO

Crescimento estimado do PIB setorial (em %)

Em paralelo à produção excepcional, há também circunstâncias internacionais que favorecem o bom momento agrícola. A reabertura da China depois de sua agressiva política de controle da Covid-19 e o desequilíbrio da produção em nações relevantes do setor como Rússia e Ucrânia criaram um horizonte extremamente positivo para os grãos brasileiros no comércio mundial. “O setor agropecuário tem crescido sistematicamente nos últimos vinte anos, mesmo com crises internacionais e com recessão no Brasil, mostrando que é um caminho confiável. Em 2009, a estimativa da participação direta e indireta da agropecuária no PIB era de 23% e agora é próximo de 30%”, explica José Roberto Mendonça de Barros, ex-secretário de

Fonte: *Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getulio Vargas (FGV-Ibre)*

política econômica de Fernando Henrique Cardoso e sócio-fundador da MB Associados.

Como o comércio global de commodities está sujeito a uma miríada de fatores, há obviamente uma longa jornada até a efetiva venda dos produtos — e sua transformação em riqueza para o país. Um grande enigma para quem acompanha o setor é o comportamento dos preços dos produtos. Estudos do Banco Mundial apontam para uma redução de 4,5% nos preços médios dos produtos agrícolas como uma espécie de acomodação frente às altas significativas vistas em 2022. É o caso da soja, o principal item da balança exportadora brasileira, que subiu 16,6% em 2022 e agora pode sofrer uma queda 4,4%. O milho, cujo valor cresceu 21,4%, pode apresentar um recuo de 7,9%. "O volume da produção está garantido, mas os preços ainda são uma incógnita", diz Roberto Rodrigues, ex-ministro da Agricultura no primeiro governo Lula. Frente à queda das commodities, o crescimento do PIB agrário será ainda mais notável.

Em meio à performance excepcional do setor agrícola, seria de esperar que a atual administração buscasse pacificar o relacionamento com os produtores rurais, que em sua maioria apoiaram abertamente o ex-presidente Jair Bolsonaro. No entanto, não é isso o que tem acontecido. Durante a campanha, Lula criticou abertamente o agronegócio, vinculou de forma generalizada o setor ao desmatamento florestal e à ocupação predatória da Amazônia. E, uma vez

FÁTIMA MEIRA/FUTURA PRESS

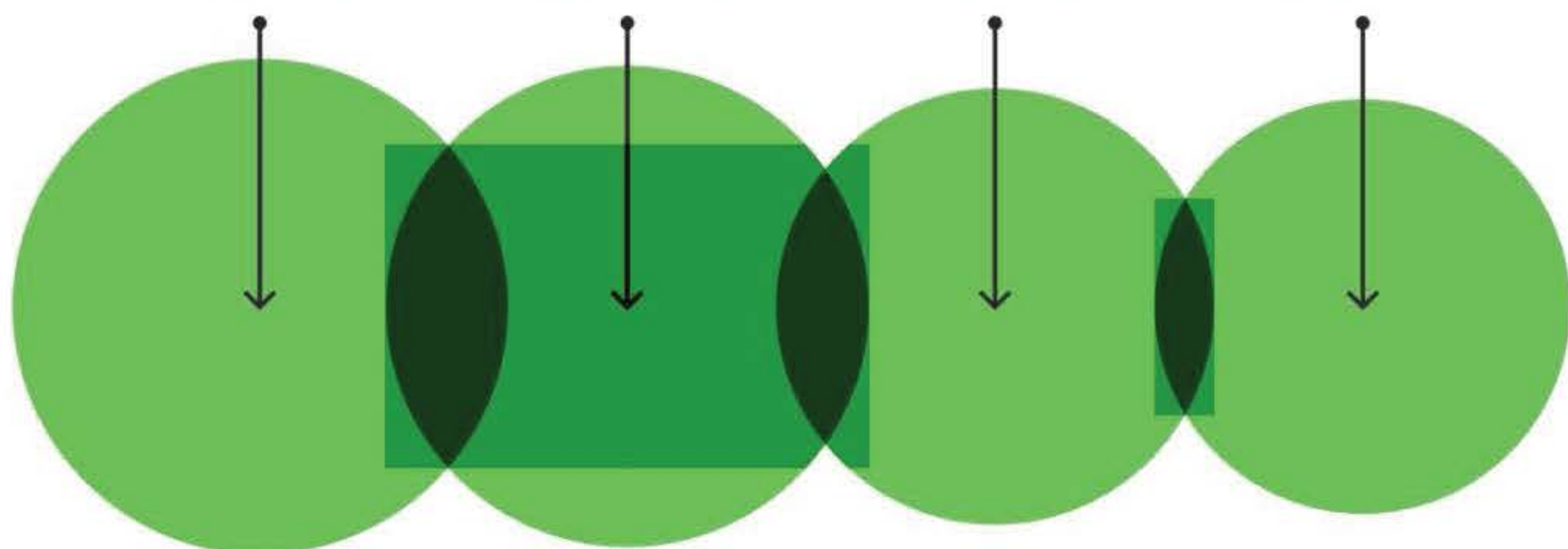
INTERLOCUÇÃO O ministro Fávaro: comando de um ministério esvaziado

iniciado o governo, são evidentes os sinais de que a agenda federal caminha em outra direção.

Logo na largada, o Ministério da Agricultura foi esvaziado com a recriação das pastas da Pesca e do Desenvolvimento Agrário. A medida desagradou profundamente às associações do setor que haviam solicitado à equipe de transição que o ministério fosse mantido integrado, em nome da eficiência na gestão, tanto das políticas públicas como de recursos humanos. Mesmo com o Ministério da

Agricultura sob o comando do senador Carlos Fávaro (PSD-MT), nome com boa interlocução junto ao agronegócio, o desmembramento levou à transferência de diversas instituições estratégicas para a pasta do Desenvolvimento Agrário. Com isso órgãos importantes como a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) acabaram sob controle de lideranças vinculadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), inimigos figadais dos grandes produtores rurais. "A Conab é um instrumento de política agrícola, formação de estoques e referência para preços praticados. É também uma balizado-

GANHOS DE PRODUÇÃO

Variação do volume de culturas 2010-2022

ra para estratégias de produção, com papel fundamental no abastecimento. Nada mais lógico que esteja no Ministério da Agricultura", defende o deputado federal Arnaldo Jardim (Cidadania-SP), vice-presidente da Frente Parlamentar da Agricultura (FPA).

Outra crítica do setor é que o Cadastro Ambiental Rural saiu do Ministério da Agricultura e foi para o do Meio Ambiente, gerando apreensão de que a pasta comandada por Marina Silva possa dificultar o acesso dos produtores ao programa de regularização ambiental. "Me parece que o agronegócio foi escolhido como o grande adversário do governo", reclama o deputado Pedro Lupion (PP-PR), presidente recém-empossado da FPA. Em meio à mudança de gestão,

JONNE RORIZ/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

FORÇA GLOBAL Porto de Santos: cenário externo beneficia exportações

houve ainda a eliminação do departamento de promoção ao agronegócio dentro do Itamaraty. “Isso coloca mais instâncias intermediárias para resolver problemas, dificultando a interlocução institucional”, declara o presidente de uma associação de exportadores que prefere não se identificar.

A seu favor, a gestão de Lula argumenta que, enquanto o agronegócio critica decisões do governo, há um forte esforço em curso para mudar a imagem do Brasil no exterior e favorecer as exportações em geral. Nos primeiros 45 dias de gestão, a China e a Indonésia habilitaram, respectivamente, 25 e onze frigoríficos brasileiros de carne bovina para a venda de produtos a seus mercados. O Brasil também dialoga com a Alemanha, a maior economia da União Europeia, e tenta, por meio de reuniões bilaterais com o país, destravar as resistências para a assinatura do acordo entre o bloco europeu e o Mercosul.

Em meio a esse complexo cenário, um novo elemento promete em breve se interpor entre o governo e produtores rurais. Trata-se da reforma tributária a ser conduzida com status de prioridade pelo Ministério da Fazenda, comandado por Fernando Haddad. Entre todos os setores produtivos, o agronegócio é visto pelo governo como o que pode apresentar maiores resistências ao projeto. Assim como acontece com os serviços, o segmento agrícola deve experimentar uma elevação na carga tributária, com a entrada em vigor de um imposto sobre valor agregado, o IVA. Atualmente, ambos os setores detêm alíquotas inferiores às da indústria e do setor financeiro, diferença que deve ser eliminada no novo sistema. Ou seja, desenha-se no horizonte mais um motivo de insatisfação e desavenças entre o governo e agricultores, independentemente de esses últimos ostentarem o título de salvadores da combalida economia brasileira. ■

A NOVA AMÉRICA

Com menos bebês e população envelhecida, o Canadá virou o país com a maior proporção de estrangeiros no rol das nações ricas – que correm como podem para sanar a escassez de mão de obra

CAIO SAAD

SHUTTERSTOCK

Uma imensidão de terra que abriga cartões-postais em série, cidades que oferecem uma experiência urbana organizada e renda per capita três vezes superior à média global. Bem-vindo ao Canadá, país que desde os primórdios se constituiu de gente que aportava naquelas bandas frias do planeta atrás de riquezas e vida nova — a começar pelos vikings, por volta dos anos 1000, seguidos de ingleses, portugueses e franceses, no século XVI. As levas vindas de fora nunca cessaram, estimuladas por políticas que, a partir dos anos 1960,

DAVID PEARSON/ALAMY/FOTOARENA

ELDORADO GELADO A fila da imigração canadense não para de crescer: o objetivo é atrair todo ano 500 000 estrangeiros de variadas qualificações e nacionalidades, meta prevista pelo menos até 2025

foram estabelecidas para cumprir com o eterno desafio local de ocupar os grandes vazios no território que dá aos canadenses o segundo lugar entre as maiores nações do planeta, atrás apenas da Rússia. Pois o xadrez ficou ainda mais complexo agora, com os ventos demográficos que vêm derrubando as taxas de natalidade — enquanto a população de 38 milhões de habitantes envelhece — e escasseando a cada ano a fatia das pessoas em idade produtiva.

Acendeu-se então a luz amarela, e o governo encabeçado pelo liberal Justin Trudeau anunciou recentemente a mais

25% da população canadense já é composta de imigrantes

Eles respondem por **100%** do crescimento de toda a força de trabalho

+

é o número anual esperado de novos estrangeiros até 2025

Fonte: *Ministério da Imigração do Canadá*

radical de todas as políticas de atração de imigrantes da história do Canadá. "Olha, pessoal, é simples. Precisamos de mais gente", resumiu o ministro Sean Fraser, à frente da pasta da Imigração. A ideia é preencher lacunas em diversos setores e níveis da cadeia produtiva, onde faltam cérebros em áreas como tecnologia da informação e finanças, mas também trazer motoristas de caminhão, operadores de equipamentos pesados, profissionais para a hotelaria e auxiliares de enfermagem — uma mescla de qualificações que difere das iniciativas anteriores. Com tão amplo leque, a meta é atrair 500 000 estrangeiros anualmente pelo menos até 2025, o que vai tornar os atuais números ainda mais superlativos. Hoje, 25% dos habitantes de lá vieram de fora. Nenhum país do G7, o clube dos mais ricos, apresenta proporção parecida — nos Estados Unidos, conhecido caldeirão de nacionalidades (o *melting pot*), ela é quase a metade, 14%.

A multidão grisalha avança rapidamente mundo afora. Segundo estimativas da ONU, 61 países observarão declínio de habitantes até 2050, incluindo o Brasil. A situação é particularmente preocupante entre os mais desenvolvidos, que já se descolaram há tempos da chamada taxa de reposição — aquela de dois filhos por casal, na qual não há encolhimento populacional. Nem todos, porém, são afeitos à estratégia de atrair estrangeiros, por enraizadas questões culturais. "Em geral, países mais homogêneos em termos raciais, como Japão, Coreia do Sul e Taiwan, não cultivam a imigração", explica o demógrafo José Eustáquio. Eles têm procura-

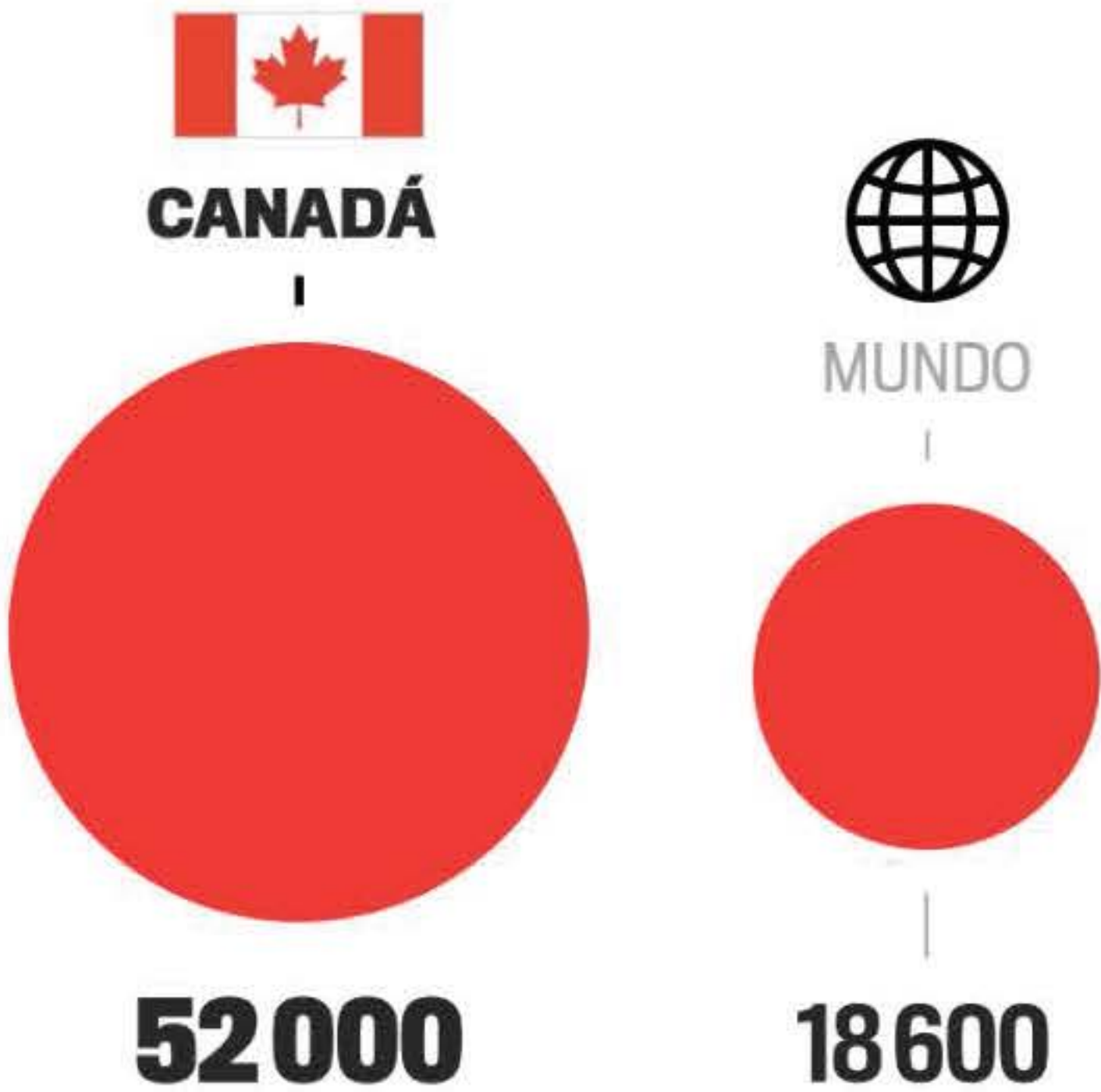
do suprir a necessidade de mão de obra implantando uma fórmula de mais investimentos em tecnologia e educação, para obter ganhos de produtividade, e de estímulo à permanência dos mais velhos no mercado de trabalho.

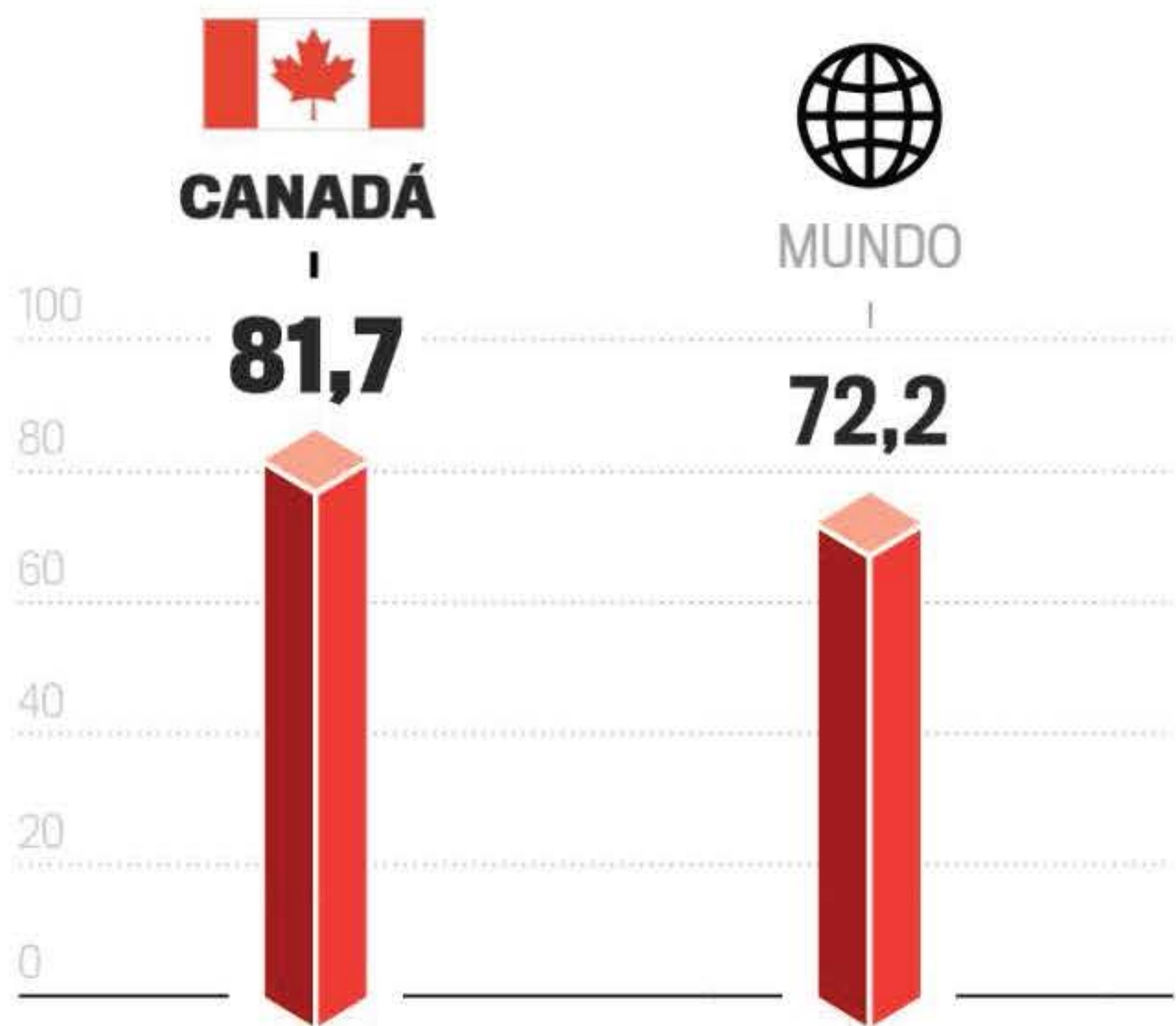
No caso do Canadá, além do caldo cultural simpático ao ingresso dos que vêm de fora, aliado à constante demanda por mais gente, há ainda nos dias de hoje um ambiente polí-

ALTA QUALIDADE

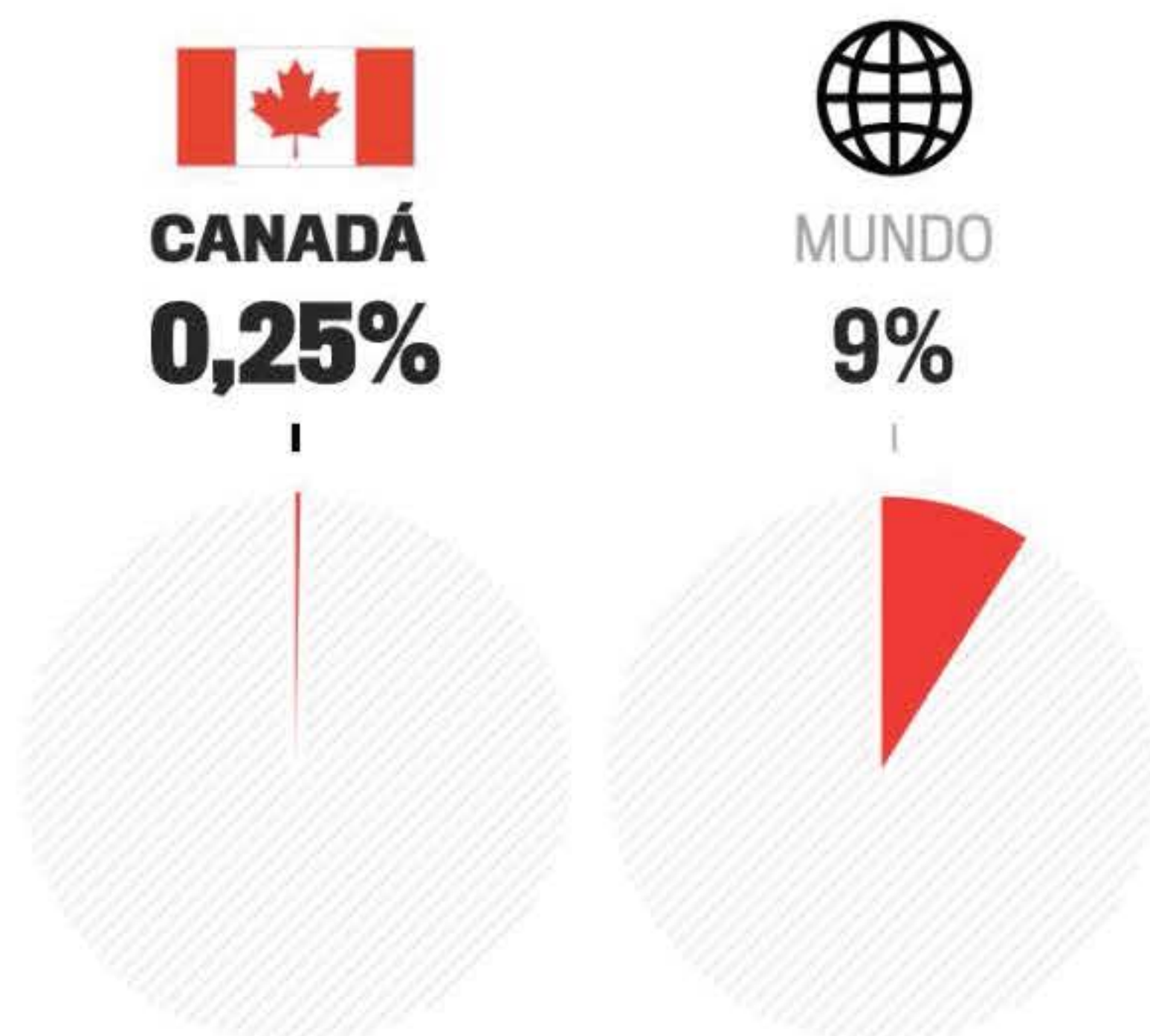
Os dados socioeconômicos do Canadá superam, e muito, a média global

PIB PER CAPITA

(anual, em dólares PPP)

tico favorável. Até o Partido Conservador, da oposição, apoia a enfática iniciativa de Trudeau. "Não importa se seu nome é Martin ou Mohamed, você pode realizar seus sonhos neste país", discursou o recém-eleito líder conservador Pierre Poilievre, cuja esposa, aliás, veio da Venezuela. Nos Estados Unidos, o eldorado por excelência de quem busca condições melhores, o assunto é um espinhoso enrosco para o governo Joe Biden, que ainda não acertou uma política para lidar com as aglomerações que se formam na fronteira com o México e vive desafiado por republicanos que despa-

cham os que chegam em estados comandados por eles, como o Texas, para domínios democratas, como Nova York. Mesmo assim, 1 milhão de imigrantes são absorvidos em solo americano todos os anos. Na Europa, palco de dramáticas crises migratórias e manifestações de xenofobia, as portas têm sido mais abertas, é verdade, mas só para a camada mais qualificada dos que querem vir.

Ainda que o Canadá tenha facilitado o afluxo de estrangeiros — a burocracia se descomplicou e um visto de residência pode levar seis meses no lugar dos dois anos de antes

Fonte: *Banco Mundial*

FERRANTRAITE/E+/GETTY IMAGES

BEM-ESTAR A vida em Vancouver: segurança, emprego e muito, muito verde

—, nunca é simples se estabelecer em uma terra nova. Uma pesquisa conduzida pela Associação de Estudos Canadenses mostra que, embora prevaleça uma boa vontade com os que ali aportam, quase metade dos canadenses considera elevada a meta do governo e três de cada quatro se dizem preocupados em algum grau com os efeitos do novo plano sobre os serviços (educação, saúde) e o mercado imobiliário. Habitação, por sinal, é um tema sensível, já que os preços escalaram às alturas com o incentivo aos investimentos estrangeiros no setor, capitaneados pelo capital chinês. Em cidades como Toronto e Vancouver, os valores dispararam, tanto

TOMOHIRO OHSUMI/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

PORTAS FECHADAS Japão: o país é tradicionalmente mais fechado à imigração

para compra quanto para aluguel. "Se os imigrantes estão aí para ser um alívio para nossos gargalos econômicos e demográficos, eles devem ser capazes de encontrar uma boa casa e arranjar emprego", alerta a pesquisadora Rupa Banerjee, da Toronto Metropolitan University.

Os recém-chegados, que recebem majoritariamente visto de residência e não de cidadania, não precisam ter arranjado um emprego antes de embarcar, embora ajude no processo. E, ainda que não seja mais um pré-requisito, uma boa formação certamente facilita as coisas. "Já tinha graduação no Brasil por uma ótima faculdade, então o processo burocráti-

co foi mais rápido e fácil", conta o carioca Bruno Motta, que ingressou pelo programa Express Entry (justamente para os "altamente qualificados") e hoje trabalha como gerente de projetos em uma multinacional na capital Ottawa. A mistura de nacionalidades que adotam o Canadá é liderada por indianos (30%), seguida de chineses — os brasileiros aparecem em 7º lugar. E eles vão se encaixando no convidativo mercado de trabalho canadense, que registrou mais de 1 milhão de postos vagos no cenário pós-pandemia. "A imigração tem sido uma eficiente resposta à nova onda demográfica", avalia Rupa Banerjee. São tempos de oportunidade para quem se desloca em busca de vida melhor. ■

VILMA GRYZINSKI

OS DEFENSORES DO “DESCRESCIMENTO”

Em vez da prosperidade sempre maior, tem quem queira andar de ré

POR MAIS QUE pretendamos — e haja pretensão — criticar John Maynard Keynes, na maioria das vezes por causa dos admiradores equivocados que imaginam falar em seu nome, é impossível não ceder à sedução da inteligência multifacetada do economista. Em 1931, com a Grande Depressão correndo solta, ele escreveu um conhecido ensaio sobre “as possibilidades econômicas de nossos netos”, com previsões de cair o queixo. Em 2030 — para nós, praticamente amanhã —, o padrão de vida teria aumentado oito vezes, a semana de trabalho seria de quinze horas e a prosperidade geral alcançaria tal grau que “o amor pelo dinheiro será reconhecido pelo que realmente é, uma morbidade algo desprezível”. Dá até para ver o arco intelectual levando à controvertida previsão davosiana de que, no mesmo ano nada longínquo, “você não será dono de nada e será feliz”. E não adiantam os desmentidos do Fórum Econômico Mundial, a economista dinamarquesa Ida Auken realmente levantou em Davos a possibilidade, não como “uma utopia ou sonho

sobre o futuro", mas como "um cenário em direção ao qual podemos estar caminhando, para o bem ou para o mal".

Os partidários da ideia de que isso é para o bem alinham-se numa corrente de pensamento chamada de anticrescimento ou "decrescimento". De forma geral, são intelectuais ou militantes que já têm tudo que as classes médias afluentes alcançaram e acham de mau gosto e ecologicamente suicida quem tem pretensões como comprar uma TV (talvez, imaginem só, mais do que uma), cozinhar uma carninha em fogão a gás (o mais recente vilão dos ambientalistas), fazer umas comprinhas inúteis todo sábado ou, supremo horror, andar num veículo movido a combustíveis fósseis. Carros, fogões, carne, viagens de avião e 38 vidros de esmalte na gaveta do banheiro, para o caso de haver uma escassez mundial de vernizes para pintar as unhas, tornaram-se mais acessíveis com o sistema globalizado de distribuição, mas viraram a encarnação do mal para a turma do anticrescimento. "Se a humanidade quiser manter os sistemas que sus-

"O repúdio ao consumo e ao acúmulo do vil metal é anterior à dissidência protestante"

tentam a vida no planeta, a economia global tem de diminuir o ritmo", prega um dos teóricos do movimento, Giorgos Kallis, professor de economia ecológica na Universidade Autônoma de Barcelona.

Em resumo: PIB não só não traz felicidade (embora todos os países com alto índice de satisfação sejam ricos) como é um conceito reprovável. O repúdio ao consumo e ao acúmulo do vil metal ancora-se no cristianismo anterior à dissidência protestante e ressurgiu com o pensamento de esquerda no século XIX — com o repetido "fetiche da mercadoria". Não é difícil entender o lado estéril do consumo, em especial quando vira substituto de ansiedades mais profundas do que as provocadas por imaginar que podemos ficar sem 38 vidrinhos de esmalte na gaveta e acontecimentos terríveis serão desencadeados a partir daí. Somos a origem do mal ou a solução de problemas que pareceriam insolúveis? O chique lorde Keynes disse no seu ensaio utópico que haveria cada vez mais "classes e grupos de pessoas dos quais os problemas da necessidade econômica seriam praticamente removidos". O desafio passaria a ser como ocupar o ócio gerado por tanta prosperidade de forma a "viver sabiamente, agradavelmente e bem". ■

VALMIR MORATELLI

SEM PERDER A MAJESTADE

Pela segunda vez em poder do cetro de rainha de bateria da Viradouro, **ERIKA JANUZA,** 37, decidiu alugar uma casa de festas e juntar os 280 ritmistas da escola niteroiense no pré-Carnaval. Avaliou que "era importante" firmar uma liga com a equipe, a quem paparicou com comes e bebes, futebol e piscina. "No ensaio nem dá tempo de conversar, por isso queria um dia só com eles", justificou a atriz, que, durante o rega-bofe, levava a tiracolo o mais minguado de todos os pratos. São ossos da realeza.

INSTAGRAM @ERIKAJANUZA

NASCEU, POSTOU. GANHOU

INSTAGRAM @CLAUDIARAIA

Quando anunciou nas redes sua inesperada terceira gravidez, aos 55 anos, **CLAUDIA RAIA** foi metralhada pela idade avançada e pelo *post* ter recebido patrocínio de uma marca de testes de farmácia. "É uma comercialização indevida", atiravam. Pois agora que o filho **LUCA** nasceu, ela repetiu a dose, desta vez com um perfume. Alheia à crítica, a atriz conta que passa bem, obrigada, e que a vinda ao mundo do caçula só solidificou os laços com o marido, o também ator **JARBAS HOMEM DE MELLO,** 53, que mandou gravar na antiga aliança dela a frase *I Was Born to Love You,* hit de Freddie Mercury que embalava o romance deles e, nos últimos tempos, serve de canção de ninar para o recém-nascido.

E CHEGOU AO SUPER BOWL

GREGORY SHAMUS/GETTY IMAGES/AFP

INSTAGRAM @DJKLEANN

A apoteótica apresentação de **RIHANNA,** 34, no intervalo do Super Bowl, a final da superliga do futebol americano, reverberou em Itarantim, cidade baiana de 20 000 habitantes. Ali mora Ewerthon Carvalho Santos, o **DJ KLEAN,** 20 anos, que virou celebridade instantânea depois que seu remix ao ritmo de funk de *Rude Boy,* sucesso da cantora, foi interpretado por ela sob holofotes globais. “Quando a equipe de Rihanna me procurou dizendo que estava interessada no meu trabalho, nem acreditei”, conta o DJ, que só não revela quanto faturou para ocupar o espaço comercial mais caro da TV americana.

GOLAÇO FORA DE CAMPO

Previamente discutida com cartolas, técnico e colegas de equipe, a declaração de **JAKUB JANKTO** assumindo-se publicamente gay agitou o mundo da bola, onde o jogador de 27 anos cravou um pioneirismo: é a primeira vez que um atleta de seleção de futebol – no caso, a da República Checa – assume a homossexualidade em campo tão minado de preconceitos. "Não quero mais ficar me escondendo. Pretendo viver minha vida em liberdade, sem medo, sem preconceito, sem violência e com amor", disse, num tom de alívio. Em bem-vindo sinal dos novos ventos, figurões do esporte o apoiaram, inclusive Neymar. "Um dia histórico", postou, sem ser flagrado em impedimento.

MICHAL CIZEK / AFP

PASSARELA ANIMAL

Há algo de bestial no reino da alta moda. Primeiro foram as cabeças de leão e pantera adicionadas aos modelos da marca Schiaparelli na Fashion Week de Paris. Agora a atriz **JULIA FOX,** 33 anos, aparece com dois enormes chifres adicionados ao vestido jeans, contribuição (de gosto muitíssimo duvidoso) do estilista de vanguarda Luis De Javier à semana de Nova York. Verdade seja dita: Julia – que ganhou fama ao namorar o destrambelhado rapper Kanye West por seis semanas – atravessou a passarela equilibrando o adereço sem titubear. Antes, já havia se exibido em um macacão com aplicações de metal e em um vestido transparente e uma bolsa cheia de preservativos. Tudo sem sobrancelha, que descoloriu. Alguém notou? ■

INSTAGRAM @JULIAFOX

O CARNAVAL DO DESAFOGO

A festa de 2023 promete ser uma resposta de alívio aos três anos de isolamento e tristeza provocados pela pandemia. Detalhe: mais turistas e mais dinheiro vão circular pelo país

MARILIA MONITCHELE E **GUSTAVO SILVA**

ALEGRIA, ALEGRIA! Bloco no Rio de Janeiro: serão mais de 5 000 em todo o país, um número recorde na história

ALEX FERRO

CAPA: FOTO DE SUAMY BEYDOUN/AGIF/AFP

ão há tristeza que possa / suportar tanta alegria / quem não morreu da espanhola / quem dela pode escapar / não dá mais tratos à bola / toca a rir / toca a brincar." A revista *Careta*, na edição de 11 de janeiro de 1919, revelava a letra de uma das marchinhas carnavalescas que seriam cantadas em verso e prosa no Baile dos Democráticos, um dos mais animados do Rio de Janeiro naquele ano de descarrego. O mundo e o Brasil saíam, entre a dor e o espanto, da gripe espanhola. As autoridades de saúde estimaram a morte de pelo menos 15 000 cariocas em decorrência do vírus, entre 1918 e 1919 — e a folia representava um grito de alívio.

O escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues (1912-1980), conservador por natureza, lembrou, em seu livro de memórias — *A Menina sem Estrela* — daquele período da infância: "De repente, passou a gripe. Ninguém pensava nos mortos atirados nas valas, uns por cima dos outros. Lá estavam, humilhados e ofendidos, numa promiscuidade abjeta. A peste deixara aos sobreviventes não o medo, não o espanto, não o ressentimento, mas o puro tédio da morte. Lembro-me de um vizinho perguntando: — 'Quem não morreu na espanhola?'. E ninguém percebeu que uma cidade morria, que o Rio machadiano estava entre os finados. Uma outra cidade ia nascer. Logo depois explodiu o Carnaval. E foi um desabamento de usos, costumes, valores, pudores". Em março, a *Gazeta de Notícias* celebraria em manchete, no português daquele tempo e com exclamação: "O Carnaval triumphan-

ZANONE FRAISSAT/FOLHAPRESS

VACINA IDEOLÓGICA Crítica a Bolsonaro no Carnaval: assunto já superado

te!". Em outubro do ano anterior, o tom era o total avesso: "O Rio é um vasto hospital".

Não seria exagero comparar o Carnaval de 2023 com aquele de 1919 — tempo em que os quatro sagrados dias de festa terão servido como revanche ao período de fechamento e restrições impostos pelo vírus. No ano passado, com os índices de casos e mortes de Covid-19 empurrando as curvas para baixo, houve algum indício desse movimento, mas foi quase uma farra tímida, feita apenas de Quarta-Feira de Cinzas. Agora não, e a estatística médica autoriza o deus-dará — apesar de a pandemia ainda vigorar, com quase 700 000 mortes no Brasil. Mas no domingo 12, pela primeira vez desde março de 2020, não houve óbito em decorrência da pan-

JOÁ SOUZA/FUTURA PRESS

POR TERRA E POR MAR Navios em Salvador: o número de turistas a bordo será bem maior do que antes da pandemia

demia — embora a média móvel de perdas para os sete dias anteriores fosse ainda de 45 inaceitáveis fatalidades.

É senha sanitária refletida em um outro tipo de estatística, atrelada ao turismo. Pelo menos 5 000 blocos desfilarão pelo chão do Brasil, número semelhante ao da festa de 2020, antes da quarentena. Mais de 46 milhões de pessoas sairão às ruas — 10 milhões a mais do que há três anos — movimentando 8,2 bilhões de reais, quase 2 bilhões de reais a mais do que em 2022. As redes hoteleiras do Rio, Salvador e Recife anunciam ocupação máxima. Espera-se que, entre 16 e 21 de fevereiro, doze navios de cinco companhias atraquem no litoral brasileiro, em um total de 119 000 desembarques de turistas — em movimentação que não se via des-

de o susto com a Covid-19. "O Carnaval deste ano representará a libertação da pandemia, período sem festas oficiais", disse a ministra do turismo, Daniela Carneiro, em nota enviada a VEJA. O secretário de turismo do estado do Rio de Janeiro, Gustavo Tutuca, dá um passo à frente na celebração: "Pode significar, sim, em momento de extravasar sentimentos, a vitória contra a doença".

Para além do mar de gente, da chuva, suor e cerveja, do chega para lá ao vírus, há um outro modo de entender o Carnaval de 2023: por meio da postura dos foliões, nas ruas e passarelas. Nas últimas temporadas, logo antes da Covid-19, e no ano passado, havia um tom de comportamento que parecia revidar a postura do governo conservador do então presidente Jair Bolsonaro. Em 2019, ele postou em suas redes sociais um conteúdo pornográfico gravado durante os primeiros dias da festa em São Paulo. As imagens mostravam dois homens dançando em cima de um ponto de ônibus, nus e em cena libidinosa. Bolsonaro, à guisa de criticar o que acontecera, para ele inaceitável, deu um tiro no próprio pé. Foi achincalhado, exposto ao ridículo e teve de retirar a postagem. Debaixo do sol, os brasileiros que não concordavam com sua postura, dobraram a aposta — e poucas vezes se viu tanta gente sem roupa sambando no pé, causando frisson sem amarras. No ano passado, em plena pandemia, a escola de samba Rosas de Ouro, de São Paulo, uma das mais tradicionais da cidade, pôs à frente de um dos carros alegóricos um homem fantasiado de Bolsonaro, com a faixa presiden-

O NOVO TOM DAS MARCHINHAS

MARCOS MICHAEL

HOMENAGEM João Roberto Kelly: marcha para a comunidade LGBTQIA+

Ainda antes da pandemia, uma discussão acalorada atingia o Carnaval: até que ponto a folia deveria se render ao figurino da correção política? Marchinhas clássicas dos anos 1960 já haviam caído na malha fina e estavam banidas do repertório de blocos carnavalescos do Rio e São Paulo, como *O Teu Cabelo Não Nega* (Lamartine Babo) e *Ai Que Saudades da Amélia* (Ataulfo Alves e Mario Lago), por serem consideradas machistas, racistas ou homofóbicas. É grita que se aplica, claro, a três hits inescapáveis do compositor carioca João Roberto Kelly: *Mulata Bossa Nova*, *Maria Sapatão* e *Cabeleira do Zezé*. Agora, aos 84 anos, ele se curva à pressão irresistível dos novos tempos: lançou neste mês uma marchinha em homenagem à comunidade LGBTQIA+, feita em parceria com o produtor Lúcio Mariano e gravada pelo cantor Carlinhos Madame. Segundo o autor, a letra de *Eu Sou Gay* celebra os grandes responsáveis pela folia. "Eu sou gay / O mundo é meu / Você não é? / Azar o seu", diz a canção. "Eu quis enaltecer aqueles que considero os grandes artesãos do Carnaval. Sem eles, não haveria festa", afirma Kelly.

BONS TEMPOS Baile de salão dos anos 60: folia pré-correção política

Para além da homenagem, ele reconhece que a nova composição é uma resposta a quem o ataca por ter composto no passado letras politicamente incorretas. Mas, ainda assim, minimiza as críticas. "Acho essa discussão inútil. O importante é pular o Carnaval com músicas próprias da folia. Não dá para festejar ouvindo *Samba de Uma Nota Só*", diz, alfinetando uma pérola da bossa nova. "O politicamente correto atrapalha muito. O Carnaval é crítica, gozação e brincadeira, sempre feitas de modo sadio", completa.

Kelly lembra que *Cabeleira do Zezé* foi composta em 1964 para o garçom José Antonio, o Zezé, um rapaz cabeludo e cheio de marra que trabalhava no Bar São Jorge, do Leme, no Rio. "É uma crítica aos transviados *(vadios)* da época. Não quer dizer viado", diz. "Minha música não tem a palavra 'bicha', que os foliões cantam após 'será que ele é / será que ele é'. Não faço música para ofender ninguém", defende-se. Já *Maria Sapatão* foi uma encomenda de Chacrinha, que assina como coautor. "A letra diz que a sapatão está na moda e o mundo aplaudiu. Não há o que criticar", diz. A guerra das marchinhas vai pegar fogo.

Felipe Branco Cruz

cial e tudo, e que — surpresa! — virava um jacaré ao tomar vacina no ombro. A plateia riu, a fotografia rodou o mundo como manifesto carnavalesco. Em suas redes sociais, o ocupante do Palácio do Planalto tentou rir do evento. Publicou a foto e escreveu: "Que apresentação ruim. kkkkkkk".

A graça agora é outra, e os enredos das escolas de samba parecem andar ao ritmo dos Carnavais do passado, ao encontro da história do país. A centenária Portela beberá de sua própria travessia, como rios que passaram em nossas vidas. Diz a letra da azul e branco: "Cem anos da mais bela poesia / vivam esse sonho genuíno / de fazer valer nosso legado / vejo um futuro mais lindo / nas mãos de quem sabe o valor do passado". Portanto, o dedo apontado para essa ou aquela autoridade sai de cena. É assunto velho. Em 2020, cinco das treze escolas do Grupo Especial do Rio fizeram menção à política partidária, com críticas fortes a Bolsonaro. Agora, nenhuma agremiação fará referências explícitas em seus sambas-enredo. Em 2023, sete das doze escolas abordarão temas relacionados ao Nordeste. A Imperatriz Leopoldinense e a Mocidade Independente de Padre Miguel homenagearão Lampião. Os enredos foram escolhidos antes das eleições de outubro do ano passado, mas já se intuía — diante das pesquisas de opinião ou do cansaço — que tinha chegado a hora de virar a página do bolsonarismo. E voltou-se à pauta que nunca deixou de passear pelo Sambódromo e pelas avenidas de antigamente, como regra imutável: o riso associado aos incômodos do país. "As escolas de samba pen-

ACERVO IMS

GAZETA DE NOTICIAS

O Carnaval triumphante !

Mais premios carnavalescos!

REPRODUÇÃO/BIBLIOTECA NACIONAL

REVANCHE

Em 1919: o grito carioca depois do drama da terrível e mortal gripe espanhola

sam o Brasil há muito tempo, elas sempre foram vanguarda", diz Alberto Mussa, pesquisador e escritor, coautor do livro *Samba de Enredo: História e Arte*. "As agremiações têm longa história no combate, direto ou indireto, a diversos tipos de preconceito: religioso, racial, de gênero. Seja em seus enredos e sambas, seja em função de abrigarem em seu espaço indivíduos marginalizados pelo corpo social."

O Salgueiro, como se resumisse o fim de um tempo e o início de outro, em nome da liberdade de expressão e não de um partido, celebrará o carnavalesco Joãosinho Trinta: "Basta! De violência e opressão / chega de intolerância / a luz da eternidade acende a chama / festejando a igualdade que a fe-

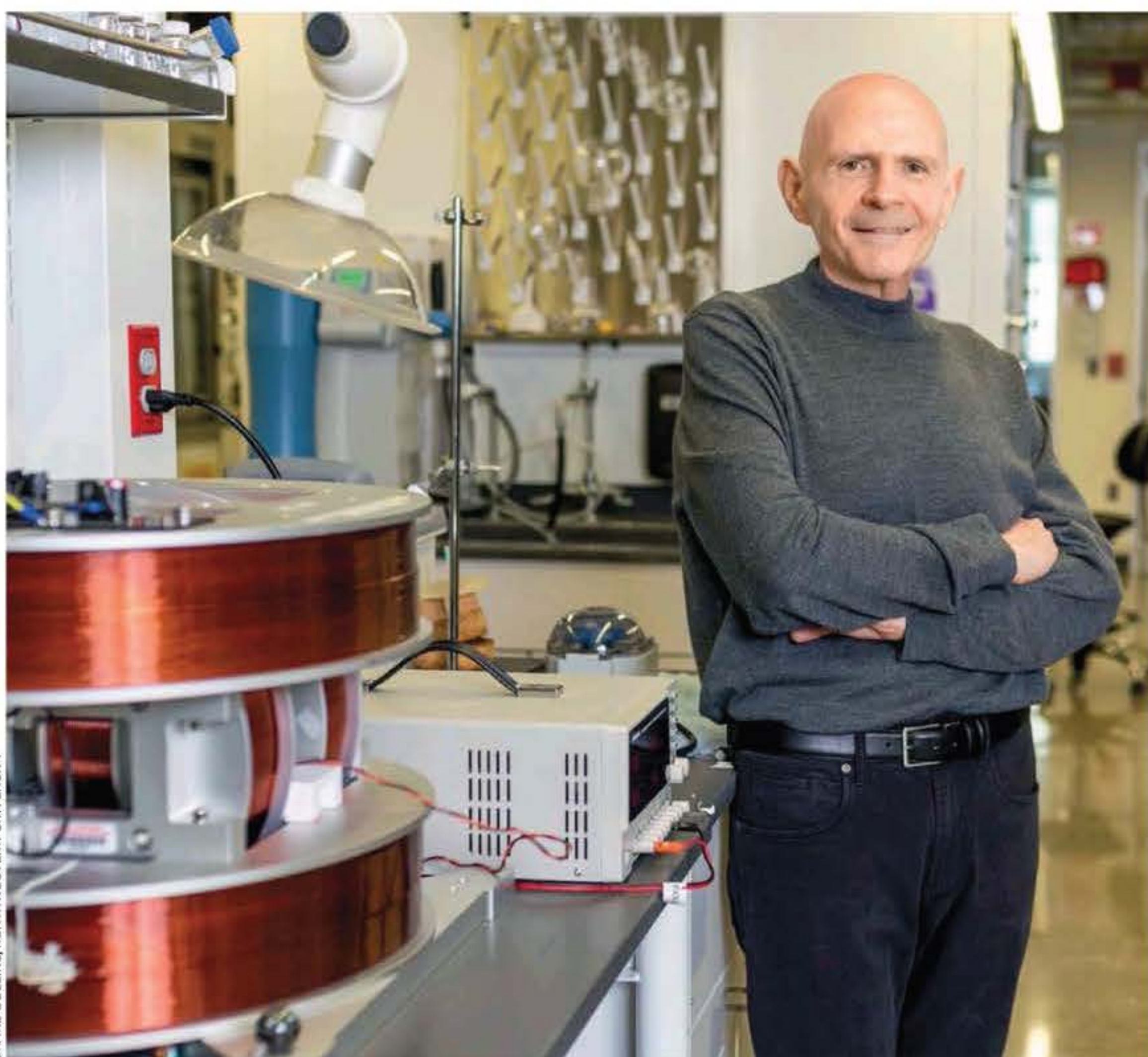
ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

CHARLESTON Anos Loucos do jazz: farra nos Estados Unidos do pós-guerra

licidade emana / resplandece a beleza do meu rubro paraíso / proibido é proibir, aviso". Embora, ao menos metaforicamente, no Carnaval seja proibido proibir, não vale tudo — e 2023 será espelho da sociedade. Os debates sobre velhas maneiras de festejar lotam as redes sociais, com críticas aos homens brancos que saem fantasiados de indígenas, pintam o rosto de preto e se vestem com roupas do guarda-roupa feminino. O ponto: etnia e sexualidade não são "fantasia". A diversidade é fundamental, mas também no Carnaval se impõe o respeito ao lugar de cada um e de todos, numa outra marca fundamental do Brasil que emana depois de um período de opiniões oficiais emboloradas sobre o que pode ou não pode.

As ruas, enfim, contarão um novo capítulo de nosso tempo. "O Carnaval desmantela a ideia de um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar", diz o antropólogo Roberto DaMatta. Na bagunça saudável, há evidente vontade de se dizer alguma coisa ou, como escreveu Chico Buarque em *Que Tal um Samba?:* "Para espantar o tempo feio / para remediar o estrago / que tal um trago? / Um desafogo, um devaneio?". É assim em momentos que sucedem às fases ruins, como os de pós-guerra. Um levantamento feito pelo Departamento de Psicologia da Universidade de Warwick, do Reino Unido, mostrou que os americanos nunca foram tão felizes como no início e meados dos anos 1920, depois da gripe espanhola e do fim da I Guerra Mundial — e antes, portanto, da Grande Depressão, que teve como símbolo o crash da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929. O estudo, o primeiro de seu gênero, comparou, por meio do Google, reportagens de jornais e textos de mais de 8 milhões de livros lançados entre 1820 e 2009. Os *twenties* foram um tempo de profundas transformações, nos chamados Anos Loucos, colados ao jazz e ao agitar de braços e pernas do *charleston,* e regados a álcool, apesar da Lei Seca, que proibia a fabricação, venda e transporte de bebida nos Estados Unidos. O Carnaval de 2023 tem essa pegada. Talvez seja preciso tirar a máscara de pierrô e colombina ao entrar no avião, ônibus ou no metrô, e no lugar dela colocar uma máscara sanitária, mas tudo bem. O pior já passou. Vale, sim, festejar. ■

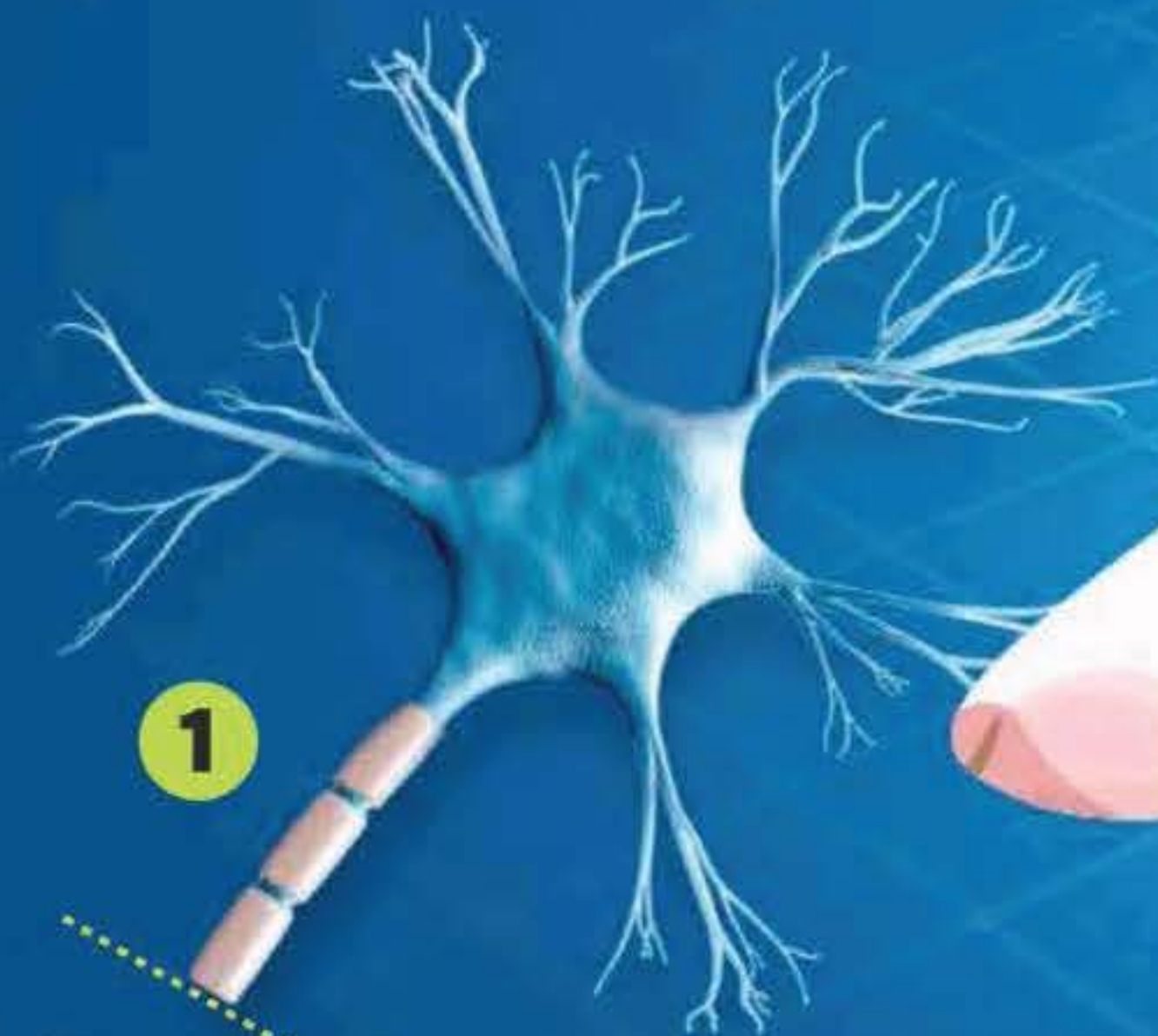
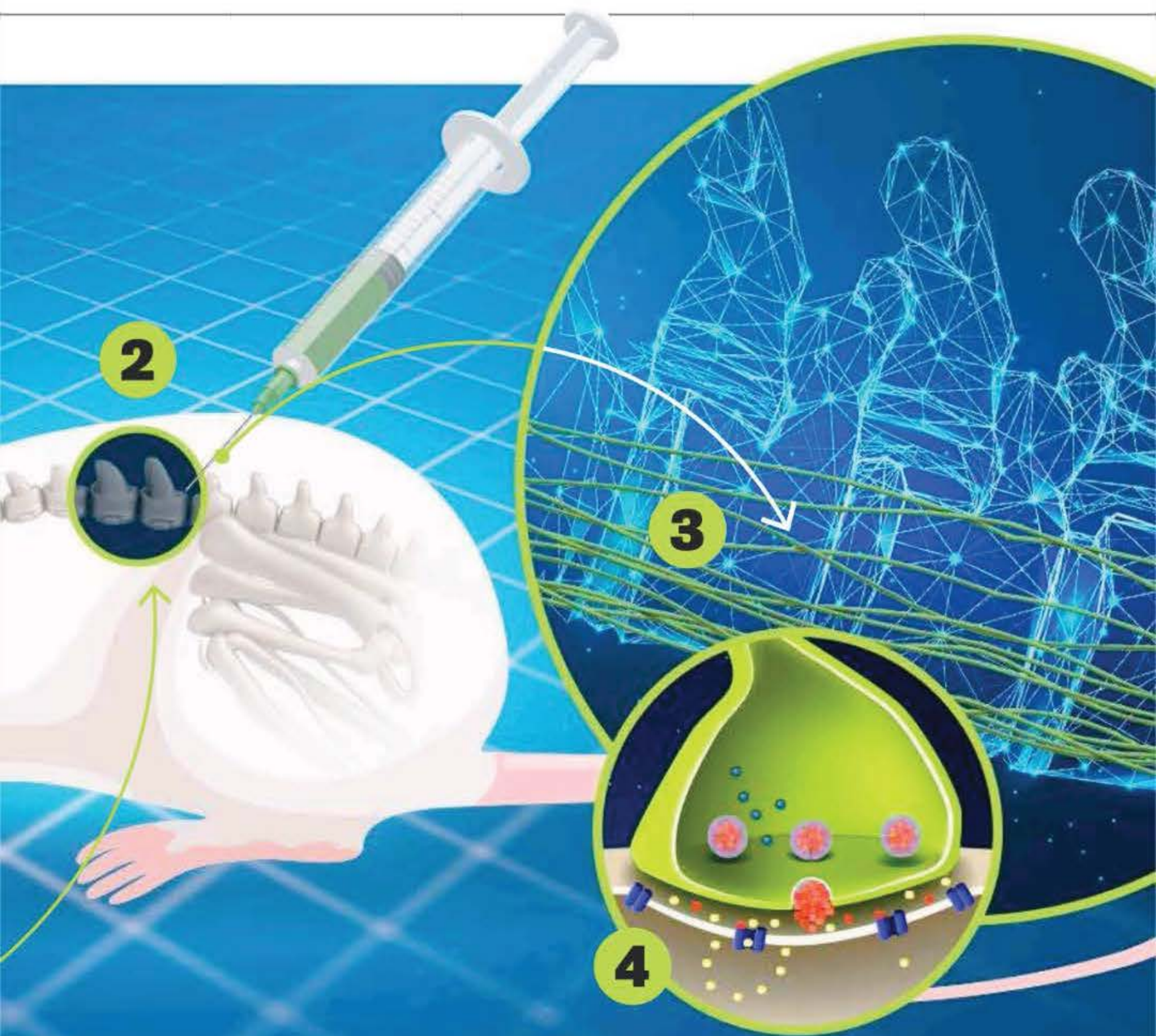
UM PASSO GIGANTESCO

Nova terapia desenvolvida nos EUA devolve os movimentos a roedores paralisados. O desafio agora é levá-la para testes em pessoas com lesões na medula espinhal **PAULA FELIX**

SHANE COLLINS/NORTHWESTERN UNIVERSITY

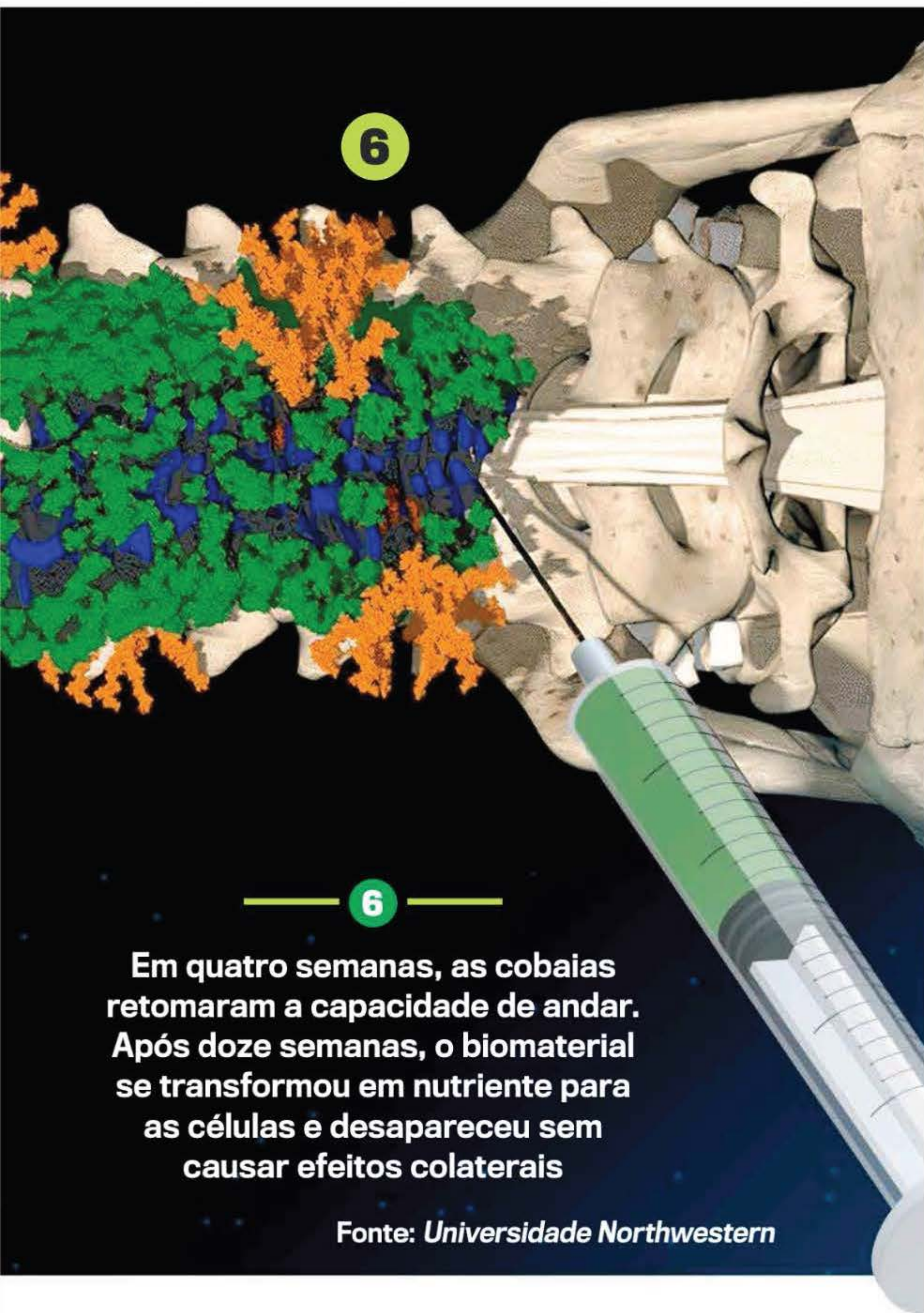
INOVAÇÃO Stupp: o pesquisador aposta em uma única injeção na medula

AS LESÕES na medula espinhal representam uma das maiores barreiras na medicina. A depender da gravidade, mesmo com agilidade no atendimento, podem levar o paciente da plena autonomia à perda parcial ou total dos movimentos de membros, controle de funções básicas do sistema excretor e alterações na sensibilidade. Nas últimas três décadas, a chamada medicina regenerativa se debruçou sobre as tentativas de reconstrução e retomada das funções de estruturas afetadas principalmente por acidentes, quedas e ferimentos com armas de fogo. Dada a intrincada rede que envolve a comunicação entre o cérebro e demais partes do corpo, os avanços ainda podem ser considerados discretos. Um novo estudo publicado pela renomada revista *Science*, no entanto, se contrapõe a essa regra. Em linhas gerais, o trabalho consiste em uma terapia injetável de dose única que demonstrou em camundongos potencial para regenerar partes das células cerebrais, formar novos vasos sanguíneos e preservar neurônios motores, resultando no retorno da capacidade de andar em apenas quatro semanas *(leia detalhes no quadro acima)*. Parece algo extraordinário e, ao que tudo indica, realmente é.

O trabalho do pesquisador costa-riquenho Samuel Stupp, da Universidade Northwestern, nos Estados Unidos, atraiu a atenção da comunidade científica por comprovar, ao menos entre os roedores, a possibilidade de reparar o tecido espinhal e reverter a paralisia. No processo, que ele chamou pelo sugestivo nome de “moléculas dançantes”, um biomaterial

MONTAGEM COM ILUSTRAÇÕES DE ISTOCK/GETTY IMAGES

2
3
4
3
No organismo, as moléculas formaram minúsculas estruturas de fibras (nanofibras) que envolveram a medula espinhal
4
O grupo descobriu que era possível controlar o movimento dessas nanofibras por meio de alterações na estrutura química delas

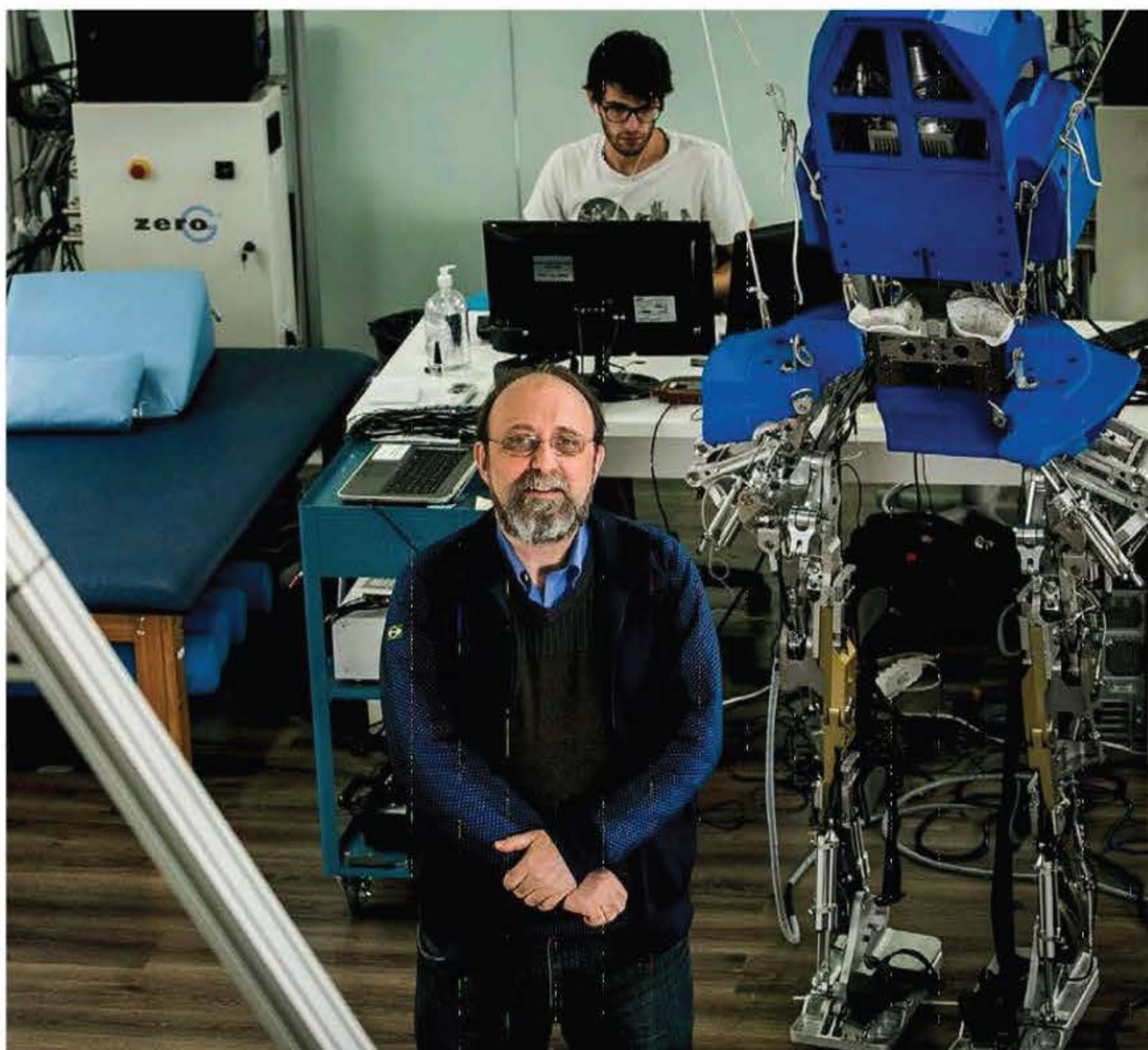
5

As "moléculas dançantes", como foram chamadas, foram capazes de enviar sinais para as células atuarem nos processos regenerativos de estruturas danificadas

6
6
Em quatro semanas, as cobaias retomaram a capacidade de andar. Após doze semanas, o biomaterial se transformou em nutriente para as células e desapareceu sem causar efeitos colaterais
Fonte: *Universidade Northwestern*

feito de proteínas e gordura desenvolvido pelos cientistas foi injetado na medula espinhal das cobaias com lesão recente, ocorrida no dia anterior. Em apenas um mês, elas retomaram a capacidade de caminhar e, após doze semanas, o tratamento tinha sido absorvido pelo organismo. "Tenho investigado o assunto nos últimos vinte anos e essa descoberta é empolgante porque tem a possibilidade de se converter em terapia", disse Stupp a VEJA.

Há indícios, segundo ele, de que o método possa ser aplicado em ossos, cartilagens, músculos, órgãos e se tornar um tipo de tratamento capaz de dar aos médicos a possibilidade de cuidar de casos, até o momento, considerados irreversíveis. "Temos milhões de pessoas no mundo que ficam confinadas após situações devastadoras, como acidente de carro, explosão ou vítimas de arma de fogo. E, normalmente, são pessoas jovens", apontou o cientista. Apesar de ser promissora, a pesquisa terá de esperar pela liberação da Food and Drug Administration (FDA), agência reguladora dos Estados Unidos, para chegar aos ensaios com humanos. O pesquisador acredita que, se tudo correr sem atrasos, a autorização pode vir em menos de cinco anos, prazo curtíssimo em se tratando de pesquisas de tamanha dificuldade.

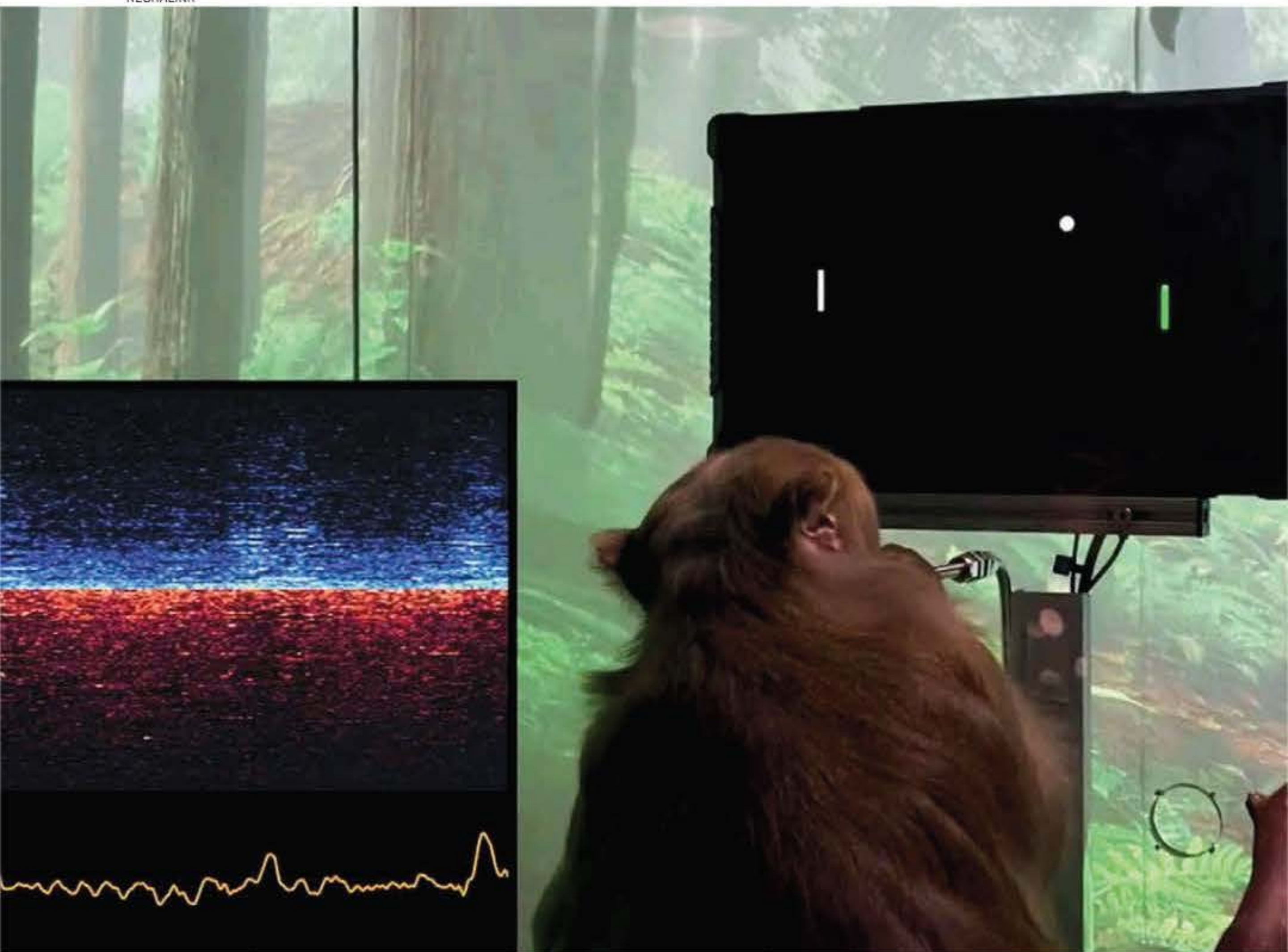
É, de fato, um campo desafiador. A possibilidade de restabelecer partes do corpo degradadas permeia o imaginário da humanidade, desde o mito grego de Prometeu, que via seu fígado se regenerar após ser diariamente devorado por uma

BRUNO SANTOS/ FOLHAPRESS

ESPERANÇA Nicolelis e seu exoesqueleto: chute na Copa de 2014

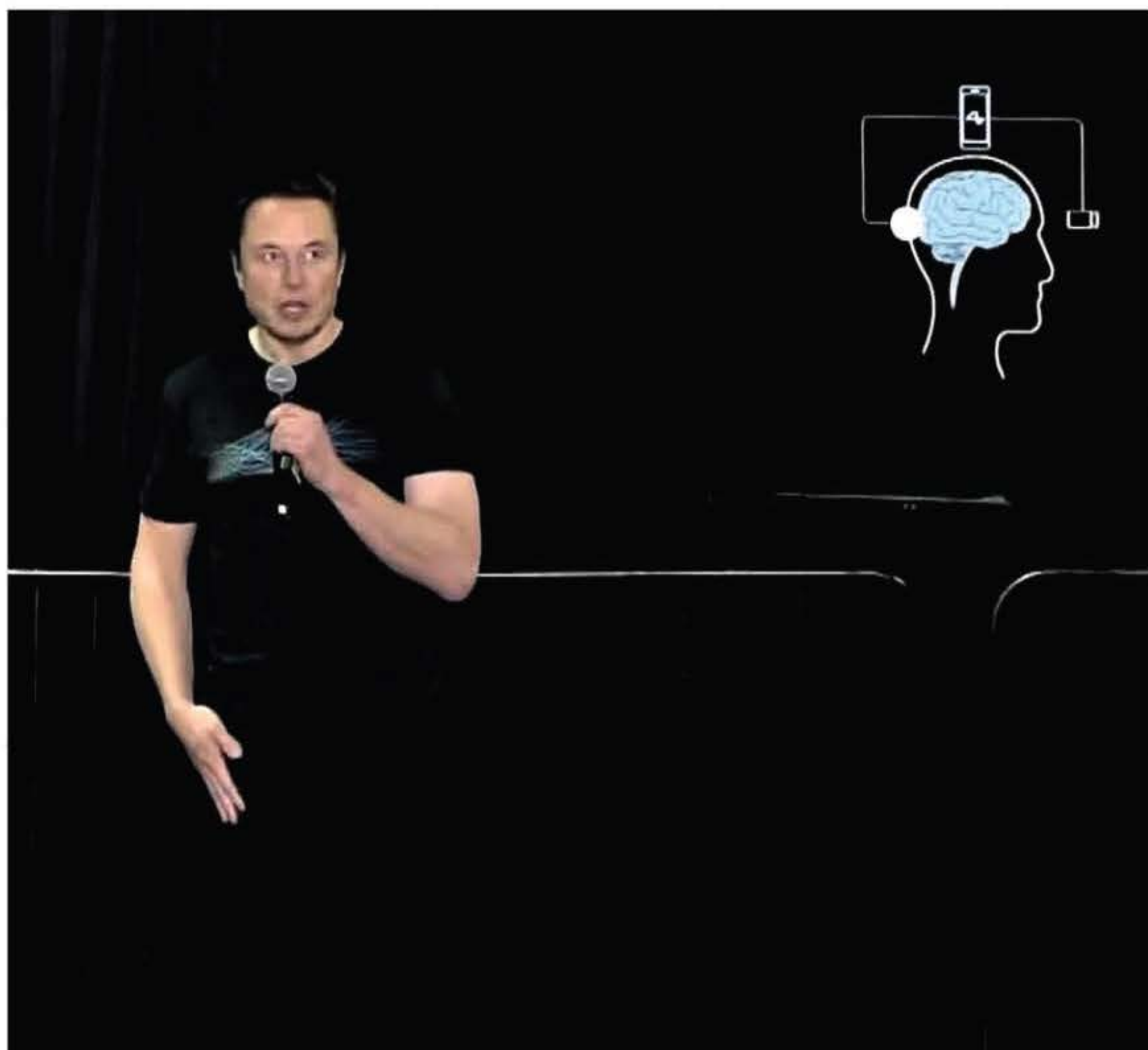
águia, até a construção de corpos biônicos em filmes de ficção científica. Foi apenas em 1992 que teve início um debate sobre a combinação de nanotecnologia, engenharia de tecidos, transplante de células e próteses biomecânicas como tecnologias de impacto para um futuro próximo. Sete anos depois, o cientista americano William Haseltine condensou o uso dessas técnicas no termo "medicina regenerativa", utilizado até hoje.

Ao longo de seu desenvolvimento, a área passou dos estudos de danos mais superficiais, embora não menos complexos, como a reconstrução de tecidos destruídos em queimaduras, para projetos focados em tirar da cama e da cadeira de rodas pacientes que sofreram lesões severas na coluna vertebral. Células de gordura, células-tronco — aquelas capazes de se diferenciar em células específicas — e biomateriais são algumas das técnicas aprimoradas nos últimos anos. Outra vertente vem se concentrando em um conceito mais tecnológico, como implantes cerebrais para devolver os movimentos através de comandos emitidos pela mente.

No Brasil, o exoesqueleto do cientista Miguel Nicolelis alimentou expectativas para o pontapé inicial da Copa do Mundo de 2014 feito por uma pessoa que havia perdido os movimentos, mas o resultado decepcionou quem esperava por um chute espetacular — expectativa injusta diante da complexidade para a execução da tarefa. Atualmente, um dos focos está na aposta da empresa de neurotecnologia Neuralink, liderada pelo controverso dono do Twitter, Tesla e SpaceX, Elon Musk. Por enquanto, os testes estão sendo realizados com macacos que utilizam chips implantados no cérebro. Ao contrário das novas moléculas dançantes, o chip de Musk não tem prazo para ser testado em pessoas de carne e osso. Na verdade, seu projeto despertou debates sobre a falta de ética no trato com as cobaias e o risco de disseminação de doenças infecciosas provocada pelos implantes.

O salto maior, a aplicação das novas terapias e tecnologias

NEURALINK

CHIP Macacos com implante cerebral jogam videogame: o processo pode causar danos aos neurônios

em humanos, é algo que demandará esforço redobrado dos cientistas. Nos chips da Neuralink, o maior gargalo é aprimorar o método para que os implantes sejam instalados sem causar danos ao cérebro. "Para movimentar um braço, são necessários 500 eletrodos", afirma Mario Gazziro, doutor em física computacional pela Universidade de São Paulo e professor da UFABC. "Para evitar riscos, conseguimos colocar apenas cinquenta." Segundo o especialista, um método

NEURALINK

MARQUETEIRO Musk em apresentação da Neuralink: projeto incerto

que utilize as informações do cérebro e um exoesqueleto realmente eficaz seriam viáveis somente em trinta anos. Na pesquisa da Universidade Northwestern, o prazo é mais curto, mas não há garantias de que o sucesso com os camundongos seja replicado em homens e mulheres que perderam os movimentos. Ainda assim, as tais "moléculas dançantes" significam um salto gigantesco para um dos maiores desafios da medicina: trazer de volta a chance de andar. ■

WARNER BROS.

O AVESSO DA MAGIA

Game *Hogwarts Legacy*, ambientado no universo de Harry Potter, é boicotado pela comunidade trans após declarações feitas pela criadora do bruxo **ANDRÉ SOLLITTO**

TREVAS Cena do jogo: parte dos fãs decidiu nem mesmo testar o aguardado lançamento

NO MUNDO mágico de Harry Potter, o feitiço conhecido como "aparatação" faz com que, após o simples acionamento da varinha encantada, os bruxos desapareçam de um lugar e imediatamente surjam em outro. Nem isso, contudo, seria suficiente para afastar o bombardeio que a criadora do personagem, a britânica J.K. Rowling, vem sofrendo especialmente da comunidade trans, que a acusa de

intolerância e preconceito. Os ataques agora ameaçam até os fãs do recém-lançado game *Hogwarts Legacy*, o mais esperado da saga desde que o bruxinho seduziu fãs na literatura e no cinema. Após inúmeros títulos decepcionantes, parecia que, pela primeira vez, o fascinante universo inventado por Rowling seria transportado, com a mesma exuberância, para o ambiente dos jogos eletrônicos. Mas a movimentação e o engajamento dos críticos têm sido tão intensos que feitiço algum daria jeito.

Tudo começou em 2019, quando a escritora fez os primeiros comentários considerados transfóbicos em seu Twitter *(leia ao lado)*. Quando questionada pelos fãs sobre seus posicionamentos, Rowling endureceu o discurso. Desde então, passou a compartilhar conteúdos que incomodam a comunidade trans. Nos últimos tempos, criticou a nova legislação escocesa que permite que pessoas sejam legalmente reconhecidas pelo gênero com o qual se identificam. Nem mesmo o apelo de leitores a fez mudar de ideia. "Como você dorme à noite sabendo que perdeu uma parcela de seu público?", escreveu um internauta. "Eu vejo meus cheques de royalties mais recentes e descubro que a dor passa rapidamente", respondeu ela, com petulância. Até mesmo os atores dos filmes baseados na saga de Harry Potter se manifestaram contra as afirmações bombásticas de Rowling, tentando manter distanciamento seguro do caso. Com o lançamento do game, o tema voltou a ser discutido nas redes sociais com força total.

Ativistas e simpatizantes da causa LGBTQIA+ foram rápidos em se organizar e propor um boicote a *Hogwarts Legacy*. Alguns veículos especializados em games decidiram não cobrir o lançamento ou não fazer uma análise do jogo. Um deles, o Rock Paper Shotgun, publicou uma série de conteúdos focados em outros títulos que abordam a bruxaria e temas correlatos. “É importante que as pessoas saibam que a autora desse universo trabalha ativamente para dificultar a nossa existência”, afirma a youtuber e ativista Bryanna Nasck. O lobby que Rowling fez contra a legislação escocesa — disse que a ex-primeira-ministra Nicola Sturgeon estaria “destruindo os direitos das mulheres” — e a decisão de investir em um grupo que atende apenas mulheres vítimas de estupro, deixando as pessoas trans de fora, são algumas das atitudes que preju-

TWITTER @JK_ROWLING

INTOLERANTE A autora J.K. Rowling: críticas à ex-primeira-ministra escocesa Nicola Sturgeon

CRISE EM HOGWARTS

***As declarações polêmicas da autora de* Harry Potter**

Tudo começou em 2019, quando a autora saiu em defesa de Maya Forstater, pesquisadora que perdeu o emprego por comentários transfóbicos

Mais tarde, fez críticas a um artigo que usava a expressão "pessoas que menstruam", reclamando que o texto não falava simplesmente em "mulheres"

- No Twitter, compartilha conteúdos que criticam a terapia de hormônios usada por pessoas trans

- A história de seu livro ***Troubled Blood*** é centrada em um homem que se veste de mulher para matar mulheres cisgênero

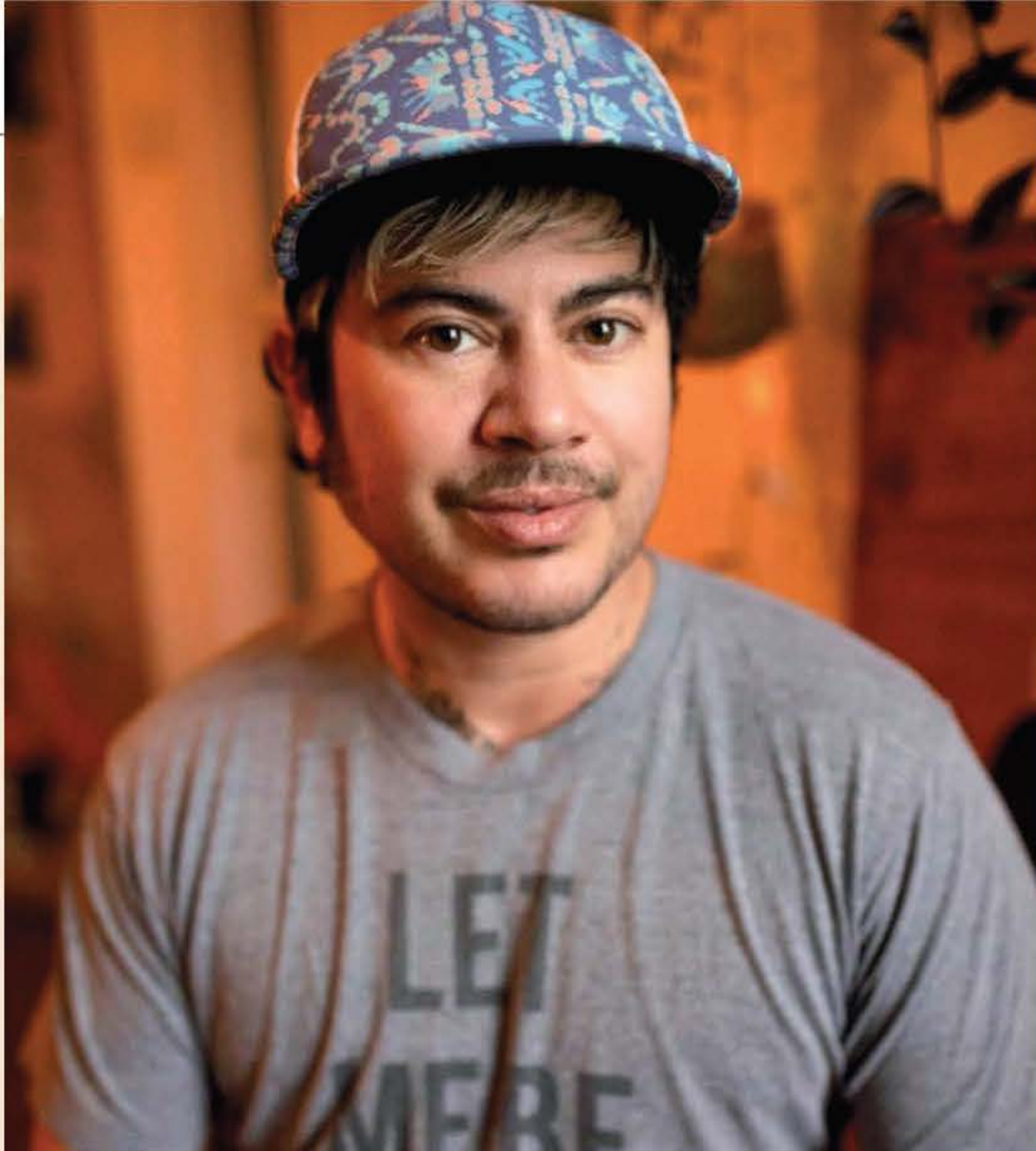
- Nos últimos meses, criticou a ex-primeira-ministra escocesa Nicola Sturgeon pela aprovação de uma lei que facilita que pessoas trans mudem legalmente o gênero com que se identificam

- No fim de 2022, lançou um serviço de apoio a vítimas de violência sexual voltado "apenas a mulheres"

dicam quem se identifica como transgênero. “Estamos falando de vidas, de seres humanos que são impactados diariamente por isso”, diz Nasck.

Como costuma ocorrer nas redes sociais, os ânimos se inflamaram rapidamente. De um lado, os que saíram em defesa da escritora afirmaram que a reivindicação da comunidade trans é apenas uma forma de “cancelar” Rowling e uma tentativa de reduzir a discussão ao campo da superficialidade. De outro, a parcela mais radical perseguiu até mesmo quem decidiu apenas e simplesmente jogar o game, em busca de diversão. O assunto, claro, merece ser tratado com a seriedade que merece, mas sem radicalismos que impeçam o debate lúcido e sensato.

O problema é que as mídias sociais não foram feitas para fomentar as discussões saudáveis. “Os algoritmos privilegiam e favorecem o engajamento daqueles que adotam uma linguagem mais beligerante”, afirma Gabriel Rossi, sociólogo, pesquisador e professor de comunicação da ESPM. “Com isso, pautas importantes de militância política acabam sendo sufocadas”, completa o especialista. Também é comum que personalidades com muitos seguidores saiam da polêmica ainda mais fortes. O mesmo raciocínio vale para marcas que se tornam alvo de debates nas redes sociais. É o que está ocorrendo agora com o game Harry Potter. Apesar de todas as críticas, *Hogwarts Legacy* é um enorme sucesso de vendas, ocupando a primeira posição em lojas on-line. Ainda é cedo

INSTAGRAM @THEFOXFISHER

DE SAÍDA O escritor trans Fox Fisher: distância da agência de Rowling

SOLIDARIEDADE LITERÁRIA

Quando J.K. Rowling fez as primeiras declarações polêmicas, alguns de seus colegas da agência literária The Blair Partnership exigiram um posicionamento da empresa sobre o apoio à comunidade LGBTQIA+. Na falta de uma declaração mais assertiva, o casal de escritores trans Fox Fisher e Ugla Stefania

Kristjonudottir Jonsdottir, junto com o autor gay Drew Davies, decidiu abandonar a agência. Após a saída, divulgaram uma carta em que explicavam os motivos da saída. "Declarações de apoio às pessoas LGBTQIA+ como um todo precisam ser seguidas por ações significativas e impactantes, tanto interna quanto publicamente", escreveram eles. A Blair Partnership fez pouco caso. "Acreditamos na liberdade de expressão para todos. Esses clientes decidiram sair porque não atendemos suas demandas para sermos reeducados para seu ponto de vista", disseram eles, em um comunicado divulgado na época. Pouco depois, mais de 1500 autores e funcionários do mercado editorial britânico também assinaram uma carta aberta criticando o posicionamento de Rowling. Nas redes sociais, até o americano Stephen King, um dos autores mais vendidos do planeta, manifestou seu apoio à comunidade trans. O escritor compartilhou uma mensagem de Rowling que tratava da importância de as mulheres compartilharem suas experiências, e a autora britânica respondeu dizendo que reverenciava King. Quando um fã entrou na discussão e perguntou ao escritor se ele acreditava que mulheres trans também eram mulheres, King respondeu de forma afirmativa. E Rowling apagou o elogio original. Fora do universo literário, a criadora de Harry Potter recebeu o apoio de Ralph Fiennes, que vive o vilão Lord Voldemort na saga de filmes, e do falecido Robbie Coltrane, intérprete de Hagrid.

JULIEN MATTIA/ZUMA PRESS/FOTOARENA

APOIO Parada do orgulho LGBTQIA+ em Paris, na França: comunidade saiu em defesa do boicote às obras de Rowling

para ter certeza, mas a demanda sugere que será o título mais vendido do ano. Há outros exemplos. O ator Johnny Depp, que foi inicialmente "cancelado" por causa das denúncias feitas por Amber Heard, sua ex-mulher, saiu dos processos de difamação que moveu contra ela com a fama renovada.

O boicote a J.K. Rowling trouxe à tona, mais uma vez, a discussão sobre a separação entre o artista e sua obra. Críticos de literatura defendem a importância do trabalho do americano Ezra Pound, embora ele fosse simpatizante do nazismo. Os livros de Monteiro Lobato continuam a ser lidos por crianças, apesar de seu posicionamento racista. Muitas pessoas passam por cima dessas questões e decidem apreciar as obras pelo que elas contêm — mas isso é mais fácil quando fazem parte de um grupo que não é alvo de ataques. Às vezes, no entanto, o produto artístico está tão associado à maneira como o autor pensa que não é possível fazer tal distinção.

As declarações transfóbicas da escritora britânica fizeram com que a saga do bruxo fosse esmiuçada e outros elementos questionáveis acabassem sendo encontrados em seus livros, como a reprodução de estereótipos antissemitas na caracterização de alguns personagens. Saber como determinado autor pensa pode ter efeito benéfico. "Essas informações dão um novo filtro para ler ou revisitar a produção artística dessas pessoas", afirma Marco Antônio de Almeida, sociólogo e professor da Universidade de São Paulo. "Você consegue rever as obras sob uma nova ótica e compreender as questões apresentadas de um jeito diferente, mais maduro." No episódio específico de Rowling, muita gente acha que suas posições só trazem trevas e intolerância — ao contrário de suas obras, que iluminaram a vida de fãs do mundo inteiro. ■

A ARTE DA GUERRA

Mostra em Roma reúne obras que foram salvas e resgatadas durante as agressões de Hitler e hoje fazem parte do patrimônio artístico da Itália

ALESSANDRO GIANNINI

ALBERTO NOVELLI/SCUDERIE DEL QUIRINAL

OBSESSÃO O *Discóbolo* e Hitler: o ditador obrigou seu dono a vender a obra

RETRATADOS no filme *Caçadores de Obras-Primas* (2014), de George Clooney, os "Monuments Men" eram um grupo de 345 pessoas de treze países que serviram no programa de Monumentos, Belas Artes e Arquivos das forças aliadas durante a II Guerra Mundial. Eram quase todos militares, encarregados de recuperar e preservar obras de arte e itens culturais roubados ou ameaçados pelas forças nazistas na Europa. Na Itália, um coletivo menos conhecido e mais informal, composto de funcionários públicos, historiadores da arte e dirigentes de museus e galerias, conseguiu salvar grande parte do patrimônio artístico do país em ações quase sempre arriscadas e heroicas. Aberta em Roma, a exposição *Arte Liberata 1937-1947: Capolavori Salvati dalla Guerra* conta a história desses homens e mulheres por meio dos preciosos objetos que eles mantiveram a salvo da inconsequente selvageria bélica.

Com curadoria dos historiadores de arte Luigi Gallo e Raffaella Morselli, a exposição na Scuderie del Quirinale oferece uma seleção de mais de 100 obras salvas durante a guerra de 1941 a 1945, além de um amplo panorama documental, fotográfico e de áudio — tudo reunido graças à colaboração de quarenta museus e institutos. São contempladas na mostra três grandes vertentes narrativas. A primeira, a de Exportações Forçadas e o Mercado de Arte, começa com as mudanças provocadas pela formação do eixo Roma-Berlim, em 1936. A segunda, Traslados e Abrigos, tem início após a invasão nazista da Polônia, em 1939, quando o minis-

FOTOS LUCIANO ROMANO/POLO MUSEALE DELLA CAMPANIA/MINISTERO DELLA CULTURA; MIC/GALLERIA NAZIONALE DELLE MARCHE; ARCHIVIO SCALA GROUP, ANTELLA/MINISTERO DELLA CULTURA

TIRADAS DO FOGO CRUZADO

Obras resgatadas durante a guerra: no alto, *Danae* (1544-1545), de Tiziano; acima, à esquerda, *Imaculada Conceição* (1575), de Federico Barocci; à dir., *Crucifixo e Santa Maria Madalena* (1500-1505), de Luca Signorelli

tro da Educação, Giuseppe Bottai, se mobilizou para proteger o patrimônio artístico. A última, O Fim do Conflito e as Restituições, acompanha as missões de recuperação e salvaguarda de obras roubadas no final da guerra.

Em todo o percurso, as obras estão ligadas aos personagens que as protegeram de ser destruídas ou que se empenharam para resgatá-las. Um caso exemplar é o do *Discóbolo Lancellotti,* que abre a mostra, uma estátua de mármore de um atleta se preparando para lançar um disco, cópia romana da original de bronze realizada em 450 a.C. pelo escultor grego Miron. Obcecado pela escultura, Hitler queria tê-la em mais um de seus projetos megalômanos, o Museu do Führer, nunca realizado. O ditador pressionou Mussolini para doá-la, mas o líder fascista não obteve permissão do Conselho Superior de Ciências e Artes. Então, ele mandou Hermann Göring comprá-la do proprietário, o príncipe Lancellotti. Só seria repatriada em 1948, porque o agente secreto Rodolfo Siviero convenceu o novo governo alemão a devolvê-la.

Há outras histórias ainda mais heroicas, que partiram de mulheres ousadas e zelosas do patrimônio artístico italiano. Fernanda Wittgens (1903-1957) ficou conhecida como a primeira a assumir a direção de um museu na Itália. Em agosto de 1940, ela se tornou dirigente da Pinacoteca de Brera, em Milão, ocupando o cargo que fora de Ettore Modigliani, destituído do cargo e preso por ser judeu. Wittgens não só ajudou o mentor como foi uma das centenas de pessoas que se comprometeram a inventariar

GRANGER/ALAMY/FOTOARENA

ABSURDO Florença devastada: bombardeio alemão destruiu parte da cidade

e ocultar bens culturais nas regiões do Lazio, Toscana, Nápoles e Emilia-Romagna. Outra figura vital no período da guerra foi Pasquale Rotondi, um jovem historiador, superintendente das Galerias e Obras de Arte da região das Marche, que salvou 10 000 obras provenientes de Roma, Milão, Urbino e Veneza.

De fato, o resgate das obras é um trabalho magnífico. "A exposição junta, pela primeira vez, histórias de operadores individuais animados por uma forte consciência cívica e transforma a sua singularidade numa grande epopeia coletiva de paixão", diz a curadora Rafaella Morselli. É um exemplo da necessidade de preservar e proteger um patrimônio cultural que representa não apenas bens materiais, mas a identidade de um país e a riqueza do mundo civilizado. ■

ARQUIVO PESSOAL

ELA ME TROUXE ESPERANÇA

Mirella Archangelo, a "míni Glória Maria", 16 anos, conta como a jornalista mudou sua visão de mundo

DESDE MUITO PEQUENA, quando via a Glória Maria na televisão, parava o que estivesse fazendo e ficava olhando, fascinada. Não era só pelas reportagens que ela fazia, com aquela capacidade de mostrar o mundo de forma diferente e viver aventuras incríveis, mas, principalmente, por ser uma jornalista negra. Eu me enxergava nela. Mesmo sem precisar falar da questão racial, Glória passava, para meninas simples e de periferia como eu, uma mensagem de esperança, de que era possível chegar lá e conquistar nosso espaço. Inspirada em seu trabalho, comecei a brincar de produzir reportagens. Eu e meus

três irmãos saíamos pelo bairro Parque Avelino, em Ribeirão Preto, onde moramos até hoje, munidos de um microfone feito de garrafa plástica e espuma e uma câmera improvisada com caixa de sapato. Batizamos o programa de *Jornal Mirim* e nos divertíamos simulando matérias sobre os problemas da comunidade, como a buraqueira no asfalto, o posto de saúde fechado ou o lixo que se acumulava na praça. Eu sempre relatava o que havia de errado, enquanto um de meus irmãos fazia o câmera, o outro, o entrevistado, e o terceiro era o figurante.

Ficar frente a frente com a minha maior ídola nunca passou pela minha cabeça, nem nos meus maiores sonhos. Mas aí aconteceu o improvável. Depois de uma chuvarada em 2017, quando eu tinha 11 anos, chamei meus irmãos para gravarmos uma de nossas reportagens em nossa própria rua, que tinha ficado mais esburacada e cheia de lama do que nunca. Minha mãe filmou a brincadeira e colocou no grupo de WhatsApp da família. Fez tanto sucesso que resolveu publicar em uma rede social. E, em pouco tempo, o vídeo começou a ser repostado por um monte de gente e acabou viralizando. Várias equipes de reportagem nos procuraram e, numa das entrevistas, a repórter me perguntou em quem eu me inspirava. Respondi na hora: "Glória Maria, claro!". Não sei como, mas isso chegou ao seu conhecimento e ela, depois de combinar com meus pais, veio aqui com uma equipe do *Fantástico*.

Quando a Glória apareceu, uma surpresa para mim, só tremia e chorava. Como assim? Ela estava ali, na minha frente, de carne e osso. Depois de gravar a matéria comigo e meus

irmãos em ação, fez questão de tirar fotos com toda a família e conversar com a gente. Falou sobre a importância e a beleza da profissão e nos incentivou a ir em busca de nossos sonhos, não importasse quais fossem. Após aquela gravação, cinco anos atrás, nunca mais a vi pessoalmente ou falei com ela, mas o encontro já valeu por tudo. Continuamos com as nossas reportagens de brincadeira, mas aquilo despertou a atenção das autoridades, muitos vizinhos passaram a nos procurar para reportar seus problemas e melhorias foram feitas no meu bairro. A repercussão da matéria com a Glória também me rendeu uma bolsa de estudos em um colégio particular.

Passado tanto tempo, veio a triste notícia de que ela havia morrido, em 2 de fevereiro. Soube na escola. Foi um choque, era como se tivesse perdido alguém muito próximo, da família. Me sinto honrada quando me chamam de "Glória Maria mirim", claro, mas ela era única, insubstituível. Sua trajetória de vida impactou muitas pessoas. No meu caso e no de incontáveis meninas negras, ela deu a inspiração e a coragem para irmos atrás do que a gente realmente quer. Atualmente, além de estudar e fazer aulas extras de redação, tenho um projeto nas redes sociais chamado *Histórias Negras Importam*. Mostro ali um pouco dos caminhos desbravados por nomes como Ruth de Souza, Antonieta de Barros e Zumbi dos Palmares. Mas o que eu ambiciono mesmo é ser jornalista, como a Glória. Sem saber, ela mudou a minha vida. ■

Depoimento dado a Sofia Cerqueira

BIANCHETTI STEFANO/LEEMAGE/AFP

TRISTE FIM A monarca: acusada de traição, ela foi presa e decapitada

SEGREDO REAL

Cientistas amadores encontram cartas cifradas, desvendam símbolos ocultos e descobrem terem sido escritas por Mary Stuart, rainha dos escoceses

ALESSANDRO GIANNINI

UM CIENTISTA da computação israelense, um pianista alemão e um físico japonês tropeçam em um maço de cartas seculares nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional da França. Parece início de uma piada mau gosto, mas é, a rigor, o princípio de uma descoberta histórica de grande magnitude. O trio improvável faz parte de um grupo internacional de decifradores de códigos e as missivas que se tornaram objeto de estudo estavam escritas em sinais que permaneceram uma grande interrogação por mais de 400 anos. Usando técnicas digitais, além de análises textual e contextual, eles conseguiram recuperar a chave para entender o conteúdo delas. Ao fim de um ano, descobriram que os textos faziam parte da correspondência de Mary Stuart (1542-1587), a rainha dos escoceses, de história conturbada e fim trágico nas mãos de sua prima inglesa, a rainha Elizabeth I.

A turma formada por George Lasry, de Israel, que liderou o projeto, e seus colegas Norbert Biermann, da Alemanha, e Satoshi Tomokiyo, do Japão, faz parte do Decrypt Project, comunidade internacional de decifradores amadores e estudiosos que trabalham em códigos secretos. Há um ano, a trinca procurava material de trabalho em arquivos da Europa. Por acaso, depararam com algumas coleções on-line da Biblioteca Nacional da França. "Os documentos estavam totalmente cifrados, inclusive a data e a assinatura", disse a VEJA Lasry. "Não tínhamos como saber a origem." Além disso, o catálogo da biblioteca é enganoso, porque os documentos apareciam marcados como textos italianos da primeira metade do século XVI.

FOTOS BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE

PARA NÃO DEIXAR PISTAS

Mary Stuart aprendeu com a mãe, Marie de Guise, a arte de criptografar suas cartas. Na imagem ao lado, embaixo, à dir., um exemplo de uma das missivas escritas pela rainha dos escoceses. No alto, à esq., as chaves de leitura para a correspondência com James Beaton, arcebispo de Glasgow e embaixador na França. Acima, o código usado nas trocas com o Barão de Châteauneuf.

CÓDIGO QUEBRADO

Como Mary Stuart criou cifras para esconder o conteúdo de suas cartas

A	B	C	D	E	F	G	H

I/J	K	L	M	N	O	P	Q

R	S	T	U/V	X	Y	Z

Para decifrar o código de 200 símbolos, os estudiosos misturaram técnicas analógicas e algoritmos digitais, além de análise linguística. Quando conseguiram ler cerca de 30% ou mais das 57 cartas, com cerca de 150 000 inscrições, identificaram palavras francesas em formas femininas, indicativo de que a correspondência seria de uma mulher. Depois, surgiu a expressão *"ma liberté"* — "minha liberdade", em português —, sinal de que provavelmente era alguém em cativeiro. Também apareceu *"mon fils"* ("meu filho"), pista de que essa pessoa seria pai

ou mãe. Porém, só quando traduziram o nome "Walsingham", de Francis Walsingham, espião a serviço da rainha Elizabeth I, a ficha caiu. "Esse foi o 'momento eureca'", descreveu Lasry. "Foi quando tivemos certeza de que era a famosa rainha dos escoceses, Mary Stuart."

Os livros de história contam que Mary Stuart tornou-se rainha da Escócia em 1542, com apenas 6 dias de idade. Aos 25 anos, foi presa e obrigada a desistir de seu trono em favor do único filho, James. Fugiu para a Inglaterra, onde foi encarcerada novamente pela rainha Elizabeth I, que se sentia ameaçada pela prima. As cartas foram escritas pela rainha dos escoceses entre 1578 e 1584, quando ainda estava sob a custódia do Conde de Shrewsbury. Muitas eram dirigidas a Michel de Castelnau Mauvissière, embaixador francês em Londres. Depois de dezenove anos, ela seria decapitada, em fevereiro de 1587, acusada de envolvimento em uma conspiração católica para assassinar a monarca protestante.

A revelação do conteúdo das cartas é notável. Para John Guy, historiador da Universidade de Cambridge e autor da biografia de Mary Stuart, a façanha representa a descoberta mais relevante sobre a monarca em 100 anos. O texto mostra que ela se envolveu ativamente em assuntos políticos na Escócia, Inglaterra e França e indica ter sido uma analista perspicaz de assuntos internacionais. "O conteúdo ocupará historiadores por muitos anos ainda", diz Guy. É também um lembrete de que o passado permanece vivo, à espera de ser decifrado. ■

JOGO SUJO

Grandes clubes europeus correm risco de sofrer severas punições por não cumprir o chamado "fair play financeiro". Como seria se o Brasil adotasse as mesmas regras? **DIEGO ALEJANDRO**

BOLA FORA Haaland *(à frente, de azul)*, craque do Manchester City: segundo autoridades, o clube violou 100 regras

PAUL ELLIS/AFP

EM 2012, a União das Associações Europeias de Futebol (Uefa) criou um conjunto de regras que impedia os clubes de gastar mais do que arrecadavam. A ideia do chamado "fair play financeiro" era evitar que investimentos imediatistas e a gastança desenfreada produzissem campeões da noite para o dia mediante alto — e, às vezes, impagável — custo financeiro. O fair play também tinha como premissa coibir desequilíbrios e dificultar a ação de bilionários que usassem o futebol como instrumento de lavagem de dinheiro. Apesar da boa iniciativa, as caneladas extracampo persistem.

Quando o sistema entrou em vigor, diversos clubes foram punidos com a perda de pontos, multas e até rebaixamento. Isso, contudo, não impediu que alguns protagonistas do futebol europeu continuassem a praticar o jogo sujo, ignorando as normas ou usando meios questionáveis para driblá-las. Nas últimas semanas, uma série de denúncias colocou sob suspeita o time inglês Manchester City. Desde 2008, quando o clube foi comprado pelo xeique Mansour Al Nahyan, dos Emirados Árabes Unidos, os Citizens venceram seis títulos da Premier League, seis Copas da Liga e duas Copas da Inglaterra. Como isso foi possível? A resposta é óbvia: dinheiro.

Na primeira temporada sob o comando de Al Nahyan, as receitas do time eram de 140 milhões de dólares. Agora, aproximam-se dos 800 milhões de dólares. Para os dirigentes da Premier League, o City violou mais de 100

regulamentos financeiros ao longo de nove anos de competições. Além de não cumprir as regras do fair play, o clube não forneceu informações precisas de suas movimentações financeiras e omitiu a remuneração do atual técnico da seleção italiana, Roberto Mancini, que treinou o clube de 2009 a 2013. A depender do andamento das

BOLA FORA

Alguns clubes que já sofreram punições

JUVENTUS

ITÁLIA

A vecchia signora perdeu 15 pontos no atual Campeonato Italiano e foi multada em 23 milhões de euros por irregularidades na transferência de jogadores

investigações, as sanções poderão resultar até na expulsão do time da liga inglesa. Na Europa, tradicionais clubes como Juventus — reincidente em episódios de mau uso dos recursos — e PSG, da França, também estão enrolados com a Justiça.

O cerco dos europeus aos desmandos sugere um debate: como ficaria o futebol brasileiro se as mesmas regras fossem aplicadas por aqui? Em 2021, o país sancionou a lei da Sociedade Anônima de Futebol (SAF), que pode ser

MILAN

ITÁLIA

Por não cumprir o fair play, foi condenado pela Uefa a pagar 15 milhões de euros. O clube é reincidente: em 2019, foi proibido de disputar competições europeias

uma boa saída para os times com problemas financeiros. Ainda assim, há certa confusão quando empresas privadas se envolvem na gestão dos clubes. Dono do segundo maior faturamento do futebol no Brasil, o Palmeiras deve boa parte de sua recente predominância nacional à Crefisa, uma instituição financeira. “É um caso similar ao do City”, diz Amir Somoggi, dono da consultoria de marketing esportivo Sports Value. “Os patrocínios foram inflados pela empresa que pertence à presidente do clube.”

CHELSEA

INGLATERRA

Também em 2019, os Blues, desta vez punidos pela Fifa, violaram regras ao assinar com jogadores que têm menos de 18 anos. A multa foi de 400 000 euros

RICCARDO DE LUCA/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

NO TRIBUNAL Andrea Agnelli *(à esq.),* ex-presidente da Juventus: reincidente

A Confederação Brasileira de Futebol observa de perto as movimentações na Europa. De acordo com Manoel Flores, ex-diretor de competições da entidade e um dos idealizadores do projeto Licenciamento de Clubes — que prevê o cumprimento de critérios financeiros para que os times possam disputar as diversas séries —, a crise trazida pela Covid-19 atrasou os debates no Brasil. "As discussões pararam por causa da pandemia e do impacto nas receitas dos clubes", diz.

ANDRE BORGES/EFE

EM CAMPO Partida entre Flamengo e Palmeiras: os mais ricos do país

Enquanto isso, as mazelas nacionais persistem. Uma operação deflagrada pelo Ministério Público de Goiás identificou um esquema de manipulação de resultados, liderado por casas esportivas, em três jogos da rodada final da Série B do Campeonato Brasileiro de 2022. Práticas como essas encontram campo livre para prosperar porque não há regras claras que levem à punição de clubes indiferentes à boa gestão. É hora de chutar essa turma para bem longe dos gramados. ■

É COISA QUE NÃO ACABA MAIS

Pessoas que não conseguem se desfazer de objetos e vivem em lares apinhados podem, em casos extremos, desenvolver uma doença já descrita pela OMS

SOFIA CERQUEIRA E **DUDA MONTEIRO DE BARROS**

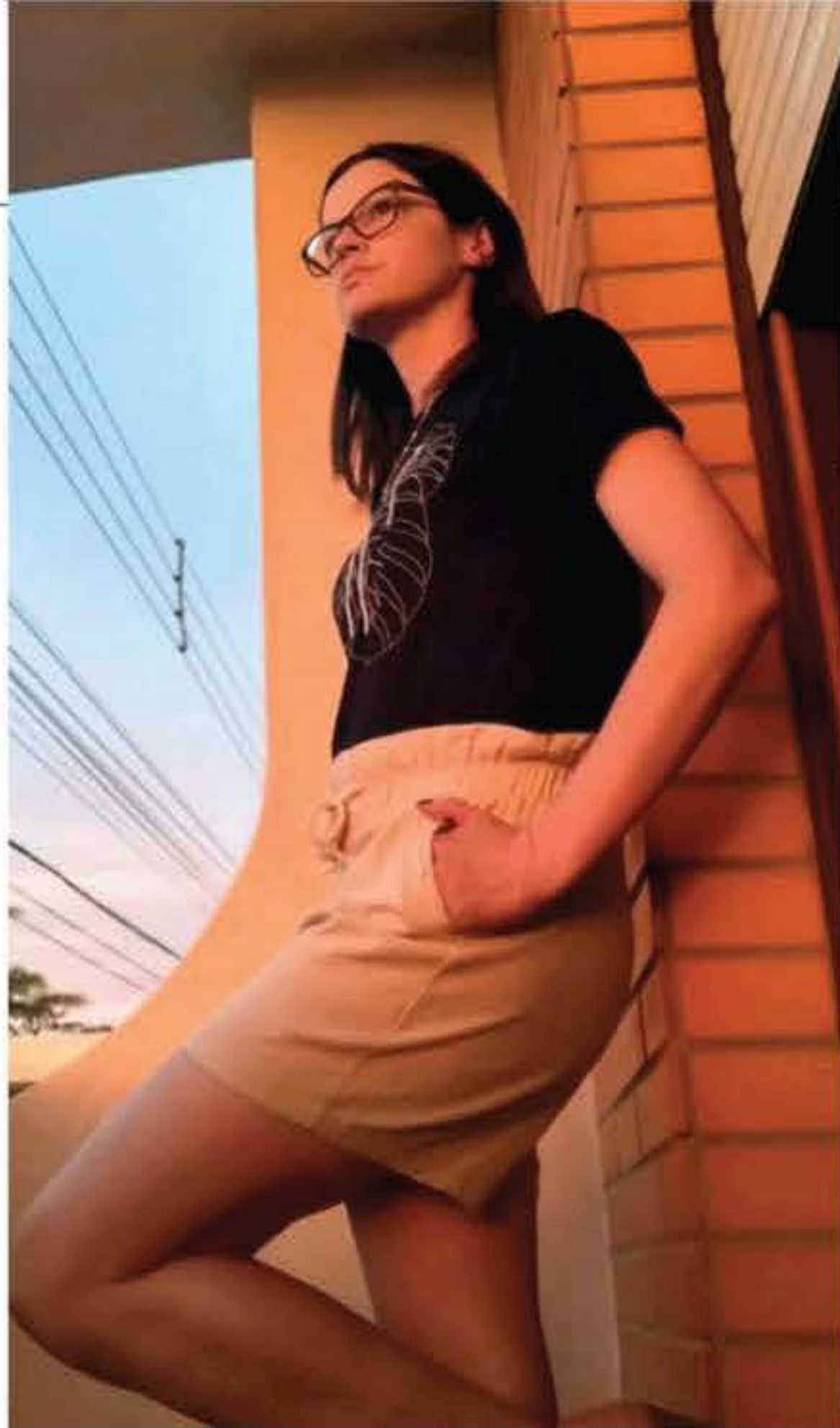
EXCESSO Casa lotada: o problema começa quando a bagunça ocupa todos os espaços

ISTOCKPHOTO/GETTY IMAGES

NA GRÉCIA ANTIGA, o filósofo Diógenes de Sinope (412 a.C.-323 a.C.) era figura conhecida por seu peculiar estilo de vida. Ao notório desleixo com a aparência somava-se ao personagem um intrigante hábito de sair às ruas recolhendo objetos sem valor nem utilidade, que amontoava. Muitos capítulos da história depois, a ciência moderna detectou em uma parcela da humanidade um ímpeto acumulador com traços doentios e a ele, lembrando o grego, deu o nome de síndrome de Diógenes — hoje chamado de transtorno da acumulação (TA), que passou a constar no rol das patologias da OMS e já atinge cerca de 200 milhões de pessoas mundo afora. Essa turma cruzou uma fronteira com a qual muito mais gente flerta, a maioria em campo ainda saudável, aquele em que os excessos são visíveis — armários lotados, coleções de quinquilharias de todas as épocas —, mas não nocivos.

A necessidade humana de estocar remete ao medo intrínseco à espécie de passar por privações. Não à toa, uma porção relevante dos acumulares contumazes, donos de casas em que abrir uma simples gaveta pode promover um demorado mergulho no passado, se concentra em gerações mais velhas, sobretudo na dos *baby boomers*, nascidos no cenário pós-II Guerra. Eles vieram ao mundo quando os pais ainda traziam bem vivas na memória as lembranças de um tempo em que faltava de tudo e assimilaram a ideia de que, na dúvida, melhor guardar. Esse grupo demográfico contrasta com a ala mais jovem, que caminha justamente em trilha inversa, levando uma vida mais leve, em que bens como carro

e casa própria não são mais alvo de aspiração. Às vezes, mentalidades tão distintas colidem. "Tenho dois quartos só para minhas coisas antigas. Meus filhos ficam me pressionando para jogar fora, mas é complicado para mim", reconhece a professora Janete Haddad, 77 anos.

A dificuldade de se desfazer de velhos cadernos, documentos que caducaram ou até de roupinhas do filho já adulto tem as raízes fincadas em um mecanismo bem descrito pela psicologia. "Há pessoas que não conseguem eternizar lembranças e momentos valiosos no plano abstrato e, por isso, precisam dos objetos físicos, que lhe dão segurança", explica a psicoterapeuta Lidia Aratangy. Abrir mão desses fragmentos de memória significa, para alguns, que estão jogando fora trechos da própria história. Muitos acumula-

ARQUIVO PESSOAL

UM DIA DEPOIS DO OUTRO

Egressa de uma família pobre, a professora **Josiane Brahm**, 38 anos, passou a comprar de tudo quando começou a trabalhar e não descartava nada. "Agora com filhos, repensei isso e me policio o tempo todo para evitar o acúmulo", diz.

dores relatam travar batalha diária contra o apego. “O nascimento dos meus dois filhos me obrigou a desentulhar a casa, mas me policio para não voltar a guardar o que não é necessário”, conta a professora gaúcha Josiane Brahm, 38 anos, egressa de um lar pobre que, ao começar a ganhar salário, ingressou com força no mercado consumidor, dando assim o pontapé inicial a um quarto repleto de roupas e objetos, além de uma infinidade de inutilidades — de potes de plástico a embalagens de papelão.

Estudos sobre o tema demarcam a linha em que a mania de armazenar de tudo um pouco passa a preocupar. “Um sinal de alerta é quando o acúmulo compromete a circulação nos cômodos e a funcionalidade do ambiente”, diz a VEJA o psicólogo Gregory Chasson, professor do Instituto de Tecnologia de Illinois. Os que desenvolvem o transtorno guardam uma clara semelhança entre si. “Essas pessoas são tomadas por uma intensa angústia só em cogitar se desfazer de um objeto”, afirma Lucas Lotério, do Laboratório em Psicologia da Saúde da USP. Pesquisas da Associação Americana de Psiquiatria mostram que a acumulação compulsiva pode conter um fator genético, é mais comum em quem recebeu diagnósticos como ansiedade e depressão e, em grande parte das vezes, ocorre no grupo acima dos 60 anos. Os casos aparecem em toda parte — no ano passado, a prefeitura do Rio de Janeiro registrou 330 denúncias de indivíduos vivendo em ambientes tomados por montanhas de tralhas, colocando em risco sua saúde e segurança, assim como a dos vizinhos. “Guardar

objetos que têm uma representação afetiva é normal, mas isso não pode virar o centro da vida de ninguém", alerta a psiquiatra Vera Garcia da Silva.

Em geral restrito ao escaninho dos assuntos silenciosos, o tema ganhou visibilidade com a série *Acumuladores Compulsivos* (*Hoarders*), que chegou à 13ª temporada com uma indicação ao Emmy. O reality cutuca a exacerbação de um hábito que vem se desdobrando em novas modalidades, como a dos acumuladores digitais — o tipo que, de tanto armazenar e-mails, fotos e vídeos, extrapola o limite da capacidade de memória de seus celulares e laptops. E assim uma compulsão pode substituir a outra, em um ciclo do qual se deve escapar. Apreciador de guardar caixas cheias de cartas de ex-namoradas, material de faculdade e recortes de jornal, o advogado Cláudio Rocha, 52 anos, digitalizou tudo e livrou-se da papelada. "Acabei criando uma bagunça digital e nunca revisitei nenhuma dessas lembranças", admite ele, que, sim, quer desapegar. Um passo decisivo rumo a uma vida certamente mais leve. ■

INSTAGRAM @HARRIS_REED

SEM BARREIRAS Harris Reed: jovem talento da moda que desafia a divisão entre feminino e masculino

A MODA DA DIVERSIDADE

Requisitado por famosos, o estilista americano Harris Reed virou o principal expoente de uma nova tendência: as roupas que celebram a sexualidade não binária

GABRIELA CAPUTO

HARRY STYLES teve uma noite consagradora no Brit Awards, o equivalente britânico do Grammy, no último sábado, 11: o cantor abocanhou quatro prêmios, incluindo o de artista do ano. Para além da música, porém, ele chamou a atenção pelo visual exuberante: no tapete vermelho, o pop star exibiu-se com um modelito de veludo preto que conjugava calça boca-de-sino, blazer de cintura esvoaçante em estilo peplum e uma flor de pano gigante na lapela. Como de praxe, Styles buscava confundir sinais de gênero — não dava para saber se estava de terno, como um menino, ou de vestido, fazendo-se de menina. É o tipo de lance de efeito em que o artista se tornou mestre, e no qual vem contando com a ajuda de um expert: o estilista americano Harris Reed, referência inescapável quando o assunto é a chamada moda fluida, ou não binária.

Aos 26 anos, Reed defende um estilo capaz de expressar as sexualidades individuais livremente. Ele próprio, aliás, é uma figura de fluidez notável, com suas longas madeixas ruivas, chapelões e roupas que abusam dos cortes sinuosos, transparências e elementos retrô. "Harris é emblemático da moda agênero, que une uma miscelânea de décadas e estéticas", analisa o stylist brasileiro Dudu Bertholini. De fato, as influências do designer são amplas: ele vai da era vitoriana aos anos 1970 e 1980, explorando dos tecidos leves, como a seda, até os mais pesados — e dá-lhe paetês.

O trabalho de Reed ganhou projeção graças à parceria com Styles. Quando ainda era um desconhecido universitário, o estilista foi descoberto nas redes pelo mentor visual do

INSTAGRAM @HARRIS_REED

ANDY RAIN/EPA/EFE

SEGUIDORES À esq., Rihanna com a bota ultraplataforma do estilista; acima, Harry Styles e seu terno-vestido no Brit Awards: roupas para chamar atenção

cantor e criou seu primeiro modelo sem saber quem era o famoso cliente. Foi aprovado: é dele o extravagante figurino usado pelo astro pop em sua primeira turnê solo, em 2017. As peças que misturavam mangas bufantes, babados e calças no estilo flare lhe abriram portas. Reed descolou um estágio na grife italiana Gucci, criou uma marca com seu nome e se tornou, em 2022, diretor criativo da pop e jovial Nina Ricci. Hoje, inventa moda para celebridades que vão da cantora Solange Knowles, irmã de Beyoncé, ao rapper Lil Nas X. Até Rihanna tirou casquinha, com uma das botas ultraplataforma que são marca registrada de Reed.

Curiosamente, o que ele faz não é exatamente novidade na história do vestuário e dos costumes. Já se cultivava a fluidez, afinal, nos modelitos, perucas e maquiagens da corte francesa do século XVIII. Mais recentemente, nos anos 1960 e 1970, a androginia marcou a imagem dos hippies e celebrizou roqueiros como David Bowie. "O homem sempre se enfeitou mais que a mulher", resume João Braga, professor de história da moda na Faap. A vestimenta masculina só assumiu uma forma mais austera depois da Revolução Industrial. Na contramão, impelidas pelo mercado de trabalho, as mulheres assimilaram o guarda-roupa masculino.

No caso de Reed, a novidade está em conferir expressão visual a um fenômeno comportamental contemporâneo: a busca pela afirmação de uma sexualidade neutra por pessoas que não se identificam com um padrão de gênero em particular. A síntese disso é uma peça confeccionada para

— de novo — Harry Styles a pedido de Anna Wintour, a editora todo-poderosa da *Vogue* americana, quando o cantor se tornou o primeiro homem a estampar a capa da revista feminina, em 2020. O look exclusivo fazia uma sobreposição de um vestido feito de tule e cetim cor-de-rosa a um terno preto. O ensaio causou controvérsias. A comentarista americana (e trumpista) Candace Owens explodiu no Twitter contra a "feminização dos homens": "Tragam de volta o homem viril", escreveu a conservadora. Indignado, o estilista questionou a razão de tanta revolta diante de um rapaz de vestido. Como se diria na igualmente divisiva linguagem neutra: a moda hoje é para todes. ■

NOSTALGIA MODERNA

Uma nova geração de talentos invade a MPB com uma proposta paradoxal: eles investem nos ritmos do presente, do pop à eletrônica – mas também prestam reverência à música do passado

FELIPE BRANCO CRUZ

INFLUÊNCIA Marina Sena: fã de Milton Nascimento, ela bebe da música tecno e do funk em canções dançantes

FACEBOOK @AMARINASENA2

Três meses após o início da pandemia, em meados de 2020, a cantora carioca Julia Mestre se viu sozinha no seu apartamento em Copacabana. À época com 24 anos, ela teve uma ideia para aplacar a solidão: convidar os amigos de escola — e também músicos — Dora Morelenbaum, Lucas Nunes e Zé Ibarra para dividir o espaço com ela e o namorado. Uma república musical seria perfeita, pois eles preencheriam os dias de *lockdown* fazendo o que mais gostavam: tocar e cantar. Deu tão certo que assim surgiu o grupo Bala Desejo — e as canções compostas naquele período entraram no disco de estreia do quarteto, *Sim, Sim, Sim,* lançado no ano passado. A história da banda que vive junta, no estilo comunidade, remete a outra bem-sucedida união nos anos 1970, quando Moraes Moreira, Pepeu Gomes, Baby Consuelo e outras feras criaram os Novos Baianos num apê em Botafogo (depois, eles se mudariam para um notório sítio em Jacarepaguá). Mas as semelhanças entre presente e passado estão longe de se esgotar aí: as referências do Bala Desejo também pagam tributo à tradição musical brasileira, indo da tropicália aos Mutantes, Secos e Molhados — e, claro, os Novos Baianos.

O surgimento do Bala Desejo resume o espírito que norteia a nova geração da MPB. Assim como eles, jovens artistas como a cantora Marina Sena e os conjuntos Francisco, el Hombre, Lamparina e Os Gilsons investem numa fórmula paradoxal: eles buscam injetar as cores e ritmos do presente à música nacional, ao mesmo tempo que

INSTAGRAM @BALADESEJO

CONFINADOS Bala Desejo: o grupo surgiu na pandemia quando todos foram morar juntos

reverenciam seus ídolos do passado. Caminhando entre a nostalgia e a modernidade, vêm colhendo sucesso e prestígio. Todos passaram pelos principais festivais de música do país no ano passado — e devem repetir a agenda intensa em 2023. No YouTube, o Francisco, el Hombre — formado por paulistas e jovens mexicanos naturalizados brasileiros — acumula 62 milhões de visualizações, e a mineira Marina Sena chega a 93 milhões. A cantora, aliás, é um hit no Spotify: sua canção mais famosa, *Por Supuesto,* tem 103 milhões de reproduções. *Várias Queixas,*

dos Gilsons, não fica atrás, com 89 milhões. O Bala Desejo acumulou menos, mas atingiu um feito para uma banda novata: seu disco de estreia levou o Grammy Latino de melhor álbum pop brasileiro.

Com visual setentista que parece saído de um túnel do tempo, o Bala exprime a relação idílica dessa turma com o legado da MPB. "Temos um sentimento de nostalgia sem ser saudosistas. Nostalgia de um tempo que não vivemos, mas gostaríamos de ter vivido", diz a vocalista Dora. A simbiose com o passado pode ser bem explícita. Uma das últimas gravações de Gal Costa foi com Marina Sena — que, com seus ares de uma Marisa Monte cibernética, fundiu pop com eletrônica ao lado da diva na canção *Para Lennon e McCartney,* clássico de Milton Nascimento. Já o Francisco, el Hombre apresentará em 3 de março um show com a íntegra do álbum *Acabou Chorare,* dos Novos Baianos. "Antes da formação da banda, em 2013, a gente era hippie, como os Novos Baianos. Morávamos em uma casa só com artistas, pintando as paredes e tocando nas ruas", diz o mexicano-brasileiro Sebastián Piracés-Ugarte, cantor do grupo. No Bala Desejo, a ligação é ainda mais familiar — mesmo. Dora é filha da cantora Paula e do violoncelista Jaques Morelenbaum. Lucas e Zé Ibarra fazem parte da banda Dônica, do filho caçula de Caetano, Tom Veloso. Zé integra ainda a banda de Milton Nascimento. Já os Gilsons são "nepo babies" imbatíveis da MPB: têm em sua formação filhos e netos de Gilberto Gil.

FACEBOOK @FRANCISCOELHOMBREOFICIAL

LATINOS Francisco, el Hombre: com integrantes mexicanos e brasileiros, eles reverenciam bandas como os Novos Baianos

O sopro de modernidade vem do modo soltinho como os artistas trafegam por ritmos e estilos do passado e do presente. “Somos um liquidificador de influências”, diz o cantor do Francisco, el Hombre. A definição vale notadamente para Marina e os também mineiros do Lamparina — que juntam forró, funk e rock na faixa *Pochete,* da trilha da novela *Cara e Coragem*. Música eletrônica, pop internacional, ritmos latinos — tudo é passível de ser mesclado na “nova velha” MPB. “É um caldeirão, mas não uma gororoba. Um ecossistema rico onde você nota

FACEBOOK @LAMPARINAEAPRIMAVERA

HIT Lamparina: mistura de forró, funk e rock que os colocou na trilha de novela

cada ingrediente", analisa o produtor João Marcello Bôscoli.

A liberdade sincrética é um atributo louvável, mas não chega a ser uma ideia original: foi da interseção do samba com o jazz que surgiu a bossa nova, e da incorporação do rock e da contracultura nos anos 1960 que se fez a tropicália. Se a MPB sai ganhando toda vez que assimila novidades, não há sinais — até o momento — de que os novos artistas têm a pretensão de mudar o mundo, como seus antecessores. Tudo bem: quem precisa de revolução se o sonzinho é gostoso de ouvir? ■

PIMENTA INDIANA

Revelada no fenomenal *The Office*, a filha de imigrantes Mindy Kaling tornou-se uma estrela do novo humor feminista e agora reina no streaming com hits como *Eu Nunca...* e a abusada *Velma*

AUTOBIOGRÁFICA A comediante hoje: diversidade e vida pessoal na tela

FACEBOOK @OFFICIALMINDYKALING

WARNER MEDIA

EXPLOSIVA A nova Velma: versão lésbica da personagem causou furor

EM NOVEMBRO DE 2006, foi ao ar na TV um episódio da sitcom *The Office* de alto impacto para a comunidade indiana americana. Intitulado *Diwali*, o programa retratou o tradicional festival hindu sob o olhar da afiada personagem Kelly Kapoor. Essa seria apenas a primeira contribuição da atriz, roteirista e produtora Mindy Kaling, hoje aos 43 anos, na representação dos americanos de ascendência indiana na televisão. Nos primórdios de *The Office*, Mindy era a única mulher em uma equipe de oito roteiristas. De lá para cá, tornou-se parte da elite da comédia de Hollywood, fazendo valer sua força como mulher indo-americana que trata sobre amor e sexo de forma livre e questiona os preconceitos culturais — marca com que agora carimba produções de sucesso no streaming.

Mindy é filha de uma obstetra e um arquiteto indianos que se conheceram na África e migraram para os Estados Unidos, onde ela nasceu. Foi descoberta como artista pelo criador de *The Office*, Greg Daniels, por meio de uma peça de teatro. Ao lado de Tina Fey e Rebel Wilson, ela encabeça uma geração de comediantes que se distinguem pelo texto inteligente, sarcástico e feminista. Seus trabalhos ganham ainda uma cama-

da extra de tempero com seu humor autobiográfico. É de Mindy o hit adolescente da Netflix *Eu Nunca...*, cuja protagonista indo-americana tenta sobreviver ao ensino médio enquanto lida com o luto pela morte do pai — enredo inspirado na perda da mãe de Mindy para um câncer em 2012.

A experiência como filha de imigrantes se reflete ainda no recente sucesso da HBO Max *A Vida Sexual das Universitárias*, que acompanha um grupo diverso de amigas em uma faculdade de elite. Na série, já com uma terceira temporada a caminho, a hilária Bela Malhotra (Amhit Kaur) é um espelho da própria Mindy: a jovem de origem indiana sonha em se tornar comediante, mas precisa enfrentar um campo dominado por homens que são, em sua maioria, verdadeiros babacas.

Mesmo com seu humor pautado pela diversidade, Mindy não escapa do cancelamento. Sua última empreitada, também na HBO Max, é a controversa *Velma*, série animada baseada na personagem de *Scooby-Doo* e voltada para o público adulto. O programa acompanha a juventude da nerd do grupo — a quem Mindy empresta a herança asiática e a própria voz — e sua autodescoberta como lésbica. A série desagradou a espectadores irritados com o suposto "humor raso" da versão ousada da turminha de detetives. Azar dos chatos: *Velma* foi a animação original mais vista na história da plataforma, e já está renovada para a segunda temporada. Pimenta indiana arde, mas não falha. ■

Gabriela Caputo

UM FRANCÊS NOS TRÓPICOS

O ator parisiense Vincent Cassel se divide entre a paixão solar pelas praias do Rio e os papéis de homens sombrios nas telas – e atinge novo êxito com a série *Conexões* **AMANDA CAPUANO**

MISTERIOSO Cassel como Delage: acusado de terrorismo

APPLE TV+

AOS 7 ANOS, o pequeno Vincent foi levado ao cinema pelo pai, o ator Jean-Pierre Cassel, para ver o clássico *Orfeu Negro* (1959), inspirado na peça do brasileiro Vinicius de Moraes e dirigido pelo francês Marcel Camus. Ambientada no Rio de Janeiro, e com trilha de Tom Jobim e Luís Bonfá, a produção encantou o jovem parisiense, que passou a nutrir um amor genuíno pelo Brasil. Hoje aos 56, Vincent Cassel é um ator consagrado e domina o português com maestria. Em entrevista a VEJA para divulgar a série ***Conexões***, que chega à Apple TV+ na sexta-feira 24, Cassel fez questão de falar o idioma *(leia abaixo)*. "Pela primeira vez, a dublagem de meu personagem em português terá minha voz. Tenho orgulho disso", diz.

A série da Apple segue um emaranhado de conchavos políticos e esquemas de espionagem internacional deflagrados por um ataque de hackers. Cassel vive o misterioso Gabriel Delage, ex-agente acusado de envolvimento num ataque terrorista e que se alia à colega Alison Rowdy (Eva Green) para investigar a conspiração. A relação dos dois, no entanto, não se resume ao serviço secreto. Alison é seu antigo *affair* — e traz à baila erros e acertos da vida do ex. Enigmático e cheio de camadas, Delage sintetiza um tipo que é recorrente no currículo de Cassel: o homem atormentado pelo passado que, não raro, se equilibra entre a vilania e o sofrimento psíquico.

O pendor para a complexidade vem desde o início da carreira, com seu trabalho primoroso em *O Ódio*, do francês Mathieu Kassovitz. Lançada em 1995, a trama de críti-

“VIREI UM CARIOCA”

Prestes a estrear *Conexões*, da Apple TV+, Vincent Cassel falou a VEJA sobre a série e de seu amor pelo Brasil

INSTAGRAM @VINCENTCASSEL

CURTIÇÃO O ator na Zona Sul do Rio: fã da música e da natureza do país

Seu trabalho é marcado por personagens complexos e atormentados – e Gabriel, de *Conexões*, também é assim. Por que essa preferência? Sou um pouco assim. É algo humano. Se você quer representar o lado verdadeiro de uma pessoa, precisa explorar seus defeitos. Somos complexos, nos agarramos ao passado e tentamos sobreviver com nossos erros. Perfeição é coisa de cinema.

A trama da série começa com o ataque de um terrorista hacker. Acha que isso é um perigo real no mundo

de hoje? Com certeza. Nem falo de ataque terrorista – basta olhar para o nível da propaganda nas redes sociais. Estamos em um tempo de separação. É muito mais fácil controlar as massas assim. É justamente nisso que a série se aproxima do mundo atual.

Apesar da carreira na França, você viveu e mantém uma casa no Rio. De onde surgiu a relação com o Brasil? Começou aos 7 anos, quando meu pai me levou para assistir a *Orfeu Negro*. Vinicius de Moraes e Tom Jobim são poetas importantes. Acho que captei essa sensibilidade e me apaixonei pelo país. Desde então, sempre quis viajar para o Brasil. E quando descobri a capoeira foi o pretexto de que eu precisava. Hoje, virei um carioca. No Rio, me sinto livre, por isso volto ao menos duas vezes no ano.

O que mais o atrai por aqui? Minhas conexões no Brasil estão quase todas no mundo da música. João Gilberto foi um dos que me encantaram. Toda a poesia e a simplicidade nos acordes, e também nas letras. Ouço mais música brasileira do que qualquer outra.

De onde vem sua desenvoltura para atuar em várias línguas? A linguagem sempre foi importante para mim. Minhas filhas falam cinco idiomas. É uma riqueza familiar. Se você quer ser um ator internacional, é essencial. Estou sempre aprendendo.

FOX FILM

OBSESSIVO Em *Cisne Negro:* treinador leva bailarina à loucura

ca social pôs Cassel em evidência como o jovem Vinz, judeu suburbano que promete matar um policial caso seu amigo morra após ser espancado num interrogatório. A interpretação voraz do rapaz transtornado pelas injustiças rendeu a Cassel as primeiras indicações ao César Award, o Oscar francês. Anos depois, em 2009, ele conquistaria a estatueta ao dar vida ao gângster Jacques Mesrine — compatriota que, nos anos 60 e 70, foi responsável por assassinatos, roubos e sequestros na França, Estados Unidos e Canadá. Cassel começou a carreira no cinema francês,

mas logo transcendeu seus limites. Nos anos 2000, abraçou as produções em língua inglesa, sempre em papéis que expõem as mazelas humanas. Em *Cisne Negro* (2010), o ator é Thomas Leroy, o professor exigente que leva a jovem bailarina Nina (Natalie Portman) à loucura.

Multicultural, ele morou no Brasil por cinco anos e mantém uma casa no Rio, para onde volta sempre que tem um tempo livre na agenda. Por aqui, já arriscou o português em produções nacionais como *O Grande Circo Místico* (2018), de Cacá Diegues. Mas suas verdadeiras paixões são a capoeira, a música — e a natureza do Brasil. Após catorze anos de casamento com a italiana Monica Bellucci, com quem tem duas filhas, Cassel se uniu em 2018 à modelo francesa Tina Kunakey (ela tinha 21 e ele, 51 à época). Da nova relação veio outra prova de amor ao Brasil: a filha do casal, de 3 anos, se chama Amazonie em homenagem à floresta. O astro francês, quem diria, deu frutos nos trópicos. ■

DIAMOND FILMS

SALVE-SE QUEM PUDER

No sueco *Triângulo da Tristeza*, um cruzeiro de ricaços com destino trágico revela com toques de humor ácido o que há de mais bizarro e cruel nas relações humanas

RAQUEL CARNEIRO

OSTENTAÇÃO Yaya e Carl (Charlbi Dean e Harris Dickinson): a futilidade dos *influencers*

O MODELO Carl (Harris Dickinson) está ficando velho — ao menos para o implacável mundo da moda. Aos 24 anos, o rapaz de olhos azuis expressivos e cabelo loiro alinhado vai a um teste no qual deve andar de um lado para o outro sem camisa, diante de um grupo que vai decidir se o contrata para um desfile. Um dos juízes sugere que Carl precisa de um pouco de Botox para aliviar a tensão no que ele chama de "triângulo da tristeza" — a área do rosto acima do nariz e entre as sobrancelhas. A região

fica marcada com o tempo ao se contrair em razão da raiva, da desconfiança e do medo. Nenhuma grife que se preze vai querer em sua passarela alguém que passe por emoções desagradáveis: afinal, gente jovem, rica e bonita não sofre, não é? No filme ***Triângulo da Tristeza** (Triangle of Sadness;* Suécia; 2022), em cartaz nos cinemas e indicado ao Oscar, os ricaços sofrem um bocado — para delírio e até alegria do público.

O filme deu ao sueco Ruben Östlund sua segunda Palma de Ouro no Festival de Cannes – ele já fora premiado em 2017 com *The Square: a Arte da Discórdia*. Assim como naquele drama sobre os absurdos do mercado de arte, Östlund se vale aqui da ironia cortante para examinar outro universo: o dos super-ricos que escancaram seus excessos e sua falta de conexão com o mundo real. *Triângulo da Tristeza* reforça com louvor uma leva de filmes e séries que observam de perto a classe AA+, como os afiados *The White Lotus*, *O Menu* e *Succession*.

Dividida em três volumes, a trama começa com a saga por emprego de Carl e sua relação instável com a top mo-

AS INDICAÇÕES

FILME DO ANO

DIRETOR
RUBEN ÖSTLUND

ROTEIRO ORIGINAL

DIAMOND FILMS

O JOGO VIROU Dolly de Leon *(centro)*: a camareira vira líder na hora do aperto

del Yaya (Charlbi Dean). No mercado da moda, as mulheres valem muito mais que os homens, o que deixa Carl na posição incômoda de submissão. Yaya sabe disso e sugere que a relação entre eles só vai durar enquanto for lucrativa para suas parcerias nas redes sociais. Um de seus patrocinadores leva o casal de modelos *influencers* para um cruzeiro de luxo, onde eles conhecem gente rica de verdade — do tipo que não vive à base de permutas. Entre eles, a família de um oligarca russo e um adorável casal de idosos ingleses que fizeram fortuna vendendo ar-

DIAMOND FILMS

PERDIDO O comandante (Woody Harrelson, *à dir.*): comunista a bordo

mas para países em guerra. Do lado oposto dos privilegiados, os tripulantes atuam como babás dispostas a mimar os ricos excêntricos. A exceção é o comandante vivido por um excelente Woody Harrelson — bêbado a viagem toda, o capitão é um comunista de meia-tigela que despreza os magnatas ao redor.

Claro que a viagem caótica desemboca em tragédia: na terceira e última parte do filme, um naufrágio leva ricos, pobres e influenciadores a uma mesma ilha remota despida de glamour. É a hora de a camareira Abigail (a fi-

lipina Dolly de Leon) brilhar: única capaz de pescar e cozinhar, ela inverte as relações de dependência, levando bilionários a implorar por sua amizade — e por um naco de peixe ensopado.

Em seu enredo, Östlund flerta com uma ideia cara a pensadores como o francês Michel Foucault (1926-1984): a de que o poder não é estático ou monolítico, mas uma força dinâmica que muda de mãos ao sabor das circunstâncias. Dessa forma, *Triângulo da Tristeza* adiciona uma reflexão apimentada à sátira: dinheiro e poder nem sempre andam juntos, e quando se abre um fosso entre as duas coisas até o mais caro Rolex pode não valer nada nas relações pessoais. Ainda mais se os ricos em questão forem, como no filme, tão pobres de espírito. ■

TENSÃO John Lithgow e Julianne Moore no filme: milionários cercados por uma rede de trapaceiros

TELEVISÃO

SHARPER – UMA VIDA DE TRAPAÇAS

(Sharper; Estados Unidos; 2023. Na Apple TV+)

Tom (Justice Smith) é um rapaz tímido que se apaixona pela estudante Sandra (Briana Middleton), cliente da livraria onde ele trabalha. O casal é tão perfeito junto que impressiona — e, mais tarde, assusta: ambos guardam segredos um tanto cabeludos revelados ao longo da relação. O romance move a primeira parte desse criativo suspense assinado pelo diretor Benjamin Caron, que conduziu episódios de séries como *The Crown* e *Sherlock* — e faz aqui sua estreia em um longa-metragem. Ele aproveita o *know-how* adquirido na TV para desenvolver uma trama em capítulos, criando uma tensão crescente. O jovem casal do início tem uma conexão com os personagens de Sebastian Stan, um habilidoso golpista, e de John Lithgow e Julianne Moore, casal de ricaços alvo de uma falcatrua. Desenvolve-se então uma intrincada rede de manipulações e trapaças em um thriller apetitoso e com boas reviravoltas.

APPLE TV+

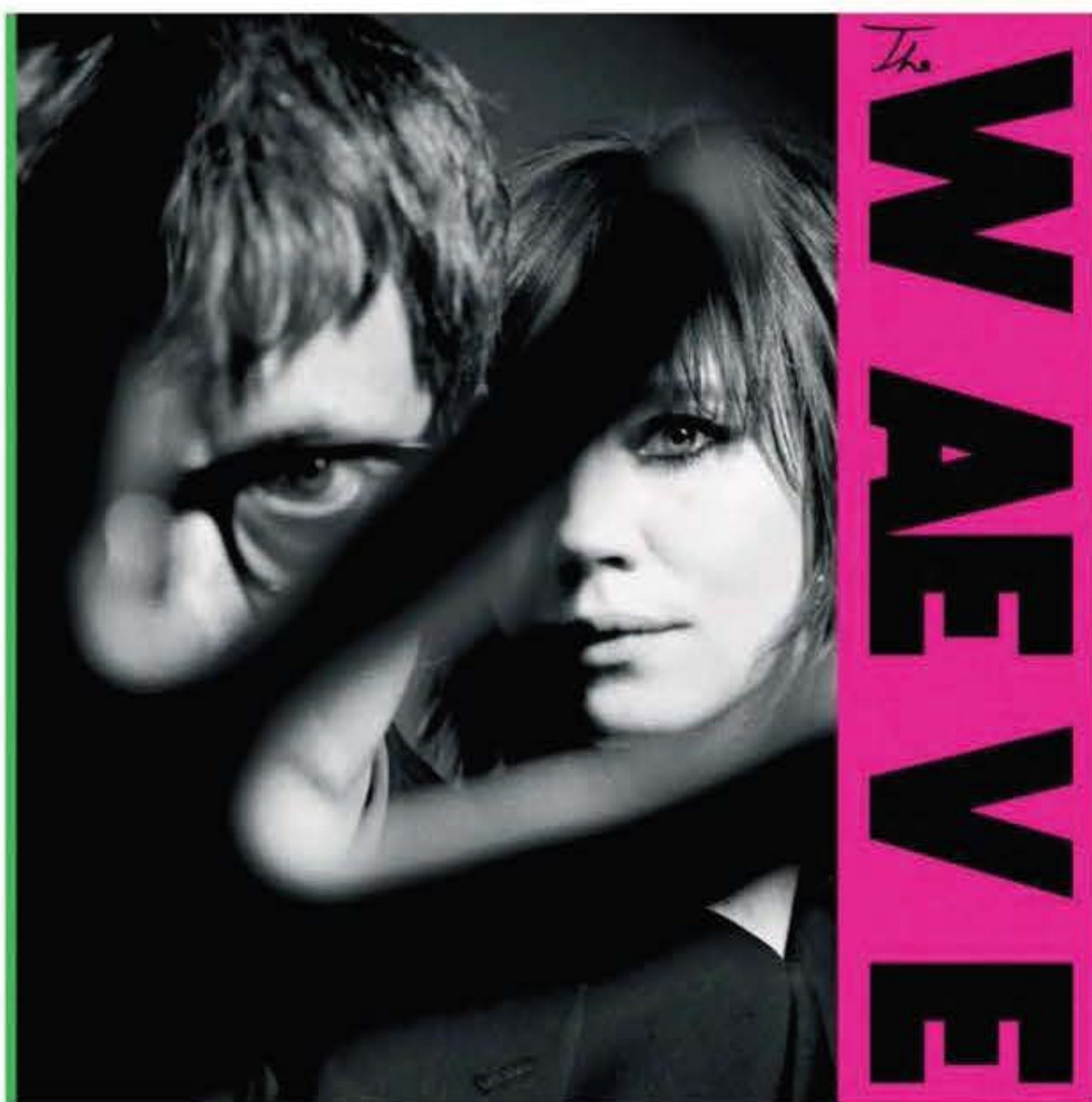
JAY MAIDMENT/MARVEL

PERIGO Paul Rudd e Jonathan Majors no filme: o novo vilão ardiloso da Marvel

CINEMA

HOMEM-FORMIGA E A VESPA: QUANTUMANIA

(*Ant-Man and the Wasp: Quantumania*; Estados Unidos; 2023. Em cartaz)

Scott (Paul Rudd), o Homem-Formiga, quer deixar as aventuras heroicas de lado para ser um bom pai e compensar com a filha o tempo perdido. Mas o tal Reino Quântico, que foi fundamental para a vitória dos Vingadores diante do malvadão Thanos, suga os dois junto da vespa Hope (Evangeline Lilly) e seus pais, Janet (Michelle Pfeiffer) e Hank Pym (Michael Douglas). Nesse mundo dominado por criaturas estranhas e pelas peripécias do multiverso, o grupo vai enfrentar Kang — o novo vilão da Marvel, vivido por Jonathan Majors — sem abdicar do humor, que é a marca do herói.

DISCO

THE WAEVE,

The Waeve (disponível nas plataformas de streaming)

Formado pelo guitarrista do Blur, Graham Coxon, e pela ex-integrante da banda pop britânica Pipettes, Rose Elinor Gougall, o duo The Waeve mostra a que veio em seu álbum de estreia com canções que passeiam pelos lamentos do indie pop até as inquietações do pós-punk. Boa parte das faixas conta com Coxon no saxofone em vez da guitarra, seu instrumento principal. Rose apoia-se no piano e no sintetizador. *Kill Me Again* e *Over and Over*, a melhor do álbum, remetem ao rock progressivo dos anos 1970. ■

FICÇÃO

1 É ASSIM QUE COMEÇA
Colleen Hoover [2 | 15] GALERA RECORD

2 É ASSIM QUE ACABA
Colleen Hoover [1 | 77#] GALERA RECORD

3 A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE
Matt Haig [3 | 25#] BERTRAND BRASIL

4 OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO
Taylor Jenkins Reid [10 | 90#] PARALELA

5 A REVOLUÇÃO DOS BICHOS
George Orwell [8 | 214#] VÁRIAS EDITORAS

6 VERITY
Colleen Hoover [5 | 43#] GALERA RECORD

7 TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES
Colleen Hoover [6 | 60#] GALERA RECORD

8 A MANDÍBULA DE CAIM
Edward Powys Mathers (Torquemada) [7 | 7] INTRÍNSECA

9 TUDO É RIO
Carla Madeira [4 | 24#] RECORD

10 A HIPÓTESE DO AMOR
Ali Hazelwood [0 | 24#] ARQUEIRO

NÃO FICÇÃO

1 **EM BUSCA DE MIM**
Viola Davis [6 | 25#] BEST SELLER

2 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [3 | 143#] ROCCO

3 **JAIR BOLSONARO: O FENÔMENO IGNORADO, VOL. 1** Mateus C. Mendes e Eduardo Bolsonaro [1 | 2] VIDE

4 **O QUE SOBRA**
Príncipe Harry [2 | 5] OBJETIVA

5 **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA**
Djamila Ribeiro [10 | 115#] COMPANHIA DAS LETRAS

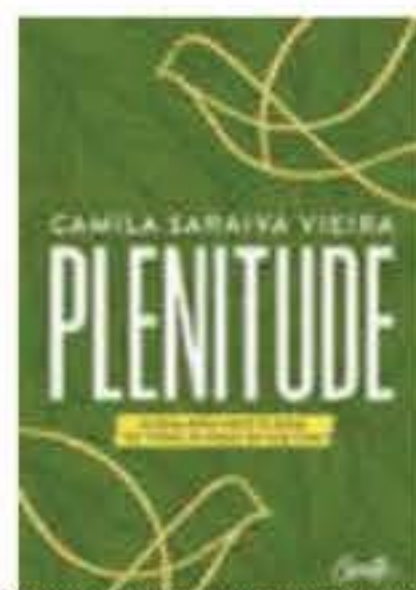
6 **QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA** Carolina Maria de Jesus [8 | 38#] ÁTICA

7 **O REI DOS DIVIDENDOS**
Luiz Barsi Filho [5 | 8] SEXTANTE

8 **TODO DIA A MESMA NOITE**
Daniela Arbex [4 | 4#] INTRÍNSECA

9 **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [7 | 309#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

10 **MENTES PERIGOSAS**
Ana Beatriz Barbosa Silva [9 | 139#] PRINCIPIUM

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 **PLENITUDE**
Camila Saraiva Vieira [0 | 1] GENTE

2 **CAFÉ COM DEUS PAI**
Junior Rostirola [1 | 6] VIDA

3 **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [2 | 194#] CITADEL

4 **A GRANDE ESTRATÉGIA DE EVOLUÇÃO NOS NEGÓCIOS** Rodrigo Rocha [0 | 1] GENTE

5 **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [4 | 404#] SEXTANTE

6 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [3 | 113#] HARPERCOLLINS BRASIL

7 **PAI RICO, PAI POBRE**
Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [5 | 107#] ALTA BOOKS

8 **O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE**
Paulo Vieira [9 | 84#] GENTE

9 **O PODER DA AÇÃO**
Paulo Vieira [8 | 194#] GENTE

10 **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS** Dale Carnegie [6 | 75#] SEXTANTE

INFANTOJUVENIL

1 ATÉ O VERÃO TERMINAR
Colleen Hoover [1 | 51#] GALERA RECORD

2 O MENINO, A TOUPEIRA, A RAPOSA E O CAVALO
Charlie Mackesy [4 | 2] SEXTANTE

3 O PEQUENO PRÍNCIPE
Antoine de Saint-Exupéry [2 | 360#] VÁRIAS EDITORAS

4 COLEÇÃO HARRY POTTER
J.K. Rowling [7 | 142#] ROCCO

5 HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL
J.K. Rowling [4 | 376#] ROCCO

6 EXTRAORDINÁRIO
R.J. Palacio [5 | 122#] INTRÍNSECA

7 MALALA – A MENINA QUE QUERIA IR PARA A ESCOLA
Adriana Carranca [0 | 24#] COMPANHIA DAS LETRINHAS

8 O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
José Mauro de Vasconcelos [10 | 3#] MELHORAMENTOS

9 CORALINE
Neil Gaiman [6 | 57#] INTRÍNSECA

10 MANUAL DE ASSASSINATO PARA BOAS GAROTAS – VOL. 1 Holly Jackson [9 | 9#] INTRÍNSECA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, Saraiva, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Barra Bonita**: Real Peruíbe, **Barueri**: Saraiva, **Belém**: Leitura, Saraiva, SBS, **Belo Horizonte**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves**: Santos, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Leitura, **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, Saraiva, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas**: Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Caruaru**: Leitura, **Cascavel**: A Página, **Caxias do Sul**: Saraiva, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Saraiva, Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, Kunda Livraria Universitária, **Franca**: Saraiva, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, Saraiva, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora**: Leitura, Saraiva, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, Saraiva, **Limeira**: Livruz, **Lins**: Koinonia Livros, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, Saraiva, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal**: Leitura, Saraiva, **Niterói**: Blooks, Saraiva, **Nova Iguaçu**: Saraiva, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Olinda**: Saraiva, **Osasco**: Saraiva, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Cultura, Disal, Leitura, Santos, Saraiva, SBS, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Saraiva, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Leitura, Saraiva, **Santos**: Loyola, Saraiva, **São Bernardo do Campo:** Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti**: Leitura, **São José**: A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, Saraiva, **São José dos Campos**: Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais**: Curitiba, **São Luís**: Leitura, **São Paulo**: A Página, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Drummond, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Sorocaba**: Saraiva, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, Saraiva, SBS, **Umuarama**: A Página, **Votorantim**: Saraiva, **Vila Velha**: Leitura, Saraiva, **Vitória**: Leitura, SBS, **Vitória da Conquista**: LDM, **internet**: A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

DERRETIMENTO

— Pois não, babaca. Quem falou aí?

Paulo Fernando dos Santos, 65 anos, bacharel em direito, conhecido como Paulão do PT de Alagoas, não gostou da interrupção do discurso inaugural do seu quarto mandato na Câmara dos Deputados.

— Fui eu — respondeu o estreante Gilvan Aguiar Costa, 46 anos, ex-policial federal que se elegeu como Gilvan da Federal pelo Partido Liberal do Espírito Santo.

— Obrigado, babaca. Você tem de aprender o que é democracia... — devolveu o petista.

— Babaca é você — retrucou Gilvan, logo contido por aliados. — Eu tenho nojo, asco do PT e do PSOL!

Foi um dos mais suaves embates registrados no plenário da Câmara na semana passada.

Há algum tempo, a cólera virou matéria-prima do marketing parlamentar em redes sociais.

Desta vez, a explosão de agressividade espetaculosa entre bancadas do governo e da oposição bolsonarista, concentrada no Partido Liberal, produziu um efeito colateral: deixou o presidente da Casa, Arthur Lira, do Progressistas de Alagoas, exposto ao risco de perda de controle do

plenário — chave do poder na Câmara.

Lira, 53 anos, avança para o 13º ano de mandato. Já viu um pouco de tudo, mas está diante de um problema novo. Só encontrou um adjetivo para definir o duelo entre radicais lulistas e bolsonaristas nas primeiras sessões do ano legislativo: “Deprimente”.

Assistiu a cenas como a da estreia de Mauricio Luiz de Souza, 34 anos, que saiu das urnas como Mauricio do Vôlei, do PL de Minas Gerais. Da tribuna, dirigiu-se aos oponentes: — Eu vejo os parlamentares do PT, e isso me dá ânsia de vômito.

O tumulto impôs ao plenário uma atmosfera doentia, voraz e impiedosa no ceticismo sobre direitos dos adversários:

— Eles *(bolsonaristas)* vão ter de aprender a ouvir neste Parlamento, o Brasil precisa ser “desbolsonarizado” — atalhou o engenheiro Ivan Valente, 76 anos, do PSOL de São Paulo.

José Nelto Lagares das Mercez, 62 anos, advogado eleito pelo PP de Goiás, começou a gritar: — Milionário do PSOL! — referência depreciativa a um pedido de indenização de Valente, que alega ter sido vítima da ditadura.

O vice-líder do PSOL continuou, como se escutasse somente a própria voz: — Bolsonaro perdeu! Não adianta chorar, não adianta... É genocida! Delinquente! Matador!

Giovani Cherini, 62 anos, um professor eleito pelo PL gaúcho, largou a cuia de cabaça com chimarrão e partiu para o contra-ataque:

— Quem deu a facada no presidente Bolsonaro? — perguntou, evocando a remota filiação ao PSOL do autor do

“O radicalismo corrói o Legislativo e se transforma em desafio para Lira”

atentado em Juiz de Fora (MG), antes das eleições de 2018.

Valente prosseguiu, mais enfático: — Bolsonaro é assassino de índios!

— Quem deu a facada? — repetiu Cherini até obter a resposta óbvia e coerente com o ambiente alucinado: — Foi um maluco, e Vossa Excelência bem sabe disso.

A eloquência das palavras amoladas no desejo de poder, conquistado ou frustrado, perturbou Gilberto Gomes Silva, 41 anos. Ex-policial militar, estreante do PL paraibano, desabafou diante da plateia: — É impressionante! É muito difícil defender o presidente Bolsonaro e ser conservador, seja aqui ou na Paraíba.

Num dos momentos, pela lateral do plenário desfilava um deputado com um exemplar da *Bíblia* sobre a cabeça. Manoel Isidorio de Santana Junior, 60 anos, ex-PM convertido em pastor evangélico, iniciava o segundo mandato pelo Avante da Bahia.

Num corredor paralelo, João Chrisóstomo de Moura, 63 anos, coronel do Exército na reserva eleito pelo PL de Rondônia, alternava intervenções rápidas, preocupado em afir-

mar a própria virilidade: — Eu sou machão, eu sou machão... Olhem bem, vocês da esquerda, cuidado quando falarem contra mim, e não falem mal dos generais! Sou indígena, nasci na Floresta Amazônica, sou filho de tukano. Com "k". É tukano com "k". E sou brabo mesmo...

Depois da invasão depredadora de 8 de janeiro, a Câmara iniciou o ano legislativo numa efervescência achincalhante para a instituição.

Alberto Fraga, ex-policial com 16 anos de mandato, agora pelo PL do Distrito Federal, testemunhou no plenário: — É inacreditável! Vim tomar posse e não tenho onde ficar. O deputado que ocupava o gabinete não deixou nada, chegou ao absurdo de cortar os cabos de rede *(de comunicações)*. Levou todos os móveis. É abuso, é um patrimônio público.

Duas semanas atrás, Arthur Lira brilhou com uma votação recorde (90%) na reeleição para a presidência da Câmara. Agora, se não reagir, corre o risco de assistir à própria liquefação nessa ebulição anárquica do radicalismo parlamentar. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA